

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VANESSA CAROLINE MEZZARI

A LIBRAS COMO ELEMENTO DE ACESSIBILIDADE INFORMACIONAL PARA O
SURDO NO MERCADO DE TRABALHO

CURITIBA

2015

VANESSA CAROLINE MEZZARI

A LIBRAS COMO ELEMENTO DE ACESSIBILIDADE INFORMACIONAL PARA O
SURDO NO MERCADO DE TRABALHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação, Área de concentração: Gestão da Informação e do Conhecimento, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Carmo Duarte Freitas.

CURITIBA

2015

TERMO DE APROVAÇÃO

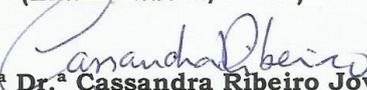
Vanessa Caroline Mezzari

**“A LIBRAS COMO ELEMENTO DE ACESSIBILIDADE INFORMACIONAL
PARA O SURDO NO MERCADO DE TRABALHO”**

**DISSERTAÇÃO APROVADA COMO REQUISITO PARCIAL PARA
OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRA NO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA, GESTÃO E TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, PELA SEGUINTE BANCA
EXAMINADORA:**


Prof.ª Dr.ª Maria do Carmo Duarte Freitas
(Orientadora/UFPR)


Prof.ª Dr.ª Denise Mª W. Carvalho
(Examinadora/UFPR)


Prof.ª Dr.ª Cassandra Ribeiro Joye
(Examinadora/IFET-CEARA)


Prof. Dr. José Elmar Feger
(Examinador/UFPR)

25 de fevereiro de 2015

Aos surdos.
Aos ouvintes.
Aos iguais.
Aos diferentes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus. Este Deus maravilhoso que ocultou as coisas do alto aos sábios e entendidos e as revelou aos pequeninos.

Presto especial agradecimento a minha família. Ao meu pai, Neimar Mezzari, que me ensinou os princípios morais de uma vida íntegra. A minha mãe, Neusa Ivanete Mezzari, que cuida de mim em cada tropeço e me dá seu carinho e amor incondicional. Aos meus irmãos Aline e Alisson Mezzari, com quem aprendi a compartilhar, a respeitar e amar nas diferenças. Ao meu sobrinho André Junior, que recarregou minhas baterias nos momentos de desânimo e cansaço. Aos demais membros da minha grande família, meu muito obrigada!

Ao Marcelo de Campos, que compartilhou comigo os momentos bons e não tão bons que esta caminhada me proporcionou, sempre disposto a me ajudar.

Quero agradecer imensamente à Professora Doutora Maria do Carmo Duarte Freitas, que me transformou em uma pessoa melhor, transmitindo a mim seu conhecimento, me motivando, dando broncas quando necessário e me conduzindo ao meu grande objetivo: tornar-me mestra.

A todas as pessoas que tive a honra de conhecer por meio desse Mestrado: Fran, Talita, Bel, Miguel, Francisco, Gilson, Elias, Alex, Rafael, Esther, Manoel, Perla, Thaianne, Ingrid, Aline, Viviane, Eduardo, Renato, Fernando, Francisco, André e aos demais colegas, muito obrigada!

Aos professores do curso de Pós-graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação, que contribuíram na minha formação acadêmica.

Aos professores que compuseram a minha banca de qualificação e defesa, Cassandra, Denise e Elmar, muito obrigada por todas as contribuições, pela disponibilidade em momentos de dúvida e por aprimorar meu trabalho.

A todos os participantes da pesquisa, em especial os surdos, que se dispuseram a compartilhar comigo um pouco da sua vivência e da sua opinião eu agradeço imensamente.

A minha amiga de infância, Dianne Venson, que leu e contribuiu com este estudo em diversos momentos.

Ao intérprete Roberto, que realizou a tradução da pesquisa para a Libras.

Agradeço também à Secretaria de Estado da Educação do Paraná que contribuiu para que este mestrado fosse realizado

Aos colegas de trabalho do Colégio Estadual Carlos Zewe Coimbra, que compreenderam minha ausência neste período e contribuíram de alguma forma no decorrer da caminhada. Em especial a minha amiga Pricila Parmigiani.

Ao CNPQ e Ministério do Esporte pela oportunidade de ser bolsista no Projeto Pronatec Copa.

A todos vocês que leram ou ainda vão ler este trabalho, meu muito obrigada!

*"Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa.
Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós
mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter
sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-
los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo."
Terje Basilier.*

RESUMO

Vygotsky afirma que a aprendizagem acontece por meio da interação social, mediada por instrumentos e signos, sendo que o principal signo é a linguagem (MOREIRA, 2011). A língua oral é compartilhada pelos ouvintes, enquanto a língua de sinais é compartilhada pelas pessoas surdas; assim surdos e ouvintes, geralmente não compartilham uma língua comum, não interagindo, nem mesmo despertando o compartilhamento de informações e consequente aprendizado. Uma das possibilidades de se garantir o aprendizado é por meio do acesso e uso da informação, que levam de forma subjacente à escolarização, qualificação e inserção no mercado de trabalho. Pesquisa exploratória e descritiva, de natureza aplicada, do tipo mista. Utilizou-se no método de pesquisa uma *survey* com questões direcionadas aos surdos de Foz do Iguaçu com idade entre 15 e 59 anos. Acrescida de entrevistas com empresas e de outro questionário com professores de surdos da mesma cidade. A amostragem é não-probabilística, do tipo intencional. Este estudo analisa a acessibilidade informacional do surdo, bem como sua inserção no mercado de trabalho por meio do uso da Libras. Mapeia as políticas públicas e legislação vigente no Brasil que beneficiam a inclusão social do surdo. Investiga a Libras como elemento de interação social e consequente aprendizagem. Mapeia os motivos que levam o surdo ingressar ou não no mercado de trabalho. Enumera os fatores motivadores da entrada ou não do surdo no mercado de trabalho, pelo viés das empresas. Investiga, sob a ótica dos professores, a realidade vivenciada pelo aluno surdo em sala de aula, que, mesmo de forma subjacente, modifica sua inserção no mercado de trabalho. Os principais resultados levantados foram: importância da língua de sinais na interação do surdo em sociedade; falta de qualificação do surdo como elemento que motiva o seu não ingresso ao mercado de trabalho; falta de comunicação entre surdos e ouvintes como dificuldade no momento de contratar o surdo; dificuldades dos surdos no domínio da Língua Portuguesa; acesso à informação desigual entre surdos e ouvintes; Ensino Médio insuficiente na preparação para o mercado de trabalho; e lei como dispositivo de inclusão social. Conclui que o não compartilhamento de uma língua comum entre surdos e ouvintes é a principal dificuldade enfrentada pelo surdo em sociedade e consequentemente na sua inserção no mercado de trabalho, visto que impede que o acesso e o uso da informação por parte do surdo aconteça de forma espontânea e eficaz. A disseminação da Libras entre os ouvintes é uma das formas de minimizar as barreiras enfrentadas pelos surdos. Empresas, surdos e professores já compartilham este entendimento da importância da língua de sinais para a interação social do surdo, gerando aprendizagem e inserção no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Libras; uso da informação; mercado de trabalho; aprendizagem.

ABSTRACT

Vygotsky states that the learning happens through the social interaction mediated by instruments and signs, being that the main sign is the language (MOREIRA, 2011). The listeners share the oral language, while deaf people share the sign language; thus deaf and listeners usually do not share a common language, not interacting, nor even arousing the information sharing and consequent learning. One of the possibilities to ensure the learning it is by the information access and use, leading in an underlying form the schooling, qualification and insertion into the labor market. It is an exploratory and descriptive research, of applied nature, quantitative and qualitative type. It was used as a research method a survey with directed questions to the deaf of Foz do Iguaçu, aged between 15 and 59 years. Additioned by interviews with companies and another questionnaire with teachers of deaf people in the same city. The sampling is non-probabilistic of the intentional type. This study analyses the informational accessibility of the deaf as well as their insertion into the labor market through the use of Libras. It maps the public policy and current legislation in Brazil, which benefit the social inclusion of the deaf. It investigates the Libras as a social interaction element and consequent learning. It maps the reasons leading the deaf to join or not in the labor market. It lists the motivating factors of the deaf entry or not in the labor market, from the perspective of companies. It investigates, by the teacher's sight, the experienced reality by the deaf student in the classroom, that even the underlying form, modify its insertion in the labor market. The main results raised were: the importance of sign language in the interaction of the deaf in the society; lack of qualification by the deaf, as an element that motivates the not admission in the labor market; lack of communication, between deaf and listeners, as difficulty at the moment of hiring the deaf; difficulties of the deaf people in the field of Portuguese; unequal information access between deaf and listeners; High School insufficient in the preparation to the labor market; and legislation as a device of social inclusion. It concludes that the not sharing a common language between deaf and listeners is the main difficulty faced by the deaf in the society and consequently in his insertion into the labor market, as it impedes that the information access and use, by the deaf happens spontaneously and effectively. The dissemination of Libras between listeners is a way to minimize the barriers faced by the deaf. Companies, deaf and teachers already share this understanding of the importance of sign language for the deaf social interaction, creating learning and insertion into the labor market.

Keywords: Libras; information use; labor market; learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do referencial teórico da pesquisa.....	26
Figura 2: Aprender em Libras.....	28
Figura 3: <i>Learn</i> (aprender) em ASL.....	29
Figura 4: <i>Apprendre</i> (aprender) em LSF.	29
Figura 5: Legislação brasileira referente ao surdo – 1º momento.	37
Figura 6: Legislação brasileira referente ao surdo – 2º momento.	38
Figura 7: Dissertações e teses brasileiras sobre Libras (2009 a 2014).	41
Figura 8: Mapa conceitual dos teóricos da aprendizagem.	50
Figura 9: Pirâmide de fluxos e estoques.	56
Figura 10: Relação triádica da semiótica.	57
Figura 11: Mapa da caracterização da pesquisa.....	81
Figura 12: Perfil dos respondentes surdos: Grupo 1.	128
Figura 13: Perfil dos respondentes surdos: Grupo 2.	129
Figura 14: Perfil dos respondentes surdos: Grupo 3.	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Acontecimentos históricos da linguagem de sinais	34
Quadro 2: Síntese das principais teorias relacionadas à aprendizagem	45
Quadro 3: Abordagens da ciência da informação	51
Quadro 4: Legislação e políticas públicas brasileiras voltadas às pessoas com deficiência	72
Quadro 5: Cursos oferecidos pelo PRONATEC COPA na empresa 2014 dentro do eixo desenvolvimento educacional e social.....	75
Quadro 6: Mitos da língua de sinais.	77
Quadro 7: Questões, objetivos e expectativas da entrevista aplicada junto às empresas.....	86
Quadro 8: Questões, objetivos e expectativas do questionário aplicado com os professores.....	87
Quadro 9: Questões, objetivos e expectativas quanto aos aspectos sociais, linguísticos e trabalhistas do surdo.	92
Quadro 10: Objetivos e expectativas sobre questões relacionadas à linguagem, acessibilidade informacional e mercado de trabalho do surdo.	93
Quadro 11: Síntese das referências e métodos utilizados no estudo.....	98
Quadro 12: Contratação de surdos (Empresa A).	100
Quadro 13: Síntese dos resultados apresentados pelas empresas sobre os surdos, Libras e mercado de trabalho.....	108
Quadro 14: Opinião dos professores sobre a importância em saber a língua de sinais.	109
Quadro 15: Estudo sobre a Libras como elemento de acessibilidade informacional para o surdo no mercado de trabalho.	133

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1: Importância do professor ouvinte saber a língua de sinais.....	110
Tabela 2: Dificuldades do aluno surdo em sala de aula.	111
Tabela 3: Interação do aluno surdo em sala de aula.....	112
Tabela 4: Crença de que a oralização do surdo facilita sua interação.	113
Tabela 5: Percepção do professor sobre a língua e aprendizagem do surdo.	114
Tabela 6: Acessibilidade informacional do surdo.	115
Tabela 7: Preparação do surdo para o mercado de trabalho após o término do ensino médio.....	116
Tabela 8: Conteúdos específicos em preparação para o mercado de trabalho.	117
Tabela 9: Conteúdos relacionados ao surdo e sua inserção no mercado de trabalho.	118
Tabela 10: Resultados do questionário aplicado com os surdos.....	121
Gráfico 1: Assertivas sobre a linguagem do surdo.	122
Gráfico 2: Assertivas sobre a qualificação e mercado de trabalho do surdo.....	124
Gráfico 3: Assertivas sobre a acessibilidade informacional do surdo.....	125
Gráfico 4: Assertivas sobre a inclusão social do surdo.	126

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Apasfi	- Associação de Pais e amigos dos surdos de Foz do Iguaçu
ASL	- <i>American Sign Language</i>
BDTD	- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BRAPCI	- Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
BSL	- <i>British Sign Language</i>
CI	- Ciência da Informação
CF	- Constituição Federal
CM	- Configuração de mão
CNPq	- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
dB	- Decibéis
e-MAG	- Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico
FIC	- Formação Inicial e Continuada
FIFA	- <i>Fédération Internationale de Football Association</i>
IA	- Inteligência Artificial
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	- Instituição de Ensino Superior
IPI	- Imposto sobre produto industrializado
L	- Localização
Libras	- Língua Brasileira de Sinais
Los	- Línguas orais
LS	- Língua de Sinais
LSF	- <i>Langue Des Signes Française</i>
M	- Movimento
MTUR	- Ministério do Turismo
PA	- Ponto de articulação
PcDs	- Pessoas com Deficiência
Pronatec	- Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
SDH/PR	- Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República
SEED	- Secretaria de Estado da Educação do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 PROBLEMA	19
1.2 OBJETIVOS	20
1.2.1 Objetivo Geral	20
1.2.2 Objetivos específicos.....	21
1.3 JUSTIFICATIVA	21
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	25
2 REFERENCIAL TEÓRICO	26
2.1 LÍNGUA DE SINAIS	27
2.1.1 Estrutura e filosofias da língua de sinais	30
2.1.2 História da Língua de Sinais.....	32
2.1.3 Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a legislação	35
2.1.4 Pesquisas recentes em Libras no Brasil.....	40
2.2 LINGUAGEM E APRENDIZAGEM DOS SURDOS	43
2.2.1 Informação e as Teorias da Aprendizagem.....	43
2.2.2 Teorias cognitivas e a Ciência da Informação.....	51
2.3 INFORMAÇÃO, LINGUAGEM E SEMIÓTICA.....	54
2.3.1 Semiótica.....	57
2.3.2 Linguagem de sinais no contexto da semiótica	58
2.4 ACESSIBILIDADE INFORMACIONAL	61
2.5 INCLUSÃO SOCIAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	63
2.5.1 Inserção do surdo no mercado profissional.....	66
2.5.2 Políticas públicas para a inclusão social do surdo no Brasil.....	69
2.6 SÍNTESE DO REFERENCIAL TEÓRICO	76
3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	80
3.1 CENÁRIO: POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	83
3.2 PROTOCOLO E COLETA DE DADOS	85
3.2.1 Entrevista Semiestruturada aplicada com as empresas.....	85
3.2.2 Questionário aplicado junto aos professores.....	87
3.2.3 Questionário aplicado com os surdos	88
3.3 TÉCNICA E FERRAMENTA DE ANÁLISE DOS DADOS	95

4 TRATAMENTO E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	99
4.1 ENTREVISTA APLICADA COM AS EMPRESAS	99
4.1.1 Resultado: Empresa A.....	100
4.1.2 Resultado: Empresa B.....	105
4.1.3 Resultado: Empresa C	107
4.1.4 Síntese dos resultados das empresas.....	107
4.2 RESULTADO DO QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES ...	108
4.3 RESULTADO DO QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS SURDOS.....	119
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	132
5.1 CONDIÇÕES DE ACESSIBILIDADE INFORMACIONAL DO SURDO NO MERCADO DE TRABALHO POR MEIO DA LIBRAS	135
5.2 POLÍTICAS PÚBLICAS E LEGISLAÇÃO VIGENTE QUE BENEFICIAM A INCLUSÃO SOCIAL DO SURDO.....	137
5.3 POTENCIAL DA LIBRAS COMO ELEMENTO DE INTERAÇÃO SOCIAL DO SURDO	138
5.4 DIFICULDADES DA INCLUSÃO DA PESSOA SURDA NO MERCADO DE TRABALHO.....	140
5.5 FATORES MOTIVADORES DA ENTRADA OU NÃO DO SURDO NO MERCADO DE TRABALHO SOB A ÓTICA DAS EMPRESAS.....	141
5.6 REALIDADE VIVENCIADA PELO ALUNO SURDO EM SALA DE AULA SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES	142
6 CONCLUSÕES E SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....	144
6.1 CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA.....	148
6.2 SUGESTÃO DE TRABALHOS FUTUROS.....	149
REFERÊNCIAS.....	151
APÊNDICES	160
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	161
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS SURDOS	163
APÊNDICE C – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA APLICADA COM AS EMPRESAS	166
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES	168
APÊNDICE E – QUADRO DE ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS COM AS EMPRESAS.....	171

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS APRESENTADAS PELOS PROFESSORES DO QUESTIONÁRIO APLICADO.	182
APÊNDICE G – INFOGRÁFICO COMPLETO DO PERFIL DOS RESPONDENTES SURDOS.....	188
APÊNDICE H – VÍDEOS UTILIZADOS NOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS COM OS SURDOS.....	190

1 INTRODUÇÃO

O cenário vivenciado por ouvintes e surdos possui perspectivas diferentes. Uma pessoa surda e uma pessoa ouvinte possuem características próprias; enquanto a primeira desenvolve competências visuais e cinésicas, a segunda se comunica por meio da fala e da audição. Tal contexto permite afirmar que a maneira de se comunicar entre ambas também é diferente: enquanto as pessoas ouvintes se comunicam, acessam e usam informação e aprendem por meio das línguas orais, as pessoas surdas fazem isso por meio da língua de sinais, que é sua língua natural. Conforme assevera Goldfeld (2002, p. 13),

As Línguas de Sinais são línguas naturais, que utilizam o canal visuo-manual, criadas por comunidades surdas através de gerações. Estas línguas, sendo diferentes em cada comunidade, têm estruturas gramaticais próprias, independentes das línguas orais dos países em que são utilizadas. As línguas de sinais possuem todas as características das línguas orais como a polissemia, possibilidade de utilização de metáforas, piadas, jogos de linguagem etc.

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi oficialmente reconhecida como meio de comunicação e expressão da comunidade surda em 2002, por meio da promulgação da Lei n.º 10.436. Os ganhos com este avanço legal foram fundamentais na fomentação de debates e discussões sobre a Libras, ampliando as pesquisas acadêmicas e impulsionando para a criação de normas regulamentadoras e disseminação de políticas públicas. Tais amparos legais e políticas públicas contribuem para o acesso das pessoas com deficiência, entre elas o surdo, no mercado de trabalho. Mesmo assim, existem empresas que acabam atendendo apenas a legislação, não se preparando adequadamente para bem atender esta demanda de pessoas com deficiência no ambiente de trabalho, o que garante a inserção da pessoa com deficiência, porém, sem a verdadeira inclusão social (SANTOS, VIEIRA e FARIA, 2013).

De acordo com Almeida e Costa (2013, p. 126) “O trabalho é hoje considerado sem dúvidas um dos referenciais da dignidade humana, tendo em vista ser ele além de um meio de sustento, uma das formas de realização pessoal e integração do indivíduo na sociedade.” E isso se estende também às pessoas com deficiência. Assim, o mercado de trabalho é entendido como um espaço onde se dão

as relações sociais e é possível, por meio dele, ampliar a inclusão das pessoas surdas num processo bilateral entre empresa e surdos buscando preencher as lacunas comunicacionais existentes (SANTOS, VIEIRA e FARIA, 2013).

Uma forma de preencher tais lacunas é por meio da ampliação da acessibilidade informacional dos surdos que acontece quando a informação se encontra acessível para o uso de forma que este surdo possa acessar e utilizar essa informação facilmente, pois “[...] sem ter acesso às relações comunicativas dentro das organizações, a pessoa com deficiência auditiva passa a sofrer com o isolamento, o qual a distancia dos demais funcionários, privando-a de compreender o que se passa naquele ambiente.” (Ibidem, p. 96).

Neste cenário, buscou-se compreender as relações entre a acessibilidade informacional do surdo no mercado de trabalho por meio da sua linguagem natural, Libras, analisando como o surdo pode ser incluído neste mercado, quais as dificuldades encontradas e quais os meios para se garantir uma inclusão social efetiva dos mesmos.

A primeira oportunidade de pesquisar sobre a Libras surgiu dentro do projeto proposto pelo Ministério do Esporte em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para averiguar os cursos que estavam sendo ofertados pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) para a Copa do Mundo. O grupo de pesquisa ficou responsável pela análise da qualificação do pessoal para a Copa. Dentre os cursos oferecidos e que deveriam ser analisados estava o de Língua Brasileira de Sinais (Libras).

O Pronatec foi criado em 2011 e teve sua demanda ampliada para capacitar os brasileiros para a Copa do Mundo FIFA de Futebol 2014. Surgiu, então, o Pronatec Turismo com suas linhas de ação: Pronatec Copa; Pronatec Copa na Empresa e Pronatec Copa Social. Dentro do Pronatec Copa na Empresa surgiu a oportunidade das empresas brasileiras capacitarem seus colaboradores gratuitamente. Empresas do setor turístico (recepção, alimentos e bebidas, hospedagem e outras) poderiam solicitar juntamente ao Governo Federal, por intermédio das secretarias de turismo, cursos de capacitação para seus funcionários. Dentre os 644 cursos oferecidos pelo Pronatec sete são relacionados à Libras, sendo: Sistema Internacional de Língua de Sinais; Guia Intérprete; Intérprete Gestuno; Introdução à Interpretação em Língua Brasileira de Sinais; Libras Básico; Libras Intermediário e Libras Avançado (MEC, 2013). Para o Pronatec Copa na

Empresas foram escolhidos 54 destes cursos, sendo que para a Libras foram ofertados: Introdução à Interpretação em Língua Brasileira de Sinais; Libras Básico; Libras Intermediário e Libras Avançado.

A partir de então, começaram as investigações para analisar como estava acontecendo a qualificação pelo Pronatec Copa na Empresa no Estado do Paraná. Porém, as investigações empíricas revelaram que em todo o Estado apenas duas empresas haviam solicitado o curso de Libras, totalizando onze alunos.

Diante desse cenário, surgiu o questionamento se de fato havia uma preocupação com o receptivo turístico surdo ou quanto à inserção do surdo no mercado profissional. Percebeu-se que, mesmo diante de uma política pública gratuita, as empresas paranaenses não se interessaram pela oferta dos cursos de Libras, minimizando oportunidades de inserção do surdo no mercado de turismo ou até mesmo bem recebendo enquanto turistas nos mais distintos serviços oferecidos. Passou-se então a buscar repostas sobre as políticas públicas de inclusão dos surdos brasileiros.

As dúvidas levantadas a partir de então culminaram nesta pesquisa, como uma possibilidade de investigar como o surdo percebe sua inserção social por meio do trabalho e de buscar quais as principais barreiras e facilidades encontradas na sua interação social.

Tem-se como pressuposto que a pesquisa parte de um silogismo, onde: a aprendizagem acontece na interação social por meio da linguagem e o trabalho representa um importante meio de interação social, inclusão e demanda conhecimento. Logo, para que o surdo aprenda e consiga se inserir no mercado de trabalho, ele precisa compartilhar uma língua com os demais e ter acesso à informação.

Pressupõe-se que a Língua de Sinais (LS), em especial, a Libras, seja o caminho para essa integração entre surdos e ouvintes. Enquanto o surdo não tem condições de ouvir, o ouvinte tem condição de sinalizar, caso não haja nenhum impedimento físico. A aprendizagem da Libras pelos profissionais de qualquer área amplia a acessibilidade informacional do surdo, contribuindo com sua aprendizagem e consequentemente auxiliando seu ingresso no mercado de trabalho.

1.1 PROBLEMA

De acordo com uma pesquisa empírica realizada junto à Secretaria de Turismo de Curitiba em 2013, apenas duas empresas de todo o Estado do Paraná haviam solicitado cursos de Libras pelo Pronatec Copa na Empresa naquele ano. Este fato conduz a concluir que, no contexto empresarial, há pouco interesse em buscar meios de incluir a pessoa surda. Uma hipótese explicativa é que a falta de informação seja uma das causas, pois o não conhecimento sobre o processo de interação dos surdos gera preconceitos e dúvidas com relação a esta cultura de inclusão. Conforme afirmam Santos, Vieira e Faria (2013, p. 95) “[...] a desinformação é capaz de produzir mitos sobre as pessoas com deficiência auditiva, trazendo consequências diretas na absorção da mão de obra dessas pessoas pelas empresas e na ocupação destas em certos cargos [...]”. Afinal, a deficiência auditiva é invisível aos olhos e não deixa vestígios concretos, pois para a sociedade bem receber, por exemplo, um cadeirante ou um deficiente visual, os meios de se fazer isso se concretizam e são percebidos por meio de rampas, pisos táteis, sinais sonoros em semáforos, meios de transportes adaptados, vagas em estacionamento, enfim, são modificações físicas. Já para bem receber um surdo, a demanda é informacional, pois é preciso que alguém saiba falar outra língua e isto não fica visível aos olhos. E é, a partir disso, que surgem as dificuldades em integrar o surdo na sociedade, pois além de não existirem regras mais eficazes para eles, como para os deficientes visuais ou cadeirantes, essa falta de integração social desencadeia outras restrições aos surdos que possui efeito cascata: acesso à informação, aprendizagem e emprego.

A aprendizagem, como um processo de apropriação de conhecimentos novos, é um direito de todos os cidadãos. Como não existe aprendizagem sem ensino, é possível estabelecer que o ensino-aprendizagem é um direito fundamental. Sabe-se que muitas pesquisas são realizadas todos os anos sobre como funciona o desenvolvimento cognitivo do ser humano e como as pessoas aprendem. Um fator fundamental apontado de forma categórica por Vygotsky em Moreira (2011) é de que não há aprendizagem (ou desenvolvimento cognitivo) sem a interação social e que essa aprendizagem é mediada por instrumentos e signos, onde o principal sistema de signos é a linguagem oral. Sabendo disso, infere-se que a interação

social de uma pessoa que nasce surda é diferente da de uma pessoa ouvinte. Considerando também que todos os indivíduos, independentemente da sua condição auditiva, possuem competência inata para a linguagem (LUFT, 1985), entende-se que o surdo também nasce com esta predisposição a se comunicar com os demais, porém na sua condição desenvolve habilidades viso-espaciais, pois como não possui audição demonstra competências diferentes de um ouvinte.

Diante das análises teóricas sobre a problemática, surgiram os seguintes questionamentos: Quais os elementos que dificultam ou facilitam o acesso do surdo ao mercado de trabalho? Quais os fatores que permitem afirmar que a Libras é a melhor forma de interação social e aprendizagem do surdo? Como o uso da língua de sinais contribui para a qualificação do surdo e consequente ingresso no mercado de trabalho? No universo de tantas interrogações, a pesquisa tem como foco central a seguinte questão: Em que medida o uso da Libras contribui para a acessibilidade informacional do surdo e sua inserção no mercado profissional?

Este estudo pretende explicitar estas respostas contribuindo na inclusão da pessoa surda e despertando, no decorrer da leitura, o interesse pela comunidade surda, mantendo e ampliando a discussão sobre o assunto, para que a aprendizagem e consequente oportunidade da pessoa surda sejam maximizadas, por meio da difusão da Libras entre os ouvintes, como forma de acesso à informação.

1.2 OBJETIVOS

Os objetivos do trabalho desdobram-se em: um objetivo geral que norteia este estudo e cinco objetivos específicos que esmiúçam o objetivo geral.

1.2.1 Objetivo Geral

Investigar as condições de acessibilidade informacional do surdo no mercado de trabalho por meio do uso da Libras.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) mapear as políticas públicas e legislação vigente no Brasil que beneficiam a inclusão social do surdo;
- b) pesquisar o potencial da Libras como elemento de interação social do surdo;
- c) mapear as dificuldades da inclusão da pessoa surda no mercado de trabalho;
- d) enumerar, sob a ótica das empresas, os fatores motivadores da entrada ou não do surdo no mercado de trabalho; e
- e) investigar, sob a ótica dos professores, a realidade vivenciada pelo aluno surdo em sala de aula, que modifica, mesmo que de forma subjacente, seu ingresso no mercado de trabalho.

1.3 JUSTIFICATIVA

Ao se observar o desinteresse na aprendizagem da Libras no contexto empresarial paranaense, despertou-se a motivação em estudar a inserção do surdo no mercado de trabalho e os motivos que o levam a entrar ou não no mesmo. Acredita-se que a dificuldade na aprendizagem por causa das barreiras linguísticas seja um desses motivos, pois conforme assevera Quadros (2008, p. 22-23) “Apesar de não haver um levantamento exaustivo sobre o desempenho escolar de pessoas surdas brasileiras, os profissionais e a sociedade surda reconhecem as defasagens escolares que impedem o adulto surdo de competir no mercado de trabalho”.

Uma das causas dessas defasagens escolares parece estar implícita nas teorias de Vygotsky, quando afirma que é por meio da interação social que acontece a aprendizagem (MOREIRA, 2011). Os surdos, muitas vezes, têm essa interação reduzida, pois se comunicam predominantemente com os membros de sua comunidade que possui número reduzido, se comparados aos ouvintes. É oportuno que as pessoas ouvintes, entre estas os profissionais da informação, aprendam a língua de sinais para que possam se comunicar com as pessoas surdas, garantindo a elas o acesso à informação, integrando-as à sociedade. Nessa perspectiva, apresenta-se a primeira justificativa:

a) **Social:** necessidade da ampliação da rede de comunicação das pessoas surdas, por meio da disseminação da Libras aos ouvintes, expandindo a interação social dos surdos, facilitando a sua aprendizagem e dando subsídios para que possam competir e ingressar no mercado de trabalho, pois conforme afirmam Andrade e Alves (2011, p. 08): “Para o ser humano não há inclusão social sem que haja comunicação, a carência da mesma acarreta diversos tipos de males para o deficiente auditivo, que infelizmente ainda é marginalizado [...]”.

Contribuir na inclusão social da pessoa surda, abrange também a disseminação da Libras entre as pessoas ouvintes, e como assevera Fernandes (2006, p. 19) este conhecimento deve alcançar, principalmente, os professores, pois:

Obviamente, o conhecimento da língua de sinais por parte do professor contribuiria positivamente nesse processo. Mesmo que ele não possa ministrar aulas em Libras e português, o que é um processo linguístico inviável (ninguém pode falar duas línguas ao mesmo tempo), a fluência mínima permitiria a interação verbal significativa em sala de aula, oportunizando uma compreensão mais clara das muitas singularidades apresentadas pelos surdos na escrita.

b) **Acadêmica:** além da justificativa social, buscou-se embasamento para a justificativa acadêmica. Para tal, foi realizada uma pesquisa na Base de Dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que apresenta de forma unificada teses e dissertações de diversas universidades brasileiras. A intenção desta averiguação consiste em identificar quem e onde está sendo realizada a pesquisa sobre a Língua Brasileira de Sinais no território brasileiro, com o objetivo de traçar um panorama do que vem sendo pesquisado no Brasil sobre Libras nos últimos seis anos. Para atender esta demanda, fez-se uma pesquisa exploratória na base com a palavra Libras. Foram recuperados 231 resultados dentro de um espaço temporal abrangente que foi delimitado para os anos de 2009, 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014, o que diminuiu o número de resultados para 143; destes, 12 possuíam *links* quebrados, não sendo possível o acesso ao documento original, restando 131 resultados pertinentes à pesquisa que foram catalogados e analisados, conforme a Figura 7, que está no referencial teórico, onde se verificou que:

- a) A pesquisa sobre Libras está concentrada nos Estados de São Paulo (35,87%) e Rio Grande do Sul (12,97%);
- b) A região norte apresenta irrisórios 0,76% do total da pesquisa;

Caso fosse estabelecido um *ranking* para identificar qual região do país tem a maior concentração de pesquisas em Libras, de acordo com o resultado desta pesquisa, seria:

1º Sudeste:	48,85%;
2º Sul:	22,12%;
3º Nordeste:	17,59%;
4º Centro-Oeste:	10,68%;
5º Norte:	0,76%.

Percebeu-se que 34,35% das pesquisas concentram-se na área de letras/linguística; 32,06% estão pesquisando a Libras dentro da área da educação; 5,34% em psicologia, esta mesma porcentagem também em Educação Especial e saúde. As demais teses e dissertações estão distribuídas em menores quantidades dentro das áreas de antropologia, artes, gestão do conhecimento, informática, computação, tecnologias, administração, cognição, distúrbios do desenvolvimento, engenharias, geografia e odontologia, o que corresponde a 17,56% do total, são 23 trabalhos individuais com temas isolados.

Uma limitação desta pesquisa é o fato de que a BDTD tem 96 universidades cadastradas, não abrangendo o total de instituições do país. Outra limitação da pesquisa foi sua realização em apenas uma base de dados nacional e com apenas um item de busca; tal limitação se deu pelo fator tempo. É preciso registrar que outras palavras poderiam ser utilizadas, como 'surdez'. Para suprir esta demanda apresenta-se o estudo de Cardoso e Lima (2013).

Cardoso e Lima (2013) demonstraram interesse em identificar quantitativamente o que a Ciência da Informação vem pesquisando sobre os surdos. Para isso, realizaram uma pesquisa na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) com o termo "surdo", para identificar a quantidade de artigos publicados na área. Foram recuperados 31 artigos, entre os anos de 2001 e 2013, distribuídos entre cinco periódicos da área, onde se observou que a área de formação predominante entre os autores é a educação, verificando-se a estreita relação que esta mantém com a Ciência da Informação. As autoras perceberam com esses resultados que existem poucos pesquisadores da área da CI estudando sobre a surdez. E argumentam que:

Além disso, especificamente no âmbito informacional, há o entendimento de que o surdo é capaz de ler, em Português, logo não necessitaria de nenhuma condição especial de acessibilidade no ambiente informacional. Contudo, o surdo enfrenta claras barreiras na comunicação. Os meios e suportes informacionais no geral não privilegiam sua condição linguística e cultural. Essa barreira comunicativa dificulta o acesso e uso da informação, afastando o surdo da biblioteca e dos espaços culturais. Acreditamos que nossa pesquisa poderá contribuir para a inclusão dos surdos nos espaços informacionais. (CARDOSO E LIMA, 2013, p. 7).

Essa situação de afastamento dos ambientes informacionais contribui também para o distanciamento do mercado de trabalho, visto que são ambientes de aprendizagem.

Temas relevantes que abordam a inclusão social devem ser explorados e estudados por todos os programas de pós-graduação, inclusive em Ciência da Informação, visto que existe uma lacuna informacional para a inclusão dos surdos. Assim, é preciso ampliar os estudos na área da Ciência da Informação sobre as pessoas surdas, assumindo o seu caráter interdisciplinar, e contribuindo na inclusão do surdo por meio da acessibilidade informacional.

Além disso, a obrigatoriedade da inclusão da disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura, fonoaudiologia e educação especial, regulamentado pelo Decreto n.º 5.626/2005, sustenta essa visão de se incluir e ampliar dentro da academia as discussões e contribuições sobre a pessoa com deficiência, de modo especial neste contexto, o surdo.

c) **Pessoal e Profissional:** Por fim, devido ao vínculo empregatício que esta pesquisadora mantém com a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), e à licença especial que usufrui para concluir o mestrado, existe uma obrigatoriedade de que o tema escolhido esteja relacionado à educação.

Diante da vasta possibilidade em escolher um assunto relacionado, este em especial foi despertado pelo interesse na inclusão de pessoas surdas, agregando ao programa de pós-graduação novas possibilidades de discussões teóricas e empíricas para a Ciência da Informação por um viés social.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta dissertação está organizada em seis capítulos, sendo que o Capítulo I, do qual este texto faz parte, está organizado de forma que se apresente o escopo do estudo. Onde se apresenta o projeto de pesquisa com seus elementos estruturais: introdução do trabalho, problema da pesquisa, objetivos geral e específicos e justificativa acadêmica, social, pessoal e profissional e estrutura do trabalho.

O segundo capítulo é composto do embasamento teórico entendido como pertinente à realização desta pesquisa: o referencial teórico. Nele, apresentam-se os autores e suas contribuições, está organizado em subseções que abordam os seguintes temas: Libras (estrutura, filosofias, história, legislação e pesquisas recentes); linguagem e aprendizagem dos surdos (teorias cognitivas e a Ciência da Informação); Informação, linguagem e semiótica (linguagem de sinais no contexto da semiótica); acessibilidade informacional; inclusão social da pessoa com deficiência (inserção do surdo no mercado profissional; políticas públicas para a inclusão social do surdo no Brasil).

O capítulo 3 apresenta a metodologia utilizada no trabalho. Neste ponto do texto fica expressa a forma como a autora conduziu a pesquisa, descrevendo de forma detalhada o como foi feito este estudo. Apresenta o tipo de pesquisa, os instrumentos utilizados, o universo e amostra da pesquisa. Este capítulo compila o passo a passo do trabalho, ou seja, como ele foi realizado.

No quarto capítulo, apresentam-se o tratamento dos dados e os resultados da pesquisa que foi aplicada. Estes resultados estão subdivididos entre os resultados dos instrumentos aplicados com os surdos, com as empresas e com os professores.

A análise e discussão dos resultados está presente no quinto capítulo, onde acontecem as discussões sobre o que os resultados sugerem, onde são tecidos comentários com alusão ao referencial proposto.

No sexto e último capítulo, encontram-se as conclusões, contribuições da pesquisa e sugestões para trabalhos futuros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O mapa do referencial teórico apresentado na Figura 1 apresenta os temas discutidos neste estudo que servem de base para responder a questão de pesquisa e os objetivos.

Figura 1: Mapa do referencial teórico da pesquisa.



Fonte: Da Autora (2015).

Em um primeiro momento será abordado o tema Libras, apresentando sua estrutura, as filosofias existentes, a sua história e legislação. Depois, pelo fato da língua ser essencial para o processo de aprendizagem, serão apresentadas as teorias da aprendizagem traçando um paralelo com a aprendizagem dos surdos e a Ciência da Informação. Em seguida será tratado sobre a informação e a acessibilidade informacional, direcionando as discussões ao contexto dos surdos. Na sequência será abordado o tema mercado de trabalho para o surdo e as políticas públicas que interferem direta ou indiretamente neste mercado. Por fim, buscando maior aderência ao programa, será trabalhado sobre a Libras no contexto da semiótica. E todos os temas convergem para a inclusão do surdo e sua consequente inserção no mercado de trabalho.

2.1 LÍNGUA DE SINAIS

O ser humano possui como característica a habilidade inata para adquirir uma linguagem (LUFT, 1985). Trata-se da abordagem inatista de Chomsky, que relaciona a aquisição da linguagem às características biológicas (FERREIRA, 2010). Este estudo não adota as abordagens de Chomsky, mas coaduna com o pensamento de que todo ser humano tem uma organização biológica para a comunicação. Não somente os ouvintes para a fala, mas os surdos para a língua de sinais. Conforme corroboram Meir e Sandler (2007, p. 2) “É como se o nosso instinto comunicativo fizesse a língua surgir em ondas sonoras produzidas pelo aparelho vocal e percebidos pelas orelhas se este canal está disponível; se não, a linguagem vem através das mãos, rosto e corpo, e é percebida pelos olhos” (tradução nossa). Pedrett (2010) ratifica essas assertivas, quando afirma que:

O processo de aquisição da linguagem de uma criança surda ocorre através do contato com indivíduos adultos surdos e com outras crianças. Tal fator é fundamental para que ocorra um input linguístico (conjunto de sentenças ouvidas num contexto) propício à aquisição de uma língua, nesse caso, a Libras – Língua Brasileira de Sinais. Diante desse quadro, podemos afirmar, à luz da teoria de Chomsky, que isso se dá porque há uma estreita relação entre a capacidade inata e biológica, habilidade circunscrita no cérebro do indivíduo, com os aspectos ambientais que permitem o desenvolvimento da linguagem. (PEDRETT, 2010, p. 72).

A competência para a aquisição da língua de sinais é inata das pessoas que já nascem surdas. Existem os surdos pré-linguais e os pós-linguais, os primeiros apresentam a surdez antes do desenvolvimento da fala e os segundos já tinham sido oralizados quando perderam a audição (SACKS, 1990; SANTANA, 2007).

Diante de uma situação de surdez, seja ela pré ou pós lingual, e assumindo a comunicação como inerente ao ser humano, a língua de sinais se apresenta como uma forma eficaz de comunicação para a pessoa surda. Pereira (2013) apresenta o conceito de comunicação, afirmando que ele é um constructo formado de diferentes conceitos: sujeitos, objetos, linguagem, discursos, enunciados, interações, experiências, circunstâncias. O mesmo autor (2013, p. 15) afirma que a comunicação “[...] é o conjunto desses elementos imbricados que engendram o conceito de comunicação”.

Logo, é necessária a presença da linguagem, que é a habilidade que o ser humano tem de usar a língua para se comunicar, para que a comunicação aconteça.

Conforme assevera Pereira (2013, p. 7) “[...] a comunicação enquanto conceito sintetiza o modo como os sujeitos se apropriam da linguagem para desenvolver seus discursos e enunciados buscando o modo de organização dos sentidos através dos gestos, palavras e imagens [...]”.

Para entender como funciona a sinalização das línguas de sinais, apresentam-se nas figuras 2, 3 e 4, em três línguas de sinais distintas, a palavra aprender: em *American Sign Language (ASL)*, *Langue Des Signes Française (LSF)* e Língua Brasileira de Sinais (Libras). As imagens foram retiradas da internet e de artigos, e foram confirmadas em dicionários *online* de cada uma das línguas, que apresentam os sinais em vídeos:

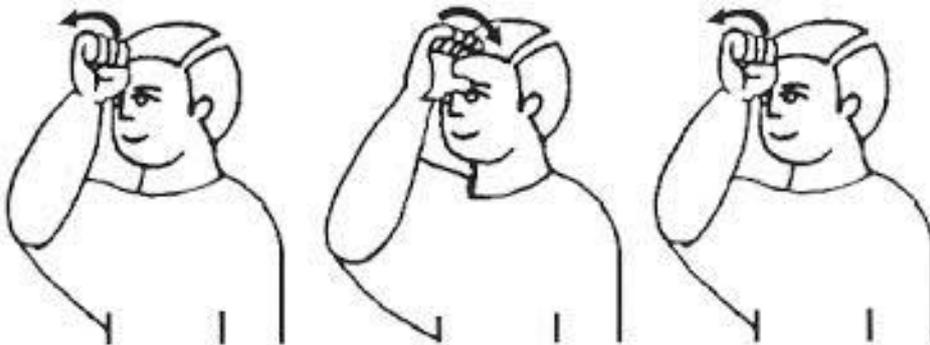
Libras: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/Libras/>

ASL: <http://www.aslpro.com/cgi-bin/aslpro/aslpro.cgi>

LSF: <http://www.sematos.eu/lst-p-apprendre-8911-fr.html>

Na figura 2, o sinal para *aprender* em Libras, é feito pela configuração de mão ‘s’, sendo o ponto de articulação em frente à testa e o movimento é abrir e fechar a mão.

Figura 2: Aprender em Libras.



Fonte: Bordinhon (2010)

A Figura 3 representa o sinal de *learn* em ASL que começa com uma mão esticada em frente ao tronco (palma virada para cima) e a outra mão vem sobre a palma como se fosse pegar algo, sendo levada desta forma até a testa.

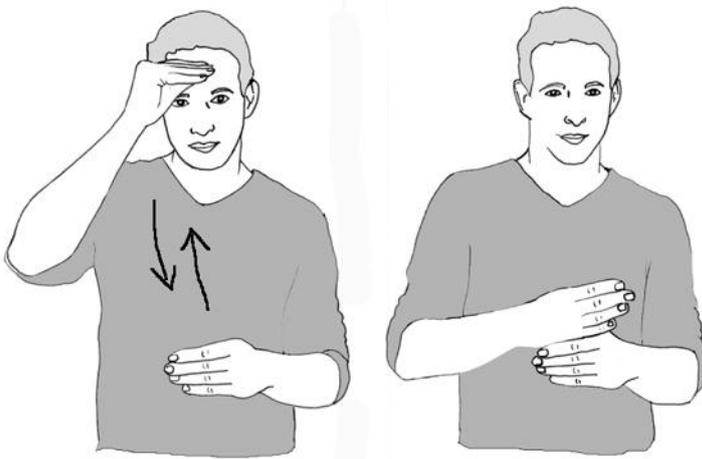
Figura 3: *Learn* (aprender) em ASL.



Fonte: <http://lifeprint.com/asl101/pages-signs//learn.htm>¹

O sinal *apprendre* em LSF está representado na Figura 4. Ele começa com as duas mãos sobrepostas na posição horizontal com as palmas viradas para o tronco e com os polegares escondidos por trás dos outros dedos e a mão que está em cima vai e volta até a testa.

Figura 4: *Apprendre* (aprender) em LSF.



Fonte: LANGUE (2014)²

Os sinais da palavra 'aprender' em três línguas de sinais diferentes apresentam configurações de mão (CM), pontos de articulação (PA) e movimentos (M) distintos, conforme Figuras 2, 3 e 4, o que demonstra a não universalidade das

¹ American Sign Language University (ASLU) é um site com recursos e informações em línguas de sinais para que estudantes e professores possam aprender e melhorar sua sinalização em ASL.

² Blog francês que oferece diversas informações sobre os surdos: língua de sinais francesa; história; artigos; vídeos e outros tópicos interessantes.

línguas de sinais e que elas não se compõem apenas de sinais iconográficos ou mímicas.

Um ponto comum nas línguas de sinais, de acordo com Meir e Sandler (2007), se apresenta por duas razões, primeiro é o fato de que todas elas se manifestam pela modalidade viso-manual. E segundo, são línguas recentes, pois para que um sistema comunicativo se torne coeso é preciso que exista uma comunidade, e estas surgem principalmente nas escolas, algo relativamente novo.

Até aqui, um primeiro contato com a língua de sinais foi estabelecido para que o leitor aprendesse um pouco sobre a língua dos surdos. Mas ainda é preciso compreender qual a estrutura da língua de sinais e quais as filosofias existentes para que, no decorrer do trabalho, se compreenda os termos utilizados.

2.1.1 Estrutura e filosofias da língua de sinais

Para compreender a estrutura e as filosofias que compõem a Libras, faz-se necessário entender primeiro qual a definição desta língua. De acordo com Roa (2012, p. 23) “[...] é uma língua natural que utiliza o meio espacial onde é propagada e as mãos para produzir os elementos cinelógicos necessários para compor os itens lexicais – não holísticos – que serão articulados entre si para formar sentenças”. Complementando isso, também formam a língua as expressões faciais e corporais que, pelo fato de transmitirem dados linguísticos, são consideradas componentes gramaticais capazes de transmitir significado. (ROA, 2012).

Leite (2008) afirma que Stokoe apresentou em 1960 que a língua de sinais possuía estrutura como quaisquer outras línguas, pois era formada de um número finito de sinais que podem se reorganizar de diversas formas formando infinitas possibilidades de significado,

Stokoe chamou esses elementos de *queremas* (do grego *khéir*, mãos) por acreditar que a denominação *fonema*, com sua etimologia relacionada ao som, fosse por demais enviesada pelos estudos das Ls. Inicialmente foram três os aspectos propostos como componentes da estrutura interna dos sinais (Stokoe, 1960): a configuração de mão, ou CM (originalmente denominada *designator*); a localização ou L (originalmente denominada *tabula*); e o movimento, ou M (originalmente denominado *signation*). (LEITE, 2008, p. 21).

No transcorrer de seu desenvolvimento a língua de sinais apresentou quatro métodos, filosofias ou fases de ensino ao surdo com o objetivo de promover a sua inserção social: oralismo; bimodalismo; comunicação total e bilinguismo.

O oralismo é uma filosofia que apresenta a característica de recuperação do surdo da sua deficiência e não permite o uso da língua de sinais (QUADROS, 2008). Método que ensina a língua oral oficial de seu país, por meio de: “treinamento auditivo, exercícios fono-articulatórios, e leitura orofacial” (FERREIRA 2010, p. 30). Quanto se trata do oralismo, Quadros (2008, p. 22) é categórica “[...] o oralismo sempre foi e continua sendo uma experiência que apresenta resultados nada atraentes para o desenvolvimento da linguagem e da comunidade dos surdos”.

No bimodalismo os sinais são utilizados seguindo a estrutura da língua oral; por exemplo, no Brasil seria o português sinalizado. (QUADROS, 2008).

O bimodalismo pretende, assim, resolver o problema do ouvinte, indisposto a aprender uma língua diferente da sua e de mudar de perspectiva em relação aos surdos e à surdez, e de deixar de fazer acordos que autorizam o surdo a usar sinais em troca de fala. [...] Um outro motivo que subjaz a utilização do bimodalismo, pelo ouvinte, é o temor de ser lento, desajeitado e ridículo. Este medo parece ser mais evidente nos professores de surdos do que em outros enunciadores bimodais ouvintes. (BOTELHO, 2005, p. 128-130).

Além da filosofia que prega o bimodalismo, existe também a Comunicação Total. Esta filosofia começou nos Estados Unidos por volta de 1970 (ROA, 2012) quando Dorothy Schifflet, professora e mãe de surdo, passou a utilizar diferentes práticas para se comunicar com o filho (FERREIRA, 2010). A comunicação total “[...] combinava língua de sinais em adição à língua oral, leitura labial, treino auditivo e alfabeto manual, designando-o ‘Abordagem ou Comunicação Total’.” (ROA, 2012, p. 17). Ferreira (2010, p. 36) cita os mesmos recursos, porém em outros termos: “[...] sinais, leitura orofacial, uso de aparelhos de amplificação sonora e alfabeto digital”.

O bilinguismo, de acordo com Quadros (2008), estava em uma fase de transição, onde os estudos apontavam para uma proposta bilíngue na educação dos surdos. A autora garante que isto aconteceu porque “As comunidades surdas estão despertando e percebendo que foram muito prejudicadas até então e estão percebendo a importância e valor da sua língua, isto é a Libras” (p. 26). O bilinguismo garante à pessoa surda o direito de ser ensinada em sua língua natural (sinais), como também aprender a língua oral oficial do seu país (no caso do Brasil a Língua Portuguesa) na modalidade escrita ou oral. (FERREIRA, 2010).

Botelho (2005) afirma que para que uma pessoa surda se torne letrada pela abordagem bilíngue é necessário que se utilize a língua de sinais no ensino de todas as disciplinas. Para a autora, outro ponto importante nessa abordagem é o fato de que a comunidade escolar saiba a língua de sinais. A língua oral predominante no país é ensinada ao surdo como língua estrangeira, sendo que para aprender a língua estrangeira é imprescindível ter aprendido primeiro a língua de sinais.

A língua de sinais possui características próprias e está em constante processo de mudança, pois se procura uma melhor forma de ensinar as pessoas surdas por meio de diferentes métodos. Mas aprender a língua de sinais também é vantajoso para o ouvinte, pois “a língua de sinais é armazenada num banco de memória diferente do que a língua falada, criando-se, assim, duas fontes independentes para ativar o banco de memória” (ROA, 2012, p. 31).

Adquirido o conhecimento sobre a língua de sinais, sua estrutura e filosofias, é pertinente entender como foi o percurso histórico desta língua, evidenciando as lutas, estigmas e vitórias alcançadas pela comunidade surda.

2.1.2 História da Língua de Sinais

Historicamente, a situação dos surdos, durante muito tempo, foi de exclusão social, pois eram declarados incompetentes perante a lei que negava seus direitos fundamentais. Foi apenas em meados do século XVIII que essa situação começou a se reverter em favor dos surdos. Quando o Abade de l'Épée, na França, passou a se interessar por essas minorias, por julgar injusto o fato de que eles viviam e morriam sem a absolvição, sem o catecismo, privados das escrituras e das palavras de Deus, é que a história da linguagem de sinais começou a mudar (SACKS, 1990).

Sacks (1990) e Lima e Barreto (2011) comentam que o Abade de l'Épée aprendeu a linguagem de sinais com surdos que vagavam por Paris e passou a associar essa linguagem à imagens e palavras, ensinando os surdos a ler e escrever. Seu único equívoco foi pensar que a linguagem de sinais precisava seguir uma gramática igual à francesa da época, equívoco que persistiu por sessenta anos “[...] até que *Roch-Ambroise Bébien*, discípulo de Sicard, percebendo claramente que a linguagem de sinais natural era autônoma e completa, acabou com os ‘sinais

metódicos’, a gramática importada”. (SACKS, 1990, p. 36). Abade Sicard foi sucessor de l’Epée.

Uma curiosidade histórica apontada por Sacks (1990) é que depois de tantos avanços no uso da linguagem de sinais pelos surdos e ouvintes, por volta da década de 1870 os acontecimentos tomaram outra direção. Surgiram indagações sobre a verdadeira importância dos sinais e se o uso deles não reduziria a interação social dos surdos, pois restringia sua comunicação a um pequeno grupo (geralmente de surdos) que sabia a língua. Apareceram nessa época oralistas convictos, como Alexander Graham Bell que aproveitou da sua autoridade e prestígio para defender o oralismo. “[...] e no famoso Congresso Internacional de Educadores de Surdos realizado em Milão em 1880, no qual os professores surdos foram excluídos da votação, o oralismo venceu e o uso de Sinal em escolas foi ‘oficialmente’ proibido.” (SACKS, 1990, p. 44). O avanço do oralismo e a supressão do uso da linguagem de sinais resultaram na deterioração das conquistas educacionais que vinham sendo alcançadas pelos surdos. (SACKS, 1990; LIMA e BARRETO, 2011). Ferreira (2010, p. 29) corrobora que “As consequências do Congresso de Milão foram bastante malélicas para as comunidades surdas em todo o mundo, responsável pela interrupção, por mais de um século, do uso da língua de sinais, na educação”.

Foi só na década de 1960 e início de 1970 que professores, psicólogos, historiadores e pais de pessoas surdas passaram a se interrogar sobre o que estava acontecendo, chegando ao conhecimento do público sob a forma de romances, reestabelecendo a linguagem de sinais (SACKS, 1990).

O Quadro 1 apresenta eventos marcantes relacionados à linguagem de sinais na França, Estados Unidos e Brasil, identificando no tempo o momento em que a língua de sinais inicia sua trajetória na França, em meados de 1750, continuando com a ampliação da língua por meio de livros publicados, escolas fundadas e outros. Percebe-se também o lapso temporal dos acontecimentos da supressão da língua de sinais e apologia exclusiva ao oralismo entre meados de 1860 e 1960. É perceptível também que, mesmo com atraso, a proibição da língua de sinais também chega ao Brasil em 1881.

Quadro 1: Acontecimentos históricos da linguagem de sinais

Ano	País	Acontecimento
1755	França	Criação da primeira escola para surdos a utilizar como método de ensino a linguagem de sinais;
1776		O livro de De l'Épée foi publicado pela primeira vez;
1791		A escola de De l'Épée torna-se o Instituto Nacional para Surdos-Mudos;
1799		Pierre Desloges publica o primeiro livro escrito por um surdo;
1817	Estados Unidos	Laurent Clerc e Thomas Gallaudet criam o Asilo Americano para Surdos, em Hartford;
1856	Brasil	Ernest Huet (surdo francês) chegou ao Brasil trazendo o alfabeto manual francês e alguns outros sinais que foram incorporados aos sinais próprios do país, criando a Língua Brasileira de Sinais;
1857		Criado o Instituto dos Surdos-mudos do Rio de Janeiro, que em 1957 passa a se denominar Instituto Nacional de Educação de surdos (INES);
1864	Estados Unidos	Criada a primeira instituição de Ensino Superior especificamente para os surdos;
1873	Brasil	Flausino José de Gama fez a iconografia dos sinais brasileiros;
1878	França	I Congresso Internacional sobre a Instrução de Surdos;
1880	Itália	II Congresso Internacional – reafirmação do oralismo;
1881	Brasil	A língua de Sinais foi proibida;
1911		O Instituto Nacional dos surdos-mudos estabelece o oralismo como método de ensino dos surdos;
1960	Estados Unidos	William Stokoe publica " <i>Sign Language Structure</i> ", pois percebe que a linguagem de sinais possui léxico e sintaxe.
1980	Brasil	Início de um novo modelo: o bilinguismo. Sendo a língua de sinais a primeira língua;
1987		Fundada a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS);
1994	Espanha	As Nações Unidas discutem e aprovam a Declaração de Salamanca que, entre outros pontos relevantes, garante o direito das crianças com necessidades especiais frequentarem turmas regulares, inclusive os surdos, por meio da língua de sinais específica de seu país;
1996	Brasil	Promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) regulamentando a Constituição Brasileira;
1999	Guatemala	Convenção Interamericana para eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência;
2001	Brasil	Sancionado o Decreto 3956/2001 assumindo o compromisso com a Convenção Interamericana;
2002		Sancionada a Lei que torna a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua oficial;
2004		Fundada a Confederação Brasileira de Surdos (CBS);
2005		Sancionado o Decreto n.º 5.626 que regulamenta a Lei de Libras;

Fonte: Adaptado de Sacks (1990); Monteiro (2006); Valiante (2009); Lima e Barreto (2011).

Roa (2012, p. 15) sintetiza o histórico dos surdos apresentado no Quadro 1: "O período de 1870 foi a fase áurea para os surdos, mas a corrente oralista voltou-se contra o uso da língua de sinais pelos surdos e para os surdos, de tal modo que, em 20 anos, se desfez o trabalho de um século".

O Quadro 1 apresenta os fatos relevantes para a língua de sinais brasileira, por isso são apresentados momentos históricos da França, pois o Brasil possui influência da língua de sinais desse país. Apresentam-se também fatos dos Estados Unidos, pois a história da língua de sinais do país foi semelhante à brasileira.

Guatemala, Espanha e Itália estão presentes no Quadro 1, pois foram palco de discussões e eventos históricos que influenciaram tanto o Brasil, como o resto do mundo. Por estes motivos não estão presentes no Quadro 1 países dos demais lugares do mundo.

Um país que está avançado nas lutas e conquistas em prol dos surdos é a Suécia. Botelho (2005) afirma que no ano de 1981, na Suécia, a língua de sinais daquele país foi reconhecida e o método bilíngue foi implantado como proposta educacional para os surdos. “Três circunstâncias promoveram e sustentam a continuidade do modelo bilíngue na Suécia: a pesquisa sobre a língua de sinais, a participação da Comunidade Surda e a cooperação das organizações de pais de surdos”. (BOTELHO, 2005, p. 114).

Apenas a título de curiosidade, apresenta-se, por exemplo, trechos da história da língua de sinais de Hong Kong. Em 1935 foi fundada por missionários a primeira escola para surdos em Hong Kong que utilizava uma abordagem oralista. Outro elemento relevante é a influência que a Segunda Guerra Mundial teve para o fechamento e a abertura das escolas para surdos. Em 1948 foi fundada a “*Overseas Chinese School for the Deaf and Dumb*” que utilizava a linguagem de sinais como método de ensino. (SZE, *et. al.*, 2013).

Após o entendimento do processo sócio-histórico vivenciado pela comunidade surda e da importância que a língua de sinais representa nesta cultura, verificou-se a pertinência em aprofundar o tema focando no cenário brasileiro por meio da análise da legislação brasileira relacionada.

2.1.3 Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a legislação

A educação das pessoas surdas se modificou no decorrer do tempo. Em uma visão histórica holística os surdos passaram por diferentes períodos: conforme retrata Carvalho (2010), antes do advento do cristianismo as pessoas que apresentavam algum tipo de deficiência eram vistas como estorvos ou até mesmo relacionadas ao demônio, e deste modo eram excluídas e por vezes sacrificadas. Até meados de 1700 os surdos eram totalmente excluídos da sociedade, vistos como doentes, incapazes de adquirir uma linguagem e erroneamente chamados de

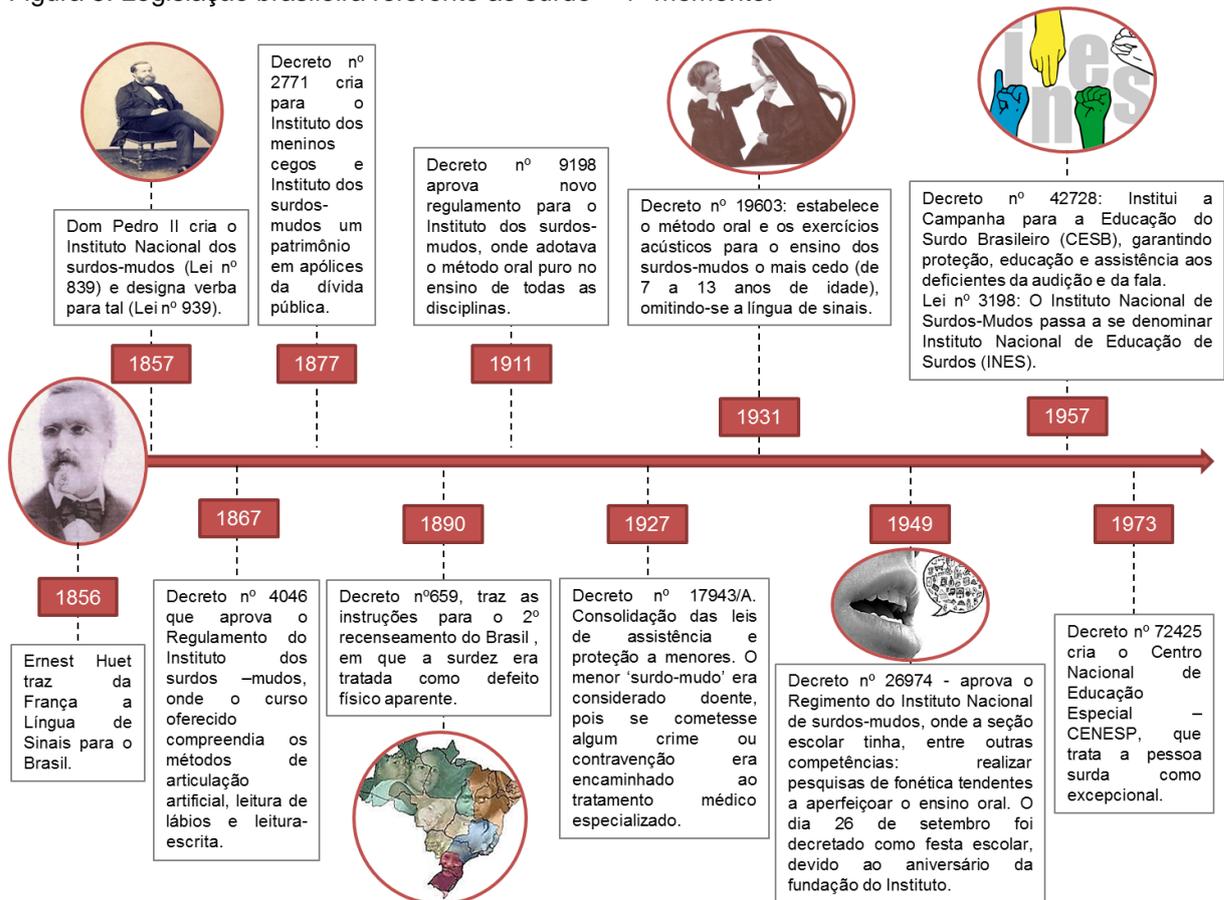
surdos-mudos. Na França, de acordo com o que se tem publicado, o Abade de l'Épée se interessou por essa minoria social e percebeu a importância da linguagem de sinais para a aprendizagem e desenvolvimento cognitivo dos surdos. Foi um apogeu que durou pouco tempo. Os oralistas proibiram a língua de sinais impondo o seu método para a aprendizagem dos surdos com a justificativa de que esta era a única forma do surdo interagir na sociedade. Durante anos, perseveraram em descobrir a cura para a surdez e fazer com que o surdo falasse a todo custo, renegando-se a língua de sinais. Até que em 1960 William Stokoe quebra o antigo paradigma de que os gestos realizados pelos surdos eram apenas mímica, afirmando que esse conjunto de sinais possuía estrutura gramatical própria, sendo considerado como língua.

Diante desse cenário de lutas dos surdos em busca dos seus direitos, percebeu-se a necessidade de identificar como aconteceu a evolução da legislação brasileira relacionada aos surdos. Para tal, realizou-se uma pesquisa no site oficial da Câmara Legislativa <www2.camara.leg.br> com a palavra "surdo" na ferramenta de busca. Foram recuperados 1592 resultados que foram filtrados apenas pelo tema "legislação", restando 476 respostas, entre elas Leis ordinárias, decretos e medidas provisórias. Dos resultados foram dispensados aqueles que se referiam às receitas ou despesas; sílabas surdas; loterias; medidas provisórias e/ou que não apresentavam em seu conteúdo relevância à pessoa surda. As legislações pertinentes foram dispostas cronologicamente em duas linhas do tempo, organizadas em dois momentos: 1º - de 1856 a 1973 (oralismo): período em que o surdo era denominado surdo-mudo e a legislação enfatizava o oralismo como método de ensino; 2º - de 2002 até os dias de hoje (2014) (bilinguismo): a legislação reconhece a língua de sinais como método de ensino-aprendizagem do surdo e dá providências quanto à inclusão da pessoa surda. A definição dos anos está associada à legislação encontrada na pesquisa, porém se sabe que o bilinguismo começou a ser praticado no Brasil por volta de 1980 (NASCIMENTO, *et. al.*, 2011). Esses dois momentos podem ser identificados pelas Figuras 5 e 6.

Na Figura 5 verifica-se o histórico legislativo brasileiro referente às pessoas surdas de 1857 a 1973. Neste período, no Brasil, a surdez foi tratada como doença, como é verificado nos Decretos nº 17943/A/1927 e 659/1890. Já nos demais decretos apresentados, evidencia-se que o oralismo é visto como método eficaz para o desenvolvimento da pessoa surda. A Figura 5 gera o entendimento que

mesmo que Ernest Huet tenha trazido a língua de sinais para o Brasil em 1856, esta ficou à margem da legislação brasileira, que durante décadas não admitiu legalmente a sua existência e importância na cultura surda, enfatizando apenas os métodos orais.

Figura 5: Legislação brasileira referente ao surdo – 1º momento.



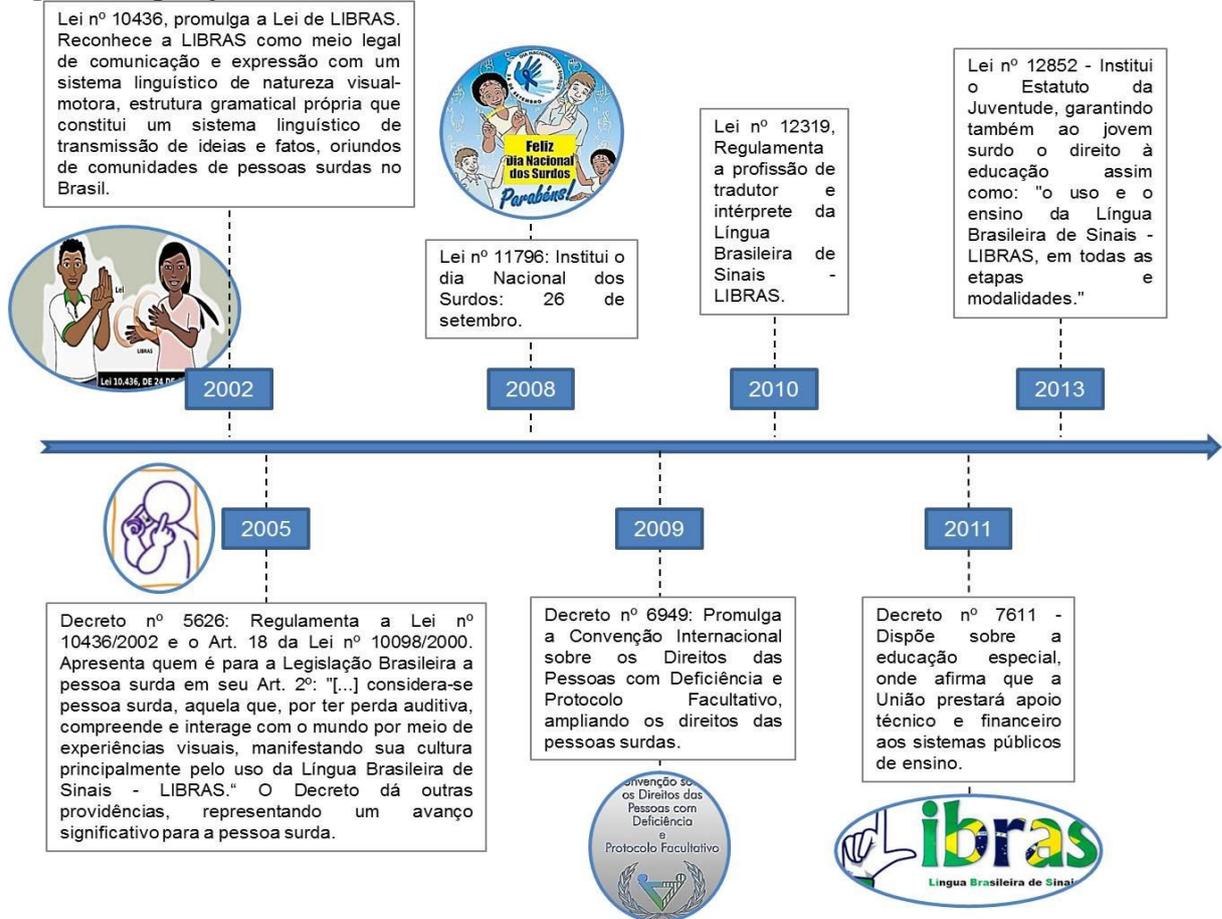
Fonte: Da Autora (2015).

Da Figura 5 para a Figura 6 existe um lapso temporal de praticamente três décadas na legislação brasileira (1973 a 2002). Mesmo que as leis tenham ficado estagnadas, infere-se que esse intervalo foi marcado como uma época de lutas, pois desde 1980 o bilinguismo passou a ser praticado no Brasil (NASCIMENTO, *et. al.*, 2011), porém não estava amparado por nenhuma legislação que oficializasse a Língua Brasileira de Sinais e estabelecesse políticas públicas como forma de inclusão da pessoa surda na sociedade Brasileira e preservação da sua cultura.

A Figura 6 demonstra a mudança desse cenário. Em 2002 é promulgada a Lei nº 10.436 que reconhece a língua de sinais como meio de comunicação e expressão da comunidade surda; em 2005 é sancionado o Decreto nº 5626 que

entre outros avanços, determina quem é o surdo no Brasil e torna obrigatório o ensino de Libras nos cursos de fonoaudiologia, licenciaturas, educação especial e pedagogia. Em 2008 o surdo ganha um dia Nacional de Comemoração: 26 de setembro. Pelo Decreto nº 6949/2009; Decreto nº 7611/2011 e Lei nº 12.852/2013, outros direitos são garantidos aos surdos.

Figura 6: Legislação brasileira referente ao surdo – 2º momento.



Fonte: Da Autora (2015).

Em termos de importância, a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, promulgada pelo então Presidente Fernando Henrique Cardoso, estabelece um marco inicial para que outras providências sejam tomadas em prol da pessoa surda quando estabelece que:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Desde o momento em que a Lei de Libras foi sancionada, foi estabelecido, não só tácita, mas explicitamente pelo Estado o valor da língua de sinais no cenário nacional brasileiro, sendo agora obrigatório o estabelecimento de políticas públicas para atender à nova demanda legal criada. É pertinente frisar que a legislação não deve ser vista apenas como uma obrigação, mas sim como forma de transformação social. No caso específico da comunidade surda deve promover a inclusão e difundir a língua de sinais tanto às pessoas surdas como às ouvintes, para estreitar as relações sociais entre ambas.

A relevância de se declarar um direito está expressa nas palavras de Cury (2002, p. 259):

Declarar um direito é muito significativo. Equivale a colocá-lo dentro de uma hierarquia que o reconhece solenemente como um ponto prioritário das políticas sociais. Mais significativo ainda se torna esse direito quando ele é declarado e garantido como tal pelo poder interventor do Estado, no sentido de assegurá-lo e implementá-lo. [...] Declarar é retirar do esquecimento e proclamar aos que não sabem, ou esqueceram, que eles continuam a ser portadores de um direito importante. Disso resulta a necessária cobrança deste direito quando ele não é respeitado.

Depois da Lei 10.436/2002, outra conquista foi a promulgação do Decreto n.º 5.626 de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a Lei de Libras. Neste decreto ficou assegurado aos surdos: o direito à educação em sua primeira língua (Libras); as funções do intérprete da Língua Brasileira de Sinais em espaços públicos, educacionais e de comunicação; a obrigatoriedade do ensino de Libras nos cursos de formação de professores (nível superior e médio) e de fonoaudiologia; a garantia do direito à saúde, entre outros.

O caminho para as conquistas de uma minoria social é longo e exige discussões e amadurecimentos. A ampliação da legislação brasileira é o resultado das intervenções do Estado em favor dos surdos. Esse cenário repercute diretamente nas pesquisas acadêmicas; logo, no próximo tópico, serão apresentadas as contribuições e discussões teóricas e empíricas que estão acontecendo no Brasil.

2.1.4 Pesquisas recentes em Libras no Brasil

Em recente pesquisa realizada junto à base de dados da BDTD em 2014, levantaram-se as principais contribuições teóricas que vêm sendo estudadas no Brasil em um período de seis anos (2009/2014). Este cenário de estudos e discussões está representado na Figura 7: Dissertações e teses brasileiras sobre Libras (2009 a 2014). Foi mapeada na Figura 7 a quantidade de estudos em Libras dentro de determinadas áreas de conhecimento, destacando-se as que apresentaram maior incidência na pesquisa, entre elas está: linguística, educação, psicologia e saúde. Em termos numéricos as demais áreas de conhecimento estão representadas pela palavra “outras”.

Nesse mapa se observa a predominância de estudos no Estado de São Paulo que apresenta sete universidades com pesquisas na área. Depois, o Estado do Rio Grande do Sul, com seis universidades pesquisando sobre o tema. Outra análise que pode ser realizada é a de que pesquisa-se muito sobre Libras nas áreas de linguística e educação. Juntas, estas áreas representam 66,41% das teses e dissertações catalogadas dentro da BDTD, na busca com a palavra “Libras”. Outra evidência que a Figura 7 aponta é a escassez de publicações na região norte do Brasil que apresenta uma única publicação no Estado de Roraima.

O mapa identifica as Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil e segmenta o número de trabalhos de acordo com as áreas de conhecimento com maior frequência de pesquisas em Libras.

Dentre tantas dissertações e teses catalogadas, apresentar-se-á, com maior aprofundamento, aquelas que estão relacionadas com esta pesquisa. A escolha dos estudos mais condizentes foi feita por conveniência da autora, que de acordo com os títulos e resumos lidos, fez a escolha.

Figura 7: Dissertações e teses brasileiras sobre Libras (2009 a 2014).



Fonte: Da Autora (2015).

A contribuição de Moura (2009) está em apresentar em seu estudo “Concepções e práticas de ensino em uma sala de aula na educação bilíngue”, as diferenças teóricas entre bilinguismo, bilíngue e escola bilíngue. A autora afirma que com as recentes modificações legislativas da Lei de Libras e Lei regulamentadora que estabelecem a obrigatoriedade da Libras como disciplina nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia e sendo optativa nos demais: “Já começam a ser criadas condições para o atendimento e a inclusão nas escolas regulares dos usuários das Línguas Brasileira de Sinais” (p. 34). Para a autora, oferecer a segunda língua como disciplina não significa que a escola esteja ofertando uma educação bilíngue. As escolas que ensinam por meio de duas ou mais línguas, sendo objeto e

meio de ensino aprendizagem, estas sim são chamadas bilíngues. As escolas em Libras-português para surdos são exemplos de escolas bilíngues. A pesquisa de Moura (2009) foi realizada em uma escola bilíngue de português/inglês, por isso apenas algumas contribuições pontuais foram apresentadas.

Roa (2012) em seu estudo intitulado: “Libras como segunda língua para crianças ouvintes: avaliação de uma proposta educacional” apresenta a importância de se ensinar Libras às crianças. Traz argumentos que justificam os motivos pelos quais a língua de sinais deva ser ensinada às crianças, visto que adolescentes e adultos possuem dificuldade em aprender uma segunda língua e já interiorizaram preconceitos. A pesquisa é quantiqualitativa e foi realizada por meio de observação participante, gravação de vídeos, diários de campo, entrevistas e questionários. Foi ministrado um curso de Libras para crianças entre 6 e 7 anos de idade em uma escola municipal. As professoras de Libras eram surdas e no decorrer do processo foi percebido que as crianças desenvolveram habilidades em Libras, mesmo que não tenham adquirido a proficiência na segunda língua, devido à curta duração do curso. Os pais também foram entrevistados, e de acordo com eles, seus filhos demonstraram interesse na nova língua. Os alunos se sensibilizaram com a língua de sinais e perceberam a importância que a Libras tem no momento de interagir com uma pessoa surda. Outras opiniões foram levantadas, como das professoras surdas, da pedagoga da escola, de outra pedagoga surda, da coordenadora da escola e de um professor surdo de fora (por meio das filmagens e diário) que evidenciaram a importância de se ensinar Libras às crianças no processo de inclusão dos surdos.

Ferreira (2010) discute sobre como as crianças ouvintes conseguem se adaptar linguisticamente para conseguirem se comunicar com seus interlocutores. Neste estudo, foram observadas e descritas as estratégias que as crianças ouvintes utilizam para se comunicar com as crianças surdas, e se percebeu que esta comunicação acontece num *continuum* que vai de gestos já compartilhados tanto pelas crianças ouvintes quanto pelas surdas até compartilharem sinais, e nesta relação elas vão construindo os sentidos destes sinais para interagir.

2.2 LINGUAGEM E APRENDIZAGEM DOS SURDOS

O aprendizado é, de acordo com o Dicionário Houaiss, de Houaiss e Villar (2009, p. 165), o “1 ato, processo ou efeito de aprender; aprendizagem”. Sendo que o vocábulo *aprender* significa “1 adquirir conhecimento (de), a partir de estudo instruir-se 2 adquirir habilidade prática (em) 3 vir a ter melhor compreensão (de algo)”. Sendo seu parônimo apreender “1 assimilar mentalmente, abarcar com profundidade, compreender, captar” (*Ibidem*, 2009, p. 165). Deste modo, infere-se que a aprendizagem acontece como um processo de apropriação de conhecimentos.

2.2.1 Informação e as Teorias da Aprendizagem

A aprendizagem é diferenciada entre cognitiva, afetiva e psicomotora, embora a aprendizagem cognitiva sempre acompanhe uma das outras duas. (MOREIRA, 2011).

Quer dizer, a distinção é mais uma questão de foco: a aprendizagem cognitiva é a que focaliza a cognição, o ato de conhecer; a aprendizagem afetiva é a que trata mais de experiências tais como prazer e dor, satisfação ou descontentamento, alegria ou ansiedade; a aprendizagem psicomotora se ocupa mais de respostas musculares adquiridas por meio de treino e prática. (*Ibidem*, 2011, p. 13).

Moreira (2011) afirma que Piaget, Vygotsky, Ausubel, Novak, Skinner entre outros autores, desenvolveram teorias, direta ou indiretamente relacionadas com o processo de aprendizagem, que contribuem e implicam de forma significativa para o entendimento do processo cognitivo dos indivíduos e as maneiras de como fazer para desenvolvê-lo. Moreira (2011) apresenta em seu livro “Teorias de Aprendizagem” os diferentes enfoques desenvolvidos por estes e outros teóricos da aprendizagem. Para Moreira (2011, p. 12) “[...] uma teoria é uma tentativa humana de sistematizar uma área de conhecimento, uma maneira particular de ver as coisas, de explicar e prever observações, de resolver problemas”.

No Quadro 2 visualiza-se a informação inerente aos principais conceitos teóricos abordados por esses autores e que amiúde são utilizados no entendimento e aperfeiçoamento das teorias sobre aprendizagem. O Quadro está organizado da seguinte maneira: na primeira coluna estão apresentadas as abordagens referentes às teorias da aprendizagem: comportamentalista, cognitivista, comportamentalista/cognitivista, cognitivista/humanista, humanista e Gestalt. Na segunda coluna estão relacionados os teóricos, na abordagem da Gestalt estão listados três autores. Por fim, na terceira coluna, apresentam-se traços relevantes da teoria. O Quadro 2 foi construído com base em Moreira (2011), de forma sintetizada, resgata as informações consideradas relevantes ao tema em estudo.

Para um entendimento aprofundado sobre cada um é necessário recorrer à bibliografia original. A intenção do estudo é a abordagem teórica dos autores e a construção com o leitor de uma interpretação do que vem a ser o processo do desenvolvimento cognitivo, ou seja, da aprendizagem, como apropriação de novos conhecimentos. Mesmo que as teorias apresentadas tenham relação quase que exclusiva para a aprendizagem de ouvintes, é possível identificar questões, sejam elas históricas ou metodológicas relacionadas aos surdos.

Quadro 2: Síntese das principais teorias relacionadas à aprendizagem

Abordagem	Teórico(s)	Traços da teoria
COMPORTAMENTALISTA	Watson	Teoria conexionista. Considera que o comportamento (resposta) está relacionado com os estímulos (eventos anteriores) e com as consequências (eventos posteriores). Discute mais os estímulos do que as respostas. Interessou-se em discutir sobre a conexão entre o estímulo e a resposta, ocorrendo em contiguidade. Para ele os humanos nascem dotados de reflexo (conexão de estímulo-resposta), porém no decorrer da vida, pode-se construir uma multiplicidade de novas conexões estímulo-resposta . Apresenta os princípios de frequência e recentidade, que significam que quanto mais se associa uma resposta a um estímulo e quanto mais recente isso acontecer, é mais provável que se associe novamente.
	Thorndike	Teoria conexionista. Para este autor a aprendizagem acontece por meio da relação estímulo-resposta , que decorrem de três leis principais: 1) Lei do efeito: consequências positivas sugerem que as respostas serão repetidas ao mesmo estímulo, conceito de reforço positivo e negativo; 2) Lei do exercício: com a prática as conexões são fortalecidas (uso) e na descontinuidade (desuso) acontece o enfraquecimento das conexões; 3) Lei da prontidão: o indivíduo está preparado para a ação, se a ação for concretizada será satisfatória, se não, será irritante.
	Skinner	Condicionamento operante. Analisa as variáveis de estímulo (instigam o comportamento) e resposta (comportamento observável). Estímulo-resposta.
COMPORTAMENTALISTA / COGNITIVISTA	Gagné	A teoria de Gagné transitou de uma vertente predominantemente Behaviorista (com ênfase no comportamento) para outra cognitivista (destacando os processos mentais); “Ao longo dessa evolução foram incorporadas à teoria três componentes principais: 1) uma série típica de eventos que acompanham cada ato de aprendizagem; 2) uma taxonomia de resultados de aprendizagem; 3) condições específicas necessárias para alcançar cada resultado” (MOREIRA, p. 65-66). O ponto chave da teoria de Gagné está relacionado ao processamento de informações . Para ele, a aprendizagem acontece na cabeça do indivíduo, sendo uma mudança interior que se manifesta na mudança de comportamento de forma persistente.
	Hebb	Apresenta uma teoria neuropsicológica que transita entre o behaviorismo e o cognitivismo, pois não está preocupado apenas com o estímulo e a resposta, mas também com o processo (pensamento) que acontece na mente do indivíduo. Hebb estuda os processos, ou seja, o que acontece entre o estímulo e a resposta. O modelo de Hebb é predominantemente neurobiológico. Moreira (2011, p. 36) sintetiza que “A hipótese de que a transmissão repetida de impulsos entre duas células leva a uma facilitação permanente da transmissão de impulsos entre essas células é central no modelo de Hebb”. Assim, para Hebb, a aprendizagem acontece quando a transmissão entre as unidades neurológicas sofre uma facilitação de forma permanente.
	Tolman	Também é um teórico que transita entre o behaviorismo (comportamento intencional) e o cognitivismo (mediado por cognições). Para ele, o comportamento era intencional, pois é a intenção que leva ao comportamento, não a recompensa em si. Tolman realizou experimentos com ratos e com isso pode argumentar que “[...] a aprendizagem envolve o desenvolvimento de mapas cognitivos , que são representações internas de relações entre objetivos e comportamentos[...]” (MOREIRA, p. 42).

COGNITIVISTA	Piaget	Teoria construtivista. Teoria de desenvolvimento mental. Apresenta os períodos de desenvolvimento cognitivo vivenciados pelos indivíduos: sensório-motor; pré-operacional; operacional-concreto; operacional-formal. Afirma que o desenvolvimento cognitivo acontece por meio de: - assimilação (percepção do meio onde a mente não se modifica); - acomodação (quando esquemas mentais anteriores não conseguem executar a assimilação, então a mente desiste ou se modifica, no caso de se modificar acontece a acomodação, levando a novas formas de assimilar); - e equilíbrio (equilíbrio que se estabelece no transcorrer do processo de assimilação e acomodação). Em síntese: “[...] só há aprendizagem (aumento de conhecimento) quando o esquema de assimilação sofre acomodação ” (MOREIRA, 2011, p. 102).
	Bruner	Currículo em espiral: o conteúdo deve ser revisto sempre pelo indivíduo de forma mais aprofundada para que ele preencha lacunas , resolva problemas, estabeleça relações conceituais, a fim de que aconteça uma aprendizagem significativa. Acredita que o desenvolvimento cognitivo se dá pela representação do meio onde se está inserido. Propõe, de forma muito semelhante aos modelos de Piaget, fases de representações pelas quais as pessoas passam, sendo elas: representação ativa; representação icônica e representação simbólica. No decorrer de seus estudos, Bruner modificou alguns antigos conceitos apresentados, principalmente quanto a sua visão de que as representações do indivíduo são estabelecidas de forma individual, aceitando a ideia de Vygotsky do desenvolvimento cognitivo centrado na interação social.
	Vygotsky	É por meio da interação social que o indivíduo desenvolve sua cognição . Esse processo de aprendizagem acontece de forma mediada (mediação) por instrumentos e signos. A linguagem é a principal forma de converter relações sociais em funções mentais superiores, é o signo mais importante para o desenvolvimento cognitivo. Vygotsky argumenta que para que a aprendizagem aconteça efetivamente é preciso que esteja dentro de uma zona de desenvolvimento proximal, ou seja, no limite entre aquilo que o indivíduo já conhece e com o qual consegue resolver novos problemas sem auxílio, e aquilo que pode resolver com a ajuda de outros. Teoria construtivista. “[...] o desenvolvimento cognitivo não pode ser entendido sem referência ao contexto social, histórico e cultural [...]” (MOREIRA, 2011, p. 120).
	Ausubel	Aprendizagem significativa. Focado na aprendizagem cognitiva, o autor afirma que o elemento principal para que o processo de aprendizagem aconteça é a identificação do que o aluno já sabe, os chamados subsunçores, que funcionam como âncoras/base para que novas informações sejam processadas e transformadas em conhecimento pelo indivíduo. Para que a aprendizagem seja efetivamente significativa, é preciso que o indivíduo encontre significado naquilo que está aprendendo, esteja predisposto a se apropriar das novas informações, associando conceitos novos aos anteriores, não de forma arbitrária. Teoria construtivista.
	Kelly	Abordagem construtivista. Teoria fundada nos construtos pessoais em que as interpretações do mundo são pessoais podendo ser modificadas e substituídas (alternativismo construtivo), e que o homem seria melhor compreendido se fosse analisado num contexto mais amplo de tempo. Estabelece os corolários de como todo esse processo de alternativismo construtivo acontece. Na análise de Moreira (2011, p. 135) fica evidente como essa teoria coaduna com a aprendizagem: “No ensino, é igualmente necessário considerar que o conhecimento a ser ensinado é também um sistema de construção. As teorias, os princípios, os conceitos são construções humanas e, portanto, sujeitas a mudanças, reconstruções, reorganizações. Se o conhecimento humano é construído , não tem sentido ensiná-lo como se fosse definitivo”.

COGNITIVISTA /HUMANISTA	Novak	Apresenta a Teoria de Educação, colaborando com a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel, com um argumento principal de que a aprendizagem significativa subentende à integração entre pensamentos, sentimentos e ações de forma construtiva, que conduzem ao engrandecimento humano, ampliando o entendimento de aprendizagem significativa quando considera que os sentimentos e ações também formam esse conceito. Considera que o ser humano não apenas pensa, mas também sente e atua, por isso o processo de ensino-aprendizagem é uma ação com o objetivo de trocar significados e sentimentos.
	Gowin	Estabelece uma relação triádica entre professor, aluno e materiais educativos, onde essa relação é estabelecida pelo compartilhamento de significados. Para o autor, o ensino-aprendizagem se efetiva quando os significados compartilhados são próximos, ou seja, quando o significado que o material quer transmitir e que o professor reforçou é captado pelo aluno. “Se é alcançado o compartilhar significados, o aluno está pronto para decidir se quer aprender significativamente ou não”. (MOREIRA, 2011, p. 187).
HUMANISTA	Rogers	Psicólogo, Rogers apresenta uma terapia centrada no cliente. Nas suas análises ele percebe que o indivíduo possui tendências à autorrealização. Nesse cenário, se estabelece uma aprendizagem significativa, em que o indivíduo utiliza a informação para se modificar, se estendendo também a outras áreas humanas que se modificam no processo de aprendizagem, não somente o cognitivo, mas também o afetivo e o psicomotor.
	Freire	Acredita na libertação dos indivíduos criticando o que chamou de educação bancária onde o professor deposita conhecimentos no aluno e é o centro detentor do conhecimento, enquanto o aluno fica inerte apenas absorvendo as informações. Freire acredita que para que essa realidade seja modificada é preciso que a educação seja libertadora, dialógica e realizada com amor. Dialógica no sentido de que a aprendizagem acontece num ambiente social, não isoladamente; libertadora, pois não existem verdades absolutas; e a educação só existe na presença de um sentimento maior: o amor, pois somente quem ama consegue entender que todos estão em processo de aprendizagem. Para Freire ninguém sabe ou desconhece tudo, todos têm algo para aprender ou ensinar.
GESTALT	Wertheimer Köhler Koffka	Teoria que provém da palavra alemã Gestalt que significa organização, forma; referindo-se ao todo. Este todo não é a simples soma das partes, por isso qualquer evento mental não pode ser estudado ou entendido por meio do estudo de suas partes isoladas, mas sim em uma análise holística. Esta abordagem também é dita como fenomenológica. A teoria Gestalt apresenta o conceito de <i>insight</i> , que é entendida como a percepção, por um indivíduo, de forma súbita, das relações existentes entre os componentes de uma situação problemática. Os principais teóricos da Gestalt são: Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Koffka.

Fonte: Adaptado de Moreira (2011).

De acordo com Tenor (2008, p. 13), as teorias que tratam da aquisição da linguagem são: “[...] comportamentalista, inatista, cognitivista, pragmática e interacionista”. Neste estudo, dar-se-á ênfase nas teorias comportamentalistas, cognitivistas e humanistas, pois se pretende atrelar a linguagem com a aprendizagem, não apenas discutir o processo de aquisição da língua, mas como esta contribui no processo de aprendizagem do indivíduo, evidenciando o aprendizado dos surdos e a Libras como elemento importante para sua inserção social no mercado.

As abordagens comportamentalistas apresentam relação com a história e métodos de educação dos surdos, pois estão atreladas ao modelo oralista, (BOMFIM e SOUZA, 2010) que consistia no treino do estímulo-resposta. Estimular o ouvido, estimular a voz, até obter uma resposta, e com a frequência dessa repetição, fortalecer as conexões. O comportamento do surdo (oralização) era visto, então, como resultado da aprendizagem.

O processo de ensino-aprendizagem dos surdos possui relação também com as teorias cognitivistas. Ferreira (2010) aponta as relações entre a aprendizagem dos surdos e as teorias sociointeracionistas de Vygotsky, Bruner, Piaget e Bakhtin e Volochinov. Nessa abordagem, estes autores não investigam questões neurofisiológicas que envolvem a aquisição da linguagem, mas se interessam nas trocas comunicativas das crianças com seus interlocutores para que com estes, adquiram a linguagem e conseqüentemente aprendizagem (FERREIRA, 2010). A autora conclui:

Pensando a criança surda, estes construtos teóricos se revelam bastante úteis, à proporção que destacam a relevância das relações sociais e linguísticas na constituição do indivíduo e, conseqüentemente, implicam a consideração do meio social como o foco de análise das interações que envolvem essa criança. Pode-se, ainda, deduzir que os problemas comunicativos e cognitivos vivenciados pela criança surda são provocados pela sua inadequada inserção ao meio social. (FERREIRA, 2010, p. 43).

Nessa perspectiva, entende-se a linguagem como elemento essencial ao desenvolvimento cognitivo dos surdos. Não uma linguagem oral mecanizada, que não estimula os processos mentais superiores, mas sim uma linguagem natural dos surdos, a linguagem de sinais que proporciona o desenvolvimento cognitivo. Nas palavras de Goldfeld (2002, p. 113), “Podemos perceber que, realmente, em nível cognitivo, a língua de sinais pode e deve resolver dificuldades como o

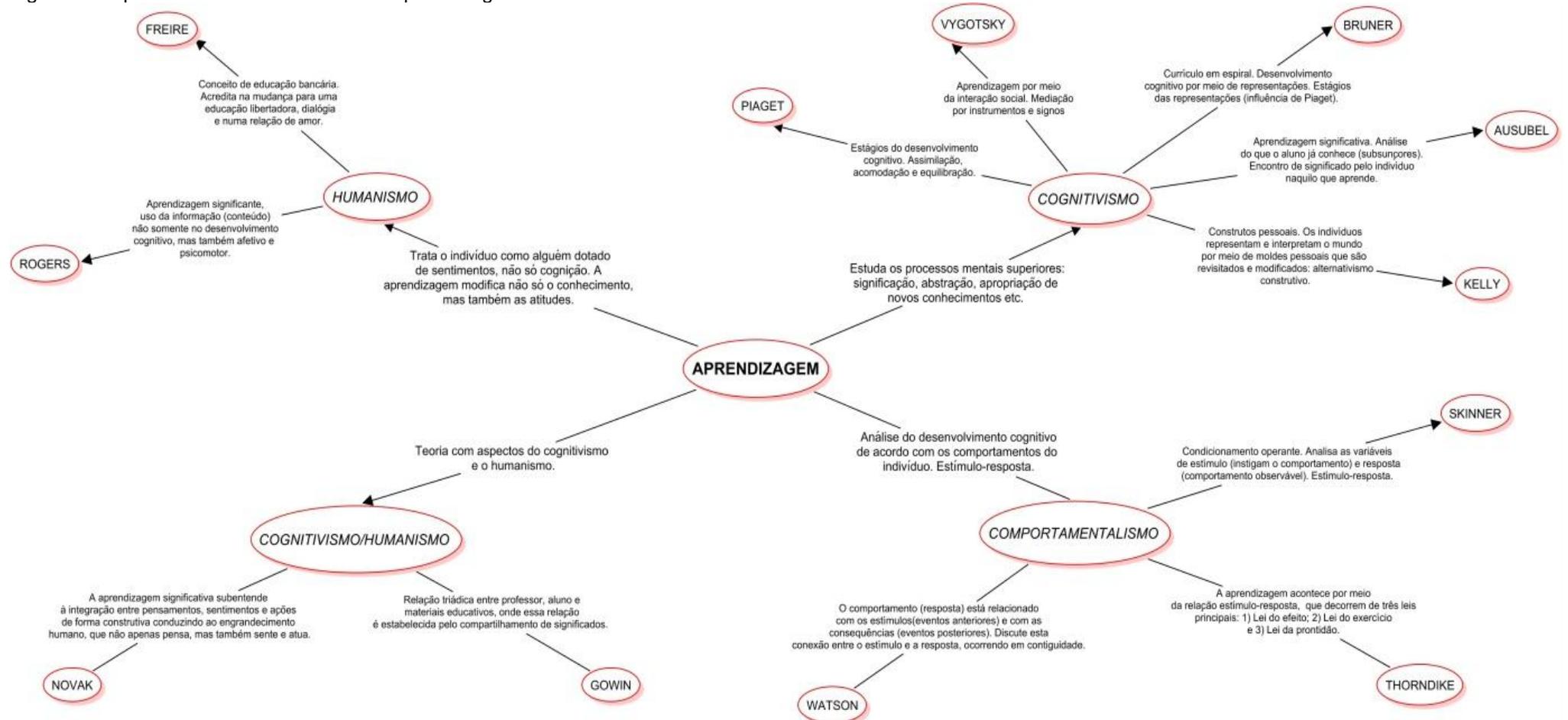
desenvolvimento das funções mentais superiores, que necessitam da linguagem como mediadora [...]”.

Os autores Kelly e Ausubel, em Moreira (2011), também estão presentes na abordagem cognitivista e suas teorias convergem com a aprendizagem dos surdos. A aprendizagem significativa proposta por Ausubel pode ser estendida às pessoas surdas, visto que estes precisam ver significado naquilo que aprendem e o processo de construção do conhecimento se dá por meio dos conhecimentos adquiridos anteriormente. Kelly apresenta sua teoria com relação à construção do conhecimento do homem e sua visão de mundo.

Com relação à abordagem humanista, percebe-se na fala de Rogers e Freire a visão do homem dotado de sentimentos, intenções, atitudes, que refletem no processo de ensino-aprendizagem, pois o desenvolvimento cognitivo reflete também a identidade da pessoa, na forma como vivencia, constrói representações e compreende o mundo. Nessa perspectiva o indivíduo que aprende é colocado no centro do processo de aprendizagem (MOREIRA, 2011).

A Figura 8 apresenta um mapa conceitual das teorias apresentadas de forma sintetizada, para visualização das teorias, autores e principais características apresentadas.

Figura 8: Mapa conceitual dos teóricos da aprendizagem.



Fonte: Da Autora (2015), adaptado de Moreira (2011).

As discussões apresentadas apontam para um aprofundamento nas discussões sobre a inserção das teorias cognitivas (aprendizagem) sob a ótica da ciência da informação, visto que esta se trata de uma ciência interdisciplinar. Assim, o próximo tópico busca estreitar as relações entre cognição e informação.

2.2.2 Teorias cognitivas e a Ciência da Informação

A Ciência da Informação é discutida como interdisciplinar por sua abrangência em diferentes áreas do conhecimento. Pinheiro (2005) apresenta essa interdisciplinaridade em um levantamento bibliográfico, histórico e crítico da evolução da Ciência da Informação (CI), apontando os autores que corroboram com a ideia: Borko (1968), Saracevic (1992), Capurro (1992), Pinheiro (1997). Este entendimento pode ser exemplificado no estudo apresentado por Saracevic (1996, p. 48) onde aponta que a Ciência da Informação se relaciona com: “[...] biblioteconomia, ciência da computação, ciência cognitiva (incluindo inteligência artificial – IA) e Comunicação”.

A Ciência da Informação apresenta em seu transcorrer histórico-científico abordagens teóricas, dispendo em seus períodos de paradigmas que foram se estabelecendo conforme os conceitos e olhares sobre a área se modificavam. No Quadro 3 se verifica os diferentes paradigmas da área: cognitivo, físico e social. O primeiro trata a informação como um estado de processos mentais relacionados ao indivíduo; o segundo trata a informação como ‘coisa’ e o último percebe a informação como fenômeno social (NASCIMENTO, 2006).

Quadro 3: Abordagens da ciência da informação

Paradigmas	Abordagens	Processos	O olhar
Cognitivo	Indivíduo	Psicológicos	Organização e Tratamento da Informação
Físico	Sistema	Tecnológicos	
Social	Domínio	Sociais e Culturais	Informação Construída

Fonte: Nascimento (2006, p. 31).

De acordo com Dal'Evedove e Fujita (2013), o paradigma físico se tornou obsoleto, pois estava centrado apenas na informação como tecnologia, esquecendo da importância do ser humano no processo. No paradigma cognitivo, enfatizou-se o

indivíduo como produtor de informação isolado. Para Silva e Farias (2013) o paradigma cognitivo não supre as perspectivas da Ciência da Informação, pois sua construção deve ser feita com o usuário e não simplesmente para ele. Já no paradigma social, entende-se que a informação é necessária para a geração de conhecimento, porém a funcionalidade desta só acontece se compartilhada socialmente (DAL'EVEDOVE e FUJITA, 2013). Silva e Farias (2013, p. 53) afirmam que “[...] o paradigma social surge com forte apelo para preencher lacunas e contribuir na construção de novos conhecimentos, pois além de observar o usuário como ponto central, busca construir a informação de forma coletiva e interacionista”. Por fim, Dal'Evedove e Fujita (2013, p. 76) afirmam que:

[...] as discussões aqui traçadas orientam para a necessidade de pesquisas que suscitem reflexões sobre o processo de conhecer do profissional da informação sob o viés da abordagem sociocognitiva, objetivando novos subsídios para a compreensão da relação “informação – manifestações cognitivas” ocorridas pela mente humana e suas implicações na dimensão social.

Diante dessas análises, infere-se que a Ciência da Informação está em processo de formação do paradigma social e que as ciências cognitivas relacionadas vêm contribuir para o aprofundamento e aperfeiçoamento teórico na área.

Nesse contexto de importância das ciências cognitivas para a ciência da Informação, Varela e Barbosa (2007) consideram essencial o profissional informacional ter sua formação voltada para dar suporte a sua ação como mediador informacional e pedagógico, sendo necessário implementar na sua formação teorias cognitivas “[...] de modo a fundamentar sua ação com elementos científicos que qualifiquem sua prática no processamento da informação e na relação com o usuário[...]” (Ibidem, p. 126). As autoras sugerem que Piaget, Vygotsky, Feuerstein e Freire sejam incorporados à formação do profissional da informação, fortalecendo “[...] o nível de compreensão daqueles que lidam com informação e educação e que são co-responsáveis pelo desenvolvimento de competências cognitivas e informacionais [...]” (Ibidem, p. 126). Infere-se dessa análise que os profissionais como: professores psicólogos, gestores escolares, neurocientistas, enfim, um amplo leque de profissões nas suas áreas de conhecimento também faz uso de teorias e técnicas que englobam tanto a informação enquanto ciência e o desenvolvimento cognitivo.

Os estudos da Ciência da Informação com ênfase no desenvolvimento cognitivo é um fato que requer aprofundamento de quem deseja atuar como gestor, visto que o papel dos profissionais da área abrange a facilitação no acesso, uso e recuperação da informação em “[...] termos de sua influência no desenvolvimento da CI” (SARACEVIC, 1996, p. 41). Varela e Barbosa (2007, p. 117) reafirmam essa ideia:

No processo de organização da informação, na expectativa de que o usuário possa recuperá-la, a cognição é um conhecimento relevante, pois amplia a possibilidade de o profissional da informação compreender e delinear a trajetória lógica do usuário no processo de busca da informação e da construção dos meandros da cognição na apreensão do conhecimento.

Barreto (2005, p. 8) afirma que a Ciência da Informação reflete a informação como uma “ação mediadora entre informação e conhecimento acontecido no indivíduo”, esta afirmação estabelece de forma subjacente as relações entre a CI e as ciências cognitivas, pois estreitam os elos entre as duas áreas visto que os estudos sobre o desenvolvimento da cognição buscam elucidar questões referentes ao processo de busca, análise, interpretação, internalização e recuperação da informação pelo indivíduo na sua mente por meio de processos mentais superiores: percepção, memória, compreensão, abstração, pensamento, linguagem, entre outros (MOREIRA, 2011). Essa análise contribui na aproximação conceitual entre a Ciência da Informação e as Ciências Cognitivas. Dal’Evedove e Fujita (2013, p. 60) afirmam que “As teorias cognitivas contribuem para o fortalecimento e amadurecimento epistemológico da Ciência da Informação [...]”.

Este estudo enfatiza os aspectos relacionados à educação, com vistas à inclusão da pessoa surda. A difusão da Língua de Sinais deve se estender também aos profissionais da informação, ampliando a gama de conhecimentos necessários não apenas para bem exercer seu trabalho com as pessoas ouvintes, mas também ampliando o acesso e uso da informação às pessoas surdas. Esta compreensão é uma forma de garantir a acessibilidade informacional dos surdos, contribuindo para a aprendizagem e inclusão social destes. O trecho apresentado por Souza (2011, p. 220) sintetiza estas inferências:

[...] aqueles que têm acesso à informação e ao conhecimento têm mais possibilidades de aprender, de se desenvolver (como pessoa e cidadão) do que aqueles que são excluídos desses bens ou apenas deles se aproximam de forma tênue, sendo um dos maiores impedimentos, em nosso país, a

fragilidade do acesso à cultura e à educação, em especial à educação escolar.

Isto posto, tratar o papel do profissional da informação ultrapassa os limites tecnológicos e atinge também a área social. “Tem sido recorrente na literatura especializada em Ciência da Informação (CI) as afirmativas de que uma das funções inerentes ao profissional da informação é a de mediar o acesso do usuário à informação [...]” (VARELA e BARBOSA, 2007, p. 117). Logo, essa mediação facilita a relação entre o usuário e a informação, proporcionando por consequência a aprendizagem tanto da maioria ouvinte, quanto da minoria surda.

Após entender o contexto da Ciência da Informação e suas relações com as teorias cognitivas, o próximo tópico apresenta o conceito de informação, traçando paralelos com a linguagem e a semiótica.

2.3 INFORMAÇÃO, LINGUAGEM E SEMIÓTICA

Le Coadic (1996, p. 5) apresenta um dos primeiros conceitos de informação como ciência: “A informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual”. Quando o autor afirma que a informação é um conhecimento inscrito, ele remete à semiótica, pois em quaisquer das formas escrita, oral ou audiovisual essa inscrição acontece por meio de signos. É por meio da semiótica que acontece a transmissão da informação. O que ele não se deu conta na época foi de incluir na sua definição a forma de informação cinésico-visual, utilizada pelos surdos por meio da linguagem de sinais. A cinésica “é entendida como o estudo sistemático dos movimentos, das posições e deslocamentos corporais, dos gestos e das expressões faciais que possuem valor simbólico” (KAPITANIUK, 2011, p. 56), ou seja, a cinésica é a semiótica do movimento (SIMÕES, 2002).

Apesar de Le Coadic não incluir no conceito de informação a forma cinésico-visual, Santos e Souza (2010) estabelecem esta relação entre a linguagem de sinais e a informação quando citam a Língua Brasileira de Sinais como um recurso para a representação e disseminação do conhecimento. “Os sinais sonoros, visuais e táteis, entre outros, quando associados a ideias, pensamentos ou lembranças, adquirem

significação ou significado, passando a ser identificados como ‘informação’” (Ibidem, 2010, p. 266). Estes sinais dotados de significados referem-se à semiótica e são chamados de signos.

Le Coadic (1996) ainda estabelece uma conexão entre a linguística e a ciência da informação citando a semiótica como um desses elos. A assertiva é corroborada por Nadin (2011, p. 1) que afirma que “O processo de informação e o processo semiótico são complementares”.

De acordo com Turin (2007), a linguagem é o meio pelo qual o indivíduo estabelece representações de mundo, dando significado a todas as coisas, pois somente o que se pode representar pode ser considerado existente. Santos e Souza (2010) também afirmam que o conhecimento só acontece quando se aprende a associar e que para associar é preciso lembrar e que essas lembranças só existem por meio de representação da coisa ausente, ou seja, pela semiótica. O conjunto de conhecimentos que se adquire no decorrer do desenvolvimento cognitivo relacionado à linguagem favorece as relações e os processos de informação e comunicação, pois o conhecimento somente se desenvolve por meio da linguagem (TURIN, 2007).

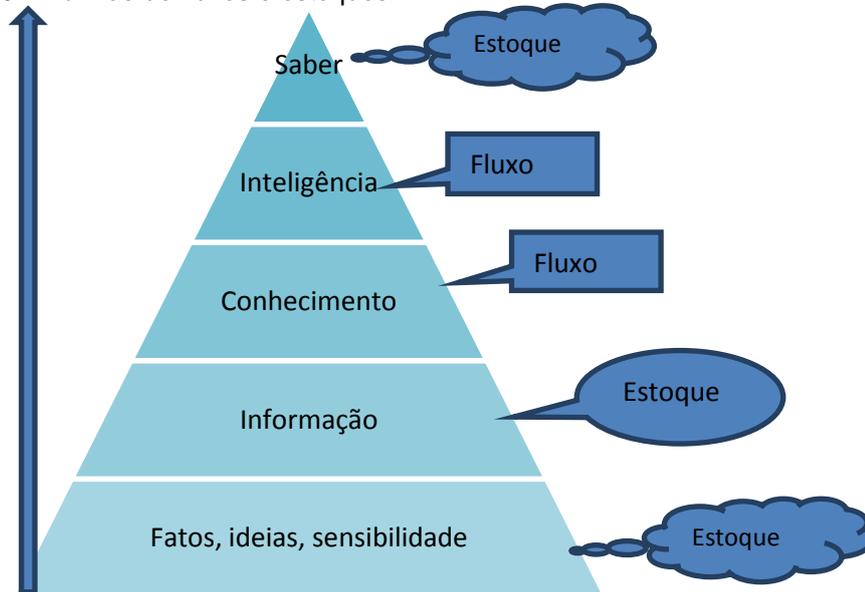
A construção do conhecimento no contexto dos espaços de informação depende de condições simbólicas na produção da linguagem. A mudança da informação para o conhecimento supõe uma tradução signíca para efetivar a comunicação, especialmente a interpessoal. Nesse contexto é que se notam os pontos de encontro entre a semiótica e as teorias ligadas a gestão, mediação e apropriação da informação, fundamentais ao campo da ciência da informação (FADEL, *et. al.*, 2010, p. 20).

Ao analisar a assertiva de Fadel *et. al.* (2010), percebe-se uma relação com a pirâmide de Barreto (2005). A hierarquia da pirâmide de dados para informação, de informação para conhecimento, de conhecimento para inteligência e desta para sabedoria só pode ser estabelecida por meio da linguagem e das relações interpessoais. O próprio autor coloca que a informação é produzida com a ajuda de um sistema de signos.

A analogia entre a Figura 9 e as discussões teóricas apresentadas possibilita inferir que o estoque de fatos, ideias e sensibilidade corresponde ao estoque de dados do indivíduo que só existe devido às representações de mundo que foram adquiridas no transcorrer de sua vida por meio da semiótica, que pode ser exemplificada por: palavras, números, notas musicais, placas, dança, fórmulas, ideias etc. Esses dados apenas se transformam em informação porque os seres

humanos são dotados de capacidade cognitiva para contextualizar e dar forma a eles.

Figura 9: Pirâmide de fluxos e estoques.



Fonte: Barreto (2005, p. 5).

O conhecimento e a inteligência, na sequência, já não podem ser estocados, visto que se modificam o tempo todo, devido a novos dados e informações que são apropriados por meio de novas interações sociais mediadas por signos; [...] “o conhecimento só pode existir em sujeitos ou entidades que sejam capazes de manipular representações e que possuam uma estrutura cognitiva mínima, capaz de reconhecer estímulos e reagir, de forma coerente, com sua base de conhecimentos” (SANTOS e SOUZA, 2010, p. 265).

E a sabedoria é resultado disso, por isso é estoque; sendo o “[...] conhecimento que aceitei e acumulei nos recipientes de minha mente” (BARRETO, 2005, p. 6).

Mesmo que o desenvolvimento cognitivo só possa acontecer dentro de um ente cognoscente humano ou não (SANTOS e SOUZA, 2010), é por meio das relações sociais que o indivíduo modifica seus fluxos de conhecimento, ou seja, “[...] a construção do conhecimento dá-se individualmente, embora, necessariamente, na relação com o mundo” (FADEL, *et. al.*, 2010, p. 18).

Esclarecidas as relações entre informação, linguagem e semiótica, o próximo tópico da pesquisa ampliará as discussões sobre a semiótica, para na sequência abordar a linguagem no contexto da semiótica.

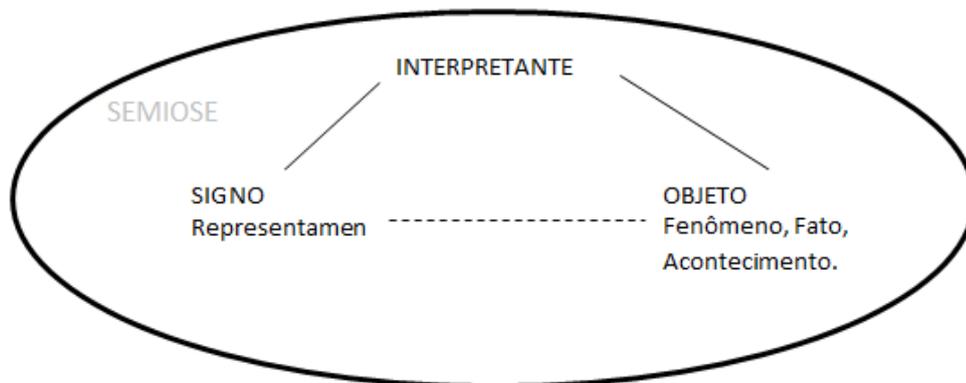
2.3.1 Semiótica

Falar de Semiótica remete a Charles Sanders Peirce, que apresenta a mesma de uma forma complexa, necessitando de profundo estudo para uma ampla análise. Não faz parte do escopo deste trabalho aprofundar a história da semiótica e suas nuances, apenas destacar pontos importantes para um entendimento geral do objeto da pesquisa. Peirce (2010) define um signo como:

Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representamen (p. 46).

A semiótica é então apresentada numa relação triádica entre *representamen*, objeto e interpretante (TURIN, 2007; PEIRCE, 2010; KAPITANIUK, 2011). Turin (2007) apresenta essa lógica em uma imagem apresentada na Figura 10.

Figura 10: Relação triádica da semiótica.



Fonte: Turin (2007, p. 36).

Dentre as muitas definições que Peirce produziu para conceituar o signo (SANTAELLA, 2008) apresenta-se outra, na tentativa de clarificar este conceito:

Qualquer coisa que conduz alguma outra coisa (seu *interpretante*) a referir-se a um objeto ao qual ela mesma se refere (seu *objeto*), de modo idêntico, transformando-se o interpretante, por sua vez, em signo, e assim sucessivamente *ad infinitum*. (PEIRCE, 2010, p. 74).

Esta definição de Peirce esclarece a Figura 10, demonstrando a relação entre objeto, *representamen* e interpretante.

2.3.2 Linguagem de sinais no contexto da semiótica

Para compreender a linguagem de sinais e suas relações com a semiótica, faz-se necessário apresentar, *a priori*, um conceito de linguagem; de acordo com Goldfeld (2002, p. 18) “O termo linguagem tem um sentido bastante amplo, linguagem é tudo que envolve significação, que tem um valor semiótico e não se restringe apenas a uma forma de comunicação. É pela linguagem que se constitui o pensamento do indivíduo”. A mesma autora apresenta o conceito de sinais:

O termo sinal utilizado para designar os elementos lexicais da língua de sinais não deve ser confundido com o sinal que Bakhtin se refere em oposição ao signo. O sinal, ou seja, o item lexical da língua de sinais é um signo linguístico da mesma forma que as palavras da língua portuguesa (GOLDFELD, 2002, p. 24).

Nesse contexto apresentado por Goldfeld (2002) é possível concluir que, pela linguagem de sinais, criam-se representações e significados. O sinal utilizado como língua pelas pessoas surdas é a forma sígnica existente para dar significado às diversas formas de mundo.

Turin (2007) afirma que a linguagem permite ao indivíduo representar. Tudo aquilo que se consegue representar por meio da semiótica (representação sígnica) existe, ou seja, constitui a realidade. A autora complementa que representar significa substituir algo por outra coisa. “Aquilo que não sabemos representar não faz parte de nós, do nosso repertório, das nossas práticas de inteligência do mundo” (Ibidem, 2007, p. 22). Essas representações do mundo, por meio de signos, fazem referência à semiótica.

Saussure (2006, p. 80) diz que “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Para o autor o signo é a formação total do sentido, sendo o conceito o significado e a imagem acústica o significante. Os ouvintes, quando se deparam com um signo linguístico produzem em seu interior uma imagem acústica que remetem a um conceito. Para o surdo pré-lingual este processo não acontece desta forma, visto que eles não constroem sons acústicos, mesmo que em seu interior. A criança ou adulto surdo que ainda não desenvolveu a linguagem não consegue fazer essa representação de mundo. Nas palavras de Kapitaniuk (2011):

Diferente da criança ouvinte, a criança surda vai aperfeiçoar a capacidade cinésica com intenção de modificar a reação dos adultos, uma vez que a essência do uso de signos consiste em afetar o comportamento dos outros através dele. No processo de conhecer, os objetos são apreendidos por sinais – imagens sensoriais – que se encontram colados à singularidade do objeto. Para o processo de descolamento do singular do objeto e sua generalização e abstração, a imagem tem de ser representada pelo signo. Esse signo só será internalizado na medida em que o outro concebe uma mesma significação que é compartilhada social e culturalmente (KAPITANIUK, 2011, p. 55).

Assim, percebe-se que o princípio proposto por Saussure (2006) da arbitrariedade para os signos linguísticos, também pode ser compartilhado com a língua de sinais. A arbitrariedade do signo linguístico aponta que não existe uma lógica entre as palavras e seus significados, por exemplo, por que se fala *água* para se referir ao líquido insípido, inodoro e incolor? Ou seja, os signos são arbitrários. (SAUSSURE, 2006). Na língua de sinais acontece da mesma forma, os sinais (significantes) não possuem relação direta com o seu conceito (significado), mesmo que muitas pessoas acreditem que todos os sinais apresentem esta relação, visto que alguns são icônicos, como alguns animais; meios de transporte; edificações; ou seja, sinais que lembram o objeto em si. Enfim, as línguas de sinais possuem o princípio da arbitrariedade dos signos (da mesma forma que a linguística), sem esquecer que apresentam uma vasta dimensão icônica nos sinais utilizados (LEITE, 2008).

Na visão de Vygotsky, todos os seres humanos só apresentam desenvolvimento cognitivo por meio da interação social mediada por instrumentos e signos (MOREIRA, 2011). Esta interação acontece por meio da troca de informações que são produto da comunicação. “Conceitualmente, a Informação é uma mensagem com intenção de fazer alguma diferença para o receptor, ou de modificar a sua perspectiva” (TEIXEIRA, FREITAS e LAURINDO, 2014, p. 2). Porém, uma pessoa só consegue se comunicar quando a mensagem que ela transmite chega com significado ao receptor. Santos e Souza (2010, p. 268) afirmam: “para que isso ocorra, é necessário que o destinatário da mensagem tenha a capacidade de interpretá-lo de acordo com as intenções do emissor”.

Kapitaniuk (2011) apresenta em seu artigo as aproximações entre o conceito de signo dentro da teoria semiótica e o conceito apresentado por Vygotsky:

Nesse ponto consiste a aproximação da noção de signo de Vygotsky à de outros autores: A sua qualidade psicológica, resultado de operações complexas das atividades internas e externas no desenvolvimento do

indivíduo. Para ele, a ação do homem sobre ele mesmo e sobre os outros é mediada pelos sistemas de signos (linguagem, sistema de números, cartas, esquemas, etc.) dentre os quais se distinguem os signos verbais (Ibidem, 2011, p. 54).

Uma pessoa surda (não oralizada) inserida em um universo de pessoas que não sabem a linguagem de sinais é como um estrangeiro que não sabe a língua falada naquele país. Não existe interação social, não existe comunicação, muito menos aprendizado. Isto pode ser corroborado nas palavras de Ferreira (2010, p. 43) quando afirma: “[...] a criança surda está imersa num mundo em que se fala outra língua, diferente da sua língua natural, e que, portanto, ela não entende, não consegue utilizar para se expressar e através da qual ela não se reconhece enquanto indivíduo”.

Entender a linguagem de sinais é mergulhar no mundo social, cultural e linguístico das pessoas surdas. “Com isso, a surdez não é identificada pelos seus aspectos negativos e sim como uma característica do indivíduo que utiliza uma língua visuoespacial, como recurso essencial para a sua inclusão” (SILVA e RODRIGUES, 2013, p. 66).

Hoffmann-Dilloway (2011) afirma que a competência para o aprendizado da linguagem de sinais depende menos da capacidade cognitiva do indivíduo do que da colaboração social. Isso significa que para aprender a linguagem de sinais é necessário estar inserido na cultura surda. A ideia também corrobora os princípios do desenvolvimento cognitivo de Vygotsky.

Segundo Vygotsky, os processos mentais superiores (pensamento, linguagem, comportamento volitivo) têm origem em processos sociais; o desenvolvimento cognitivo do ser humano não pode ser entendido sem referência ao meio social. [...] Para ele, desenvolvimento cognitivo é a conversão de relações sociais em funções mentais. Não é por meio do desenvolvimento cognitivo que o indivíduo torna-se capaz de socializar, é por meio da socialização que se dá o desenvolvimento dos processos mentais superiores. (MOREIRA, 2011, p. 108).

A língua de sinais é a principal forma de interação da pessoa surda com o meio em que vive. Visto que o desenvolvimento cognitivo do ser humano só acontece num cenário de interação social por meio da linguagem e que a semiótica é formada numa relação triádica entre interpretante, *representamen* e objeto para que o indivíduo estabeleça suas representações de mundo, conclui-se que a língua de sinais é a forma semiótica de desenvolver a cognição do surdo, por meio da qual se desenvolvem os signos, seus significados e a aprendizagem.

Assim, para que exista acesso à informação, é preciso que os interlocutores envolvidos compartilhem a mesma língua, ou seja, compartilhem os mesmos signos que representam para ambos os mesmos objetos. Por isso é importante que se estendam as discussões sobre a acessibilidade informacional dentro da Ciência da Informação de forma a ampliar o acesso e uso da informação pelas pessoas surdas.

2.4 ACESSIBILIDADE INFORMACIONAL

Para compreender o termo “Acessibilidade Informacional” é necessário conhecer o significado da palavra acessibilidade, que deriva da palavra acessível. Hornby (2005, p. 8) apresenta que acessível é aquilo “que pode ser alcançado, entrado, usado, visto etc. [...] Fácil de entender. [...] fácil de conversar e conhecer”. (tradução nossa). Diante desta definição, compreende-se que a acessibilidade informacional acontece quando a informação está disponível para o uso de maneira que possa ser facilmente entendida e conhecida por qualquer pessoa, seja ela ouvinte, surda, deficiente visual, idosa, deficiente físico.

Passos (2010, p. 73) afirma que “a acessibilidade informacional significa uma dimensão fundamental para o bom desempenho educacional, social e cultural dos deficientes [...]”. Infere-se desta assertiva de Passos (2010) que quando uma pessoa possui acesso à informação ela amplia suas possibilidades educacionais, sociais e culturais, logo, inclui-se nesse rol de possibilidades a inserção no mercado de trabalho.

O trabalho é uma das formas de quaisquer pessoas exercerem a sua cidadania e “[...] o acesso à informação aparece como fundamental para o exercício da cidadania e implica em uma melhoria na qualidade de vida do cidadão”. (SOUZA, *et. al.*, 2013, p. 2). Modificar a sociedade para que o exercício da cidadania seja exercido é garantir a inclusão social do indivíduo (SENAC, 2005). Assim, percebe-se a estreita relação entre o acesso à informação, a inclusão social e o exercício do trabalho.

Mesmo que a acessibilidade informacional garanta melhorias na vida social das pessoas com ou sem deficiência, não se dá a devida importância à acessibilidade informacional das pessoas surdas, pois se acredita que o surdo

consiga ter acesso, utilizar e entender a informação pelo fato de ser capaz de ler o que está escrito (CARDOSO e LIMA, 2013). A leitura não garante ao surdo o entendimento daquilo que lê. O fato é que muitos surdos brasileiros enfrentam dificuldades na leitura e escrita do português.

Mesmo em um contexto informacional em que as pessoas têm liberdade para buscar as informações necessárias, muitas ainda não possuem condições econômicas, físicas e/ou sociais, por isso é preciso levar a informação àqueles que não possuem formas de acesso e uso das mesmas para evitar a exclusão social da informação, sendo responsabilidade dos profissionais da informação. (PESSOA, 2011, p. 48).

No Brasil, a acessibilidade informacional às pessoas que apresentam quaisquer deficiências é garantida pelo Decreto nº 5296, de 02 de dezembro de 2004, onde trata do atendimento prioritário às pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. O documento apresenta em seu Artigo 8º a definição de acessibilidade:

[...] condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida;

Nesse trecho do Decreto fica evidente a preocupação do governo em assegurar o acesso e uso da informação. Para garantir esta acessibilidade, no decorrer do artigo, apresenta também a definição de barreiras: “[...] qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento, a circulação com segurança e a possibilidade de as pessoas se comunicarem ou terem acesso à informação [...]”. As barreiras podem ser: urbanísticas; nas edificações; nos transportes e nas comunicações e informações. Essa última barreira está relacionada aos empecilhos que acabam por dificultar ou impossibilitar a comunicação dessas pessoas utilizando-se dos dispositivos, meios e/ou sistemas de comunicação e também os empecilhos que dificultem o acesso e uso da informação.

2.5 INCLUSÃO SOCIAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Existem diversidades entre as pessoas: religiosas, étnicas, de gênero etc. Para o contexto é necessário o entendimento que: “Apreendida como uma mudança de mentalidade, a inclusão passa invariavelmente a nos sensibilizar como um exercício cada vez mais presente na atualidade: o da valorização da diversidade” (SENAC, 2005, p. 146.). Nesse estudo, foram abordadas as relações entre pessoas com e sem deficiência, mais especificamente entre surdos e ouvintes. Compreender a inserção do surdo no mercado de trabalho está relacionado com o entender a inclusão social das pessoas que “[...] é entendida como a participação ativa nos vários grupos de convivência social [...]” (MAZZOTTA e D’ANTINO, 2011, p. 378). Estar incluído na sociedade significa ter as condições mínimas para que se possa participar ativamente dos diversos grupos sociais que envolvem a vivência de uma pessoa, independente das diversidades existentes. Não apenas o trabalho, mas:

A educação, a cultura e o lazer constituem, sem dúvida, espaços estruturados com fundamental poder de mediação na consolidação da inclusão social da pessoa com deficiência, assim como de todo e qualquer sujeito. E, não é demais repetir, inclusão social implica participação ativa no grupo social pautada no respeito à diversidade individual e à pluralidade cultural. (MAZZOTTA e D’ANTINO, 2011, p. 387-388).

Carvalho-Freitas e Marques (2007) apontam que o conceito de deficiência vem se modificando no decorrer da história. Cada momento histórico aponta para uma matriz de interpretação que desencadearam e ainda desencadeiam ações sociais e possibilidades de inserção das pessoas com deficiência no mercado de trabalho. Para os autores, dentre as matrizes existentes, o Brasil se encaixa, no momento contemporâneo dentro dessa matriz de inclusão social, onde a sociedade precisa se modificar para garantir que as pessoas com deficiência sejam incluídas no mercado de trabalho por meio de cotas de emprego e ações do Estado. Carvalho-Freitas e Marques (2007, p. 72) asseveram que “O pressuposto é de que a pessoa com deficiência deva ser incluída na sociedade e no trabalho tendo por parâmetro suas potencialidades, e que as organizações e a sociedade precisam se ajustar para garantir a plena participação dessas pessoas”.

Nas palavras de Werneck (2005, p. 163): “A inclusão começa em sala de aula.” Historicamente, a Declaração de Salamanca é um marco histórico na inclusão

das pessoas com quaisquer tipos de deficiência, pois é nesse momento que se declara o compromisso de incluir as pessoas deficientes na sociedade a começar pela escola. “A recomendação de Salamanca é a de que as escolas recebam, incondicionalmente, a todas as crianças [...] a escola em que se matriculariam se não tivessem nenhuma deficiência” (CARVALHO, 2010, p. 30).

A inclusão ainda é vista como um desafio no cenário brasileiro, pois o professor ainda se vê despreparado para a chegada desse grupo de alunos em sala de aula. Há os que aceitam parcialmente esta inclusão e outros rejeitam, o fato é que a inclusão continua dividindo opiniões (CARVALHO, 2010).

Além disso, a escola é o ambiente de formação do aluno. No decorrer de sua vivência escolar o aluno aprende não somente para obter um resultado satisfatório, como também se prepara para o que acontece e acontecerá fora dos muros da escola. De acordo com Freitas (2003, p. 24) “[...] até as ações direcionadas para a formação básica da população têm o objetivo de preparar o cidadão para o mercado de trabalho”. Sendo assim, pode-se dizer que a escola é um ambiente onde se deva prezar pela inclusão das pessoas com deficiência, como também prepará-las para ingressar no mercado de trabalho.

Mesmo que o processo de inclusão fique evidente na escola, é preciso que esta inclusão se dissemine em todos os demais setores da sociedade, inclusive no que tange a ampliação do uso e acesso à informação. Souza *et. al.* (2013, p. 3) afirmam que “A filosofia da inclusão social, basicamente, defende a meta de se criar uma sociedade capaz de acolher todas as pessoas, independentemente das diferenças e necessidades individuais. Daí a necessidade de se oferecer um atendimento não igualitário, mas especializado a essas pessoas”.

Outro elemento discutido no processo de inclusão é o termo utilizado no momento de se referir a uma pessoa com algum tipo de deficiência. A substituição de termos como excepcional e deficiente, por outros como portador de necessidades especiais é uma das mudanças apresentadas por Carvalho (2010, p. 38) que observa esta situação da seguinte forma:

Objetiva-se favorecer, por meio de palavras, um corte epistemológico que evolua do paradigma reducionista organicista – centrado na deficiência do sujeito – para o paradigma interacionista – que exige uma leitura dialética e incessante das relações sujeito/mundo.

Nesse estudo, no transcorrer do texto as palavras: deficiente, pessoa com necessidade especial, surdo-mudo, surdo, diferente, foram utilizadas de acordo com o período o qual estavam relacionadas. No presente buscou-se falar sobre surdez, pessoa surda e diferente. Afinal, “[...] a diferença não é uma peculiaridade das pessoas com deficiências ou das superdotadas. Todos somos absolutamente diferentes uns dos outros e de nós mesmos, à medida que crescemos e nos desenvolvemos” (CARVALHO, 2010, p. 19).

As pessoas surdas, durante muito tempo, foram consideradas como providas de uma necessidade especial, porém este termo está caindo em desuso, pois o modelo etnolinguístico apontado por Hoffmann-Dilloway (2011) com relação à surdez apresenta uma recente concepção quanto à existência de uma necessidade especial, pois aponta que não se deve focar na existência de uma incapacidade de ouvir, mas sim, na competência em aprender a linguagem de sinais. Entendendo a etnolinguística como o “estudo das relações entre língua, cultura e sociedade, das relações entre as estruturas linguísticas e as sociais” (AULETE, 2013). Hoffmann-Dilloway (2011, p. 286) apresenta em seus estudos uma possibilidade diferenciada sobre como se referir às pessoas surdas:

Os defensores deste ponto de vista muitas vezes seguem Woodward (1972), na escrita da palavra inglesa *deaf* (surdo) em letras minúsculas para indicar a incapacidade de ouvir e reservando *Deaf* (Surdo), escrito com D maiúsculo, para indicar a identificação como membro de uma categoria etnolinguística (usando o caso misto, *d/Deaf* (s/Surdo), para se referir a grupos ou situações em que ambas as concepções de *d/Deafness* (s/Surdez) são relevantes). (Tradução nossa).

A abordagem apresentada por Dilloway (2011) evidencia uma forma diferente de se referir as pessoas surdas de modo que o termo em letras maiúsculas denota o sentido de nomes próprios. Ser *Surdo* significa fazer parte de uma comunidade surda e estar inserido em sua cultura, já ser *surdo* representa a diferença física. Assim ser *s/Surdo* abrange ambas as concepções onde a pessoa possui a diferença auditiva e identidade própria.

Após entender a inclusão da pessoa com deficiência, frisando a inclusão dos surdos, faz-se necessário, no escopo deste trabalho, discutir também sobre a inserção do surdo no mercado profissional.

2.5.1 Inserção do surdo no mercado profissional

Antes de apresentar outras legislações pertinentes ao tema sobre a inserção do surdo no mercado profissional, é preciso saber que a principal garantia da pessoa com deficiência, entre elas o surdo, de acesso ao mercado de trabalho está na Constituição Federal (CF) de 1988. De acordo com Almeida e Costa (2013, p. 105),

[...] embora o direito de trabalho das pessoas com deficiência esteja amplamente amparado por legislação infraconstitucional, o mesmo encontra guarita também e principalmente na Constituição, considerada uma das mais avançadas no mundo na garantia dos direitos das pessoas portadoras de deficiência [...].

A partir da Carta Magna de 1988, outras Leis surgiram para regulamentar e acurar questões ainda não previstas na CF. A Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, garante direitos individuais e sociais para as pessoas que possuem quaisquer tipos de deficiência. Dentre os direitos expressos na Lei estão: educação, saúde, trabalho, lazer, previdência social, amparo à infância e à maternidade e demais direitos presentes na Constituição e demais Leis. Este estudo dará ênfase aos itens que tenham relação com o trabalho.

Com relação ao trabalho, a Lei estabelece o apoio do governo para a formação profissional das pessoas com deficiência; o empenho em garantir empregos para esta parcela da população; a definição de ações que promovam a inserção das pessoas portadoras de deficiência no mercado de trabalho tanto público quanto privado e a garantia da adoção de legislação que garanta a reserva no mercado de trabalho às pessoas com deficiência.

O Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, regulamenta a Lei nº 7.853/1989. Em seu Artigo 3º ficam estabelecidas as definições de deficiência; deficiência permanente e incapacidade.

I - Deficiência - toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano;

II - Deficiência Permanente - aquela que ocorreu ou se estabilizou durante um período de tempo suficiente para não permitir recuperação ou ter probabilidade de que se altere, apesar de novos tratamentos; e

III - Incapacidade - uma redução efetiva e acentuada da capacidade de integração social, com necessidade de equipamentos, adaptações, meios ou recursos especiais para que a pessoa portadora de deficiência possa

receber ou transmitir informações necessárias ao seu bem estar pessoal e ao desempenho de função ou atividade a ser exercida. (BRASIL, 1999).

O Decreto também estabelece as categorias de deficiência: física; auditiva; visual e mental. Este estudo está voltado para os surdos, por isso será apresentado apenas a definição apresentada no Decreto para a categoria de deficiência auditiva: “[...] perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e uns decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500HZ, 1.000 HZ, 2.000 Hz e 3.000 Hz”. (BRASIL, 1999).

O Decreto trata na sua Seção IV sobre o acesso ao trabalho pelas pessoas com deficiência, que estão amparadas e protegidas por essa legislação.

O Artigo 36, que dispõe do mesmo texto presente na Lei nº 8.213/1991, chamada Lei de Cotas (ALMEIDA e COSTA, 2013) trata das cotas que obrigam que as empresas com cem ou mais funcionários contratem entre dois e cinco por cento do total do quadro com pessoas portadoras de deficiência habilitada ou também com pessoas beneficiárias da Previdência Social.

Os autores também esclarecem que as empresas muitas vezes não contratam as pessoas com deficiência devido a dificuldades, sendo que as “[...] principais dificuldades alegadas para o seu descumprimento, tais como o preconceito, desqualificação profissional, e benefícios concedidos pelo governo.” (Ibidem, 2013, p. 104). Diante destas dificuldades, muitas vezes a Lei de Cotas não é cumprida por preconceito e desconhecimento, o preconceito é nítido, pois se este não existisse também não seria necessária a existência da Lei.

O desconhecimento é a falta de informação por parte tanto das empresas quanto das pessoas com deficiência. Outro fator que também dificulta o cumprimento da Lei de Cotas é a falta de fiscalização. No que tange a desqualificação profissional, “Muitos empregadores alegam que as pessoas com deficiência não têm qualificação profissional para assumir certos cargos, podendo assumir apenas algumas funções na base da pirâmide das empresas.” (ALMEIDA E COSTA, 2013, p. 122). Sasaki (2005, p. 178) corrobora esta ideia quando afirma que “[...] existem pouquíssimos candidatos com deficiência qualificados para as muitas vagas ofertadas”. Assim, as vagas oferecidas, muitas vezes, não despertam nas pessoas com deficiência realização profissional, pessoal e/ou social. (ALMEIDA E COSTA, 2013).

Em síntese, nas palavras de Almeida e Costa (2013, p. 126):

Embora não possamos atribuir os avanços no que diz respeito a inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho somente à Lei de Cotas, podemos contudo afirmar que esse segmento ganhou muito com sua criação. Resta agora trabalhar a conscientização, pois só uma sociedade comprometida em incluir os seus cidadãos no mercado de trabalho pode mudar um processo histórico de exclusão há tanto tempo existentes.

O Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, também assegura às pessoas com deficiência o direito de realizar concurso público em condições iguais aos demais candidatos, neste momento também fica garantida a reserva mínima de vagas às pessoas com necessidades especiais. Neste Decreto também fica garantida a implementação de programas voltados para a formação e qualificação das pessoas com deficiência, objetivando:

- I - criar condições que garantam a toda pessoa portadora de deficiência o direito a receber uma formação profissional adequada;
- II - organizar os meios de formação necessários para qualificar a pessoa portadora de deficiência para a inserção competitiva no mercado laboral; e
- III - ampliar a formação e qualificação profissional sob a base de educação geral para fomentar o desenvolvimento harmônico da pessoa portadora de deficiência, assim como para satisfazer as exigências derivadas do progresso técnico, dos novos métodos de produção e da evolução social e econômica.

Essa garantia estabelecida pela legislação ampara as pessoas que possuem deficiências, inclusive os surdos, que tem ampliada as suas possibilidades de inserção no mercado profissional. Mesmo assim, é preciso modificar as situações que levam ao não cumprimento da legislação vigente, buscando formas de minimizar preconceitos, levando informação para empresas e pessoas com deficiência, aumentando a fiscalização e qualificando os envolvidos.

Werneck (2005) afirma que o simples cumprimento da Lei de Cotas não pode ser considerado como inclusão, pois esta de fato só acontece quando a empresa toma consciência da necessidade de adaptação do ambiente para que este se torne um espaço de acessibilidade “[...] que nada mais é de um trabalho que possibilite a cada funcionário contribuir com seu melhor talento para o bem comum” (Ibidem, 2005, p. 163).

Silveira (2009) constatou em pesquisa na base de dados da Scielo, entre o período de 1998 e 2008, que não havia nenhuma publicação de artigo relacionado aos temas “trabalho e surdez” e “trabalho dos surdos”. Ao ampliar o escopo da pesquisa para trabalho, deficiência, portador de necessidades especiais (entre 2004 e 2008) apenas seis artigos foram encontrados. Na pesquisa realizada neste estudo com o termo Libras na BDTD, as teses ou dissertações encontradas que envolviam

em seu título e/ou em suas palavras-chave, palavras que faziam referência ao trabalho do surdo foi Silveira (2009) e Chaves (2010). Infere-se desta análise que as pesquisas envolvendo o surdo no mercado de trabalho ainda são incipientes no Brasil, o que prevê inúmeras possibilidades de estudos na área.

A legislação apresentada neste tópico tem estreita relação com as políticas públicas implementadas no Brasil, na sequência estas políticas serão exemplificadas para melhor compreensão das propostas adotadas.

2.5.2 Políticas públicas para a inclusão social do surdo no Brasil

Para iniciar a discussão sobre as políticas públicas existentes no Brasil que estão voltadas direta ou indiretamente em defesa dos surdos é preciso *a priori* investigar o conceito de política pública. Souza (2006, p. 26) apresenta de forma sucinta essa definição:

Pode-se, então, resumir política pública como o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente). A formulação de políticas públicas constitui-se no estágio em que os governos democráticos traduzem seus propósitos e plataformas eleitorais em programas e ações que produzirão resultados ou mudanças no mundo real.

O Governo Federal publicou em 2012, por meio da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), um documento intitulado “Avanços das políticas públicas para as pessoas com Deficiência: uma análise a partir das Conferências Nacionais”, onde apresenta as políticas públicas instituídas no Brasil, legislação pertinente e outras discussões teóricas.

De acordo com o documento (2012, p. 17) “A deficiência é um fenômeno global, frequentemente associado à pobreza, com impactos econômicos culturais e sociais, e implicações para a sociedade como um todo”. A partir de 1960 o tema deficiência passou a fazer parte das discussões políticas no cenário nacional, liderada por organizações e pessoas engajadas em prol dessas minorias. As deficiências foram vistas, primeiro, como impedimento físico ou mental e deveriam ser tratadas e curadas sendo que foi dessa visão sobre a deficiência que se

estabeleceram políticas assistencialistas, com características paternalistas e excludentes. (SDH/PR, 2012).

Mas estas concepções foram se modificando, na medida em que se percebeu que a exclusão existia devido à organização da sociedade que apresentava, e ainda apresenta, “[...] barreiras físicas, organizacionais e atitudinais [...] e não culpa individual daquele que tem a deficiência [...]” (SDH/PR, 2012, p. 16). A partir de então, a visão sobre a deficiência se modifica, e essa passa a ser entendida como uma característica humana, e que as pessoas com deficiência também são cidadãos de direito.

Esse novo olhar gerou a necessidade de mudanças estruturais em relação às políticas públicas voltadas para esse segmento. As medidas caritativas e assistencialistas tiveram que ser revistas e modificadas, para dar lugar ao protagonismo das pessoas com deficiência na condução dos assuntos que lhes dizem respeito no campo público. Os espaços públicos e de uso coletivo não poderiam mais ser excludentes; a acessibilidade ao meio físico, ao transporte, à comunicação e à informação deveria ser provida a fim de garantir que todos, sem exceção, pudessem fruir de seus direitos com equiparação de oportunidades. Assim, todo um marco legal nacional deveria ser construído para que a igualdade de oportunidades fosse garantida. (SDH/PR, 2012, p. 17).

O documento pontua que o termo utilizado para designar a pessoa com deficiência foi se modificando de acordo com as mudanças de conceitos, que passou de “deficiente”; “portador de deficiência”; “portadores de necessidades especiais” para “pessoas com deficiência”. Este termo foi utilizado e posteriormente consagrado pela Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, pois enfatiza em primeiro lugar a pessoa e não sua deficiência. (SDH/PR, 2012). Almeida e Costa (2013, p. 107) corroboram esta assertiva apresentando também a sigla para pessoas com deficiência: “Hoje, a expressão utilizada é ‘Pessoas com Deficiência, PcDs’”.

Mesmo com a mudança de concepção sobre a pessoa com deficiência e como o Estado deve aderir políticas públicas que valorizem a autonomia e independência destas pessoas, ainda existem políticas públicas de caráter assistencialista. (SDH/PR, 2012).

Sasaki (2005) afirma que a Lei 10.098/2000; Lei 10.436/2002 e Decreto n.º 3.298/1999 são legislações que garantem a acessibilidade comunicacional da pessoa com deficiência. De forma subjacente, pode-se concluir que tais leis contribuem na garantia da acessibilidade informacional do surdo na sociedade.

O texto da SDH/PR (2012) apresenta trechos de lei que têm relação com as mudanças das políticas públicas voltadas às pessoas com deficiência. O Quadro 4 apresenta de forma sintetizada as legislações e políticas públicas brasileiras relacionadas às pessoas com deficiência.

Um acontecimento que contribuiu para o desenvolvimento de políticas públicas já estabelecidas em Lei e o surgimento de outras ações foi a aprovação, em 2007 da Agenda Social, pelo então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A Agenda Social estava dividida em duas categorias:

- a) Acessibilidade: formada pelos grupos: escola acessível; livro acessível; transporte acessível; habitação de interesse social acessível;
- b) Atendimento à Pessoa com Deficiência: inserção das pessoas com deficiência no mercado de trabalho; concessão de órteses e próteses; campanhas educativas. (SDH/PR, 2012).

O objetivo da Agenda Social era “[...] fomentar a inclusão da pessoa com deficiência ao processo de desenvolvimento do país, buscando eliminar todas as formas de discriminação e garantir o acesso aos bens e serviços da comunidade” (SDH/PR, 2012, p. 26). A Agenda Social foi uma forma que o Governo Federal encontrou para consolidar e articular as ações destinadas às pessoas com deficiência. (SDH, 2012).

Quadro 4: Legislação e políticas públicas brasileiras voltadas às pessoas com deficiência

Legislação		Finalidade
Constituição de 1988	Capítulo II, inciso XXXI, Artigo 7º	Proíbe discriminação à pessoa com deficiência.
	Artigo 23, inciso II	Atribui competência a todas as esferas do Governo no tratamento da saúde e assistência das pessoas com deficiência.
	Artigo 24, inciso XIV	Afirma que legislar sobre as pessoas com deficiência é competência dos Estados, da União e do Distrito Federal.
	Artigo 37	Reserva de empregos públicos para pessoas com deficiência.
	Seção da Assistência Social, Artigo 203	Trata dos termos habilitação e reabilitação das pessoas com deficiência; benefício de salário mínimo para aqueles que não possuam meios de se sustentarem.
	Seção da Educação, Artigo 208	Garantia do atendimento especializado às pessoas com deficiência, de forma preferencial na rede regular de ensino.
	Seção da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso, Artigo 227	Garantia da criação de programas de prevenção e atendimento especializado, como também integração social, por meio de capacitação e eliminação de preconceitos e barreiras arquitetônicas.
Lei n.º 8.899 - Passe Livre		Garante o passe livre às pessoas com deficiência.
Lei n.º 8.989		Isonomia do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) na compra de automóveis para as pessoas com deficiência física.
Lei n.º 7.853 Decreto n.º 3.298		Criou-se o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência, como órgão superior deliberativo, tendo sua principal atribuição garantir a implementação da Política Nacional de Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.
Lei n.º 10.048/2000		Atendimento prioritário e acessibilidade nos meios de transporte.
Lei n.º 10.098/2000		Acessibilidade ao meio físico, aos meios de transporte, na comunicação e informação e em ajudas técnicas.
Lei n.º 10.436/2002		Dispões sobre a Libras.
Decreto n.º 5.296/2004		Regulamenta as Leis nº 10.048 e 10.098.
Lei n.º 11.126/2005		Garante à pessoa com deficiência visual o direito de ingressar e permanecer acompanhado de cão-guia em ambientes coletivos.
Decreto Legislativo n.º 186 e Decreto n.º 6.949/2009		Aprova a convenção sobre os direitos da Pessoa com Deficiência, realizada pela ONU.

Fonte: Adaptado de SDH/PR (2012).

Seguindo ainda o documento da presidência o Brasil já realizou duas Conferências Nacionais sobre as pessoas com deficiência. A primeira em 2006 e a segunda de 01 a 04 de dezembro de 2008. Na segunda conferência realizada surgiram diversas propostas que foram atendidas pelo Governo no Plano Viver sem Limite que foi lançado em novembro de 2011. (SDH/PR, 2012).

Dentro do Plano Viver sem Limite estão apresentadas diversas propostas e ações, porém aqui, estão pontuadas apenas as que tenham relação com o surdo, com o mercado de trabalho, acessibilidade informacional ou Libras. São elas (SDH/PR, 2012; DEFICIÊNCIA, 2013):

- Inclusão do teste da orelhinha (diagnóstico da surdez precoce) nos exames do recém-nascido.
- Garantir a acessibilidade nos meios de comunicação dos deficientes auditivos/surdos, deficientes visuais/cegos, deficientes auditivos e visuais concomitantes/ surdocegos, em setores tanto públicos quanto privados, com, por exemplo: tradutor/intérprete de Libras e guias-intérpretes; painel eletrônico com descrição de imagens; salas de recursos com materiais específicos. Algumas ações já foram implementadas como a obrigatoriedade das emissoras de televisão em veicular parte da sua programação com a função legenda oculta e a criação do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) que objetiva sistematizar as recomendações que devem ser atendidas nos sítios de governo para garantir a acessibilidade.
- Uma proposta é fortalecer as políticas de acessibilidade com linhas de financiamento às três esferas do governo que venham a garantir a acessibilidade física e informacional.
- Criar dispositivos que disponibilizem livros, jornais e revistas em formato acessível aos cegos e aos surdos com janela de Libras e legenda;
- Garantir à pessoa com deficiência a educação profissional, investindo recursos, objetivando a inclusão digital destas pessoas, bem como preparando para o mercado de trabalho. Dentre as ações implementadas existe a formação de pessoas com deficiência pelo Pronatec.
- Garantir aos professores formação continuada para bem atender as pessoas com deficiência, como por exemplo: formação em Língua Brasileira de Sinais (Libras);

- Garantia de que desde crianças até adultos com deficiência gozem o direito a uma educação inclusiva em escolas regulares, como direito ainda de atendimento especializado no turno contrário. Esta proposta está sendo garantida pela implantação de salas de recursos multifuncionais.
- Garantir, por meio de concurso público, tradutores/intérpretes; professores e instrutores de Libras, para compor os quadros das instituições de ensino e aderir à proposta de educação bilíngue nas escolas de surdos. Já foram realizadas ações como a criação de 27 cursos de letras/Libras e 12 cursos de pedagogia numa perspectiva bilíngue.
- Promover e ampliar a oferta de oficinas, cursos de graduação e pós-graduação e outros, às pessoas com deficiência. A meta é oferecer 150 mil vagas até 2014, por meio do Pronatec. “Essa ação contribui para o cumprimento da Lei de Cotas, promovendo a qualificação para o trabalho”. (SDH/PR, 2012, p. 53).
- Garantir legalmente que as instituições de educação profissional qualifiquem pessoas com deficiência com vistas à sua inserção no mercado de trabalho. Esta ação está sendo implementada por meio do Pronatec.
- Incentivo, por meio de campanhas, para a contratação de pessoas com deficiência.

Além das propostas e ações estabelecidas no Plano Viver sem Limite duas políticas públicas que já foram citadas serão aprofundadas.

O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) foi criado pela Lei n.º 12.513/2011. Devido a realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil em 2014 o programa foi ampliado, criando-se o Pronatec Turismo que está voltado a qualificação de mão-de-obra nessa área, para bem receber e atender as pessoas nas cidades-sede da Copa e demais localidades do turismo brasileiro. O Pronatec Turismo está dividido em linhas de ação, que são: Pronatec Copa; Pronatec Copa na Empresa e Pronatec Copa Social. (MTUR, 2013).

Qual a relação dessa política pública com a pessoa surda? Uma das relações está no Pronatec Copa Empresa que apresenta oito eixos de classificação de cursos, e dentre esses oito eixos se encontra o de Desenvolvimento Educacional e Social que oferta 12 cursos que estão listados no Quadro 5. Dentre estes cursos, encontram-se os de Libras.

Quadro 5: Cursos oferecidos pelo PRONATEC COPA na empresa 2014 dentro do eixo desenvolvimento educacional e social

1	Contador de histórias;
2	Francês básico;
3	Inglês aplicado a serviços turísticos – básico;
4	Inglês básico;
5	Inglês intermediário;
6	Espanhol aplicado a serviços turísticos – básico;
7	Espanhol básico;
8	Língua Brasileira de Sinais (Libras) avançado;
9	Língua Brasileira de Sinais (Libras) intermediário;
10	Língua Brasileira de Sinais (Libras) básico;
11	Introdução à Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras / português);
12	Recreador.

Fonte: MTUR (2013).

Os cursos de Libras estão relacionados no Quadro 5 da linha 8 a 11. De acordo com o Guia Pronatec de Cursos FIC, os cursos relacionados possuem as seguintes ementas:

- a) Introdução à Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras/Português) com duração de 160 horas. Realiza a interpretação simultânea entre a Língua Brasileira de Sinais e o português e vice versa, a nível básico, em relacionamentos pessoais, comerciais e de trabalho, bem, como nos diversos serviços de atendimento ao público.
- b) Língua Brasileira de Sinais (Libras) - Básico com duração de 160 horas. Utiliza a Língua Brasileira de Sinais em nível básico, para comunicação com desinibição corporal, com pessoas surdas usuárias de Libras em diversos contextos sociais.
- c) Língua Brasileira de Sinais (Libras) - Intermediário com duração de 160 horas. Possui fluência em Língua Brasileira de Sinais em nível intermediário, possibilitando a comunicação em Libras com pessoas surdas usuárias da Libras, com desinibição corporal em diversos contextos sociais, principalmente no contexto escolar.
- d) Língua Brasileira de Sinais (Libras) - Avançado com duração de 160 horas. Utilizar a Língua Brasileira de Sinais em nível avançado, possibilitando proferir palestras, aulas e discursos em Libras.

Conversa fluentemente em Libras em diversos contextos sociais, principalmente no ambiente escolar.

Esse programa do governo amplia as possibilidades de interação e inserção social das pessoas surdas e é uma forma de execução da legislação vigente, que deixa de existir apenas no papel para se tornar uma ação governamental.

Outra Lei, com caráter de política pública de inclusão é a Lei nº. 8.213, de 24 de julho de 1991, que dispõe sobre planos de benefícios da previdência social e dá outras providências. Esta Lei está relacionada diretamente com as pessoas surdas, pois dispõe sobre as cotas de pessoas com deficiência que as empresas devem cumprir de acordo com o número de funcionários. É a chamada Lei de Cotas (Almeida e Costa, 2013). Esta Lei é uma forma de incluir todos os deficientes, inclusive surdos, no mercado de trabalho. A Lei estabelece em seu Art. 93 que: “A empresa com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência, habilitadas”. A proporção é a seguinte: De 100 até 200 empregados (2%); de 201 a 500 empregados (3%); de 501 a 1000 empregados (4%) e mais de 1001 empregados (5%). Esta é uma maneira de garantir legalmente a inserção das pessoas com deficiência no mercado de trabalho. Porém, conforme asseveram Almeida e Costa (2013, p. 104) “[...] após 20 anos de vigência da Lei, não há muito a comemorar, uma vez que muitas pessoas com deficiência ainda estão fora do mercado de trabalho”.

As políticas públicas estão relacionadas com o escopo deste trabalho, visto que garantem o acesso à informação, à educação e ao emprego das pessoas com deficiência.

2.6 SÍNTESE DO REFERENCIAL TEÓRICO

As línguas de sinais despertam curiosidade nos ouvintes, que não tendo muitas vezes contato com o surdo, acabam imaginando e construindo conclusões precipitadas sobre essa língua. Dessa forma, surgiram no decorrer do tempo crenças quanto à forma e uso dessa linguagem, surgindo mitos sobre ela. O Quadro

6 apresenta dez mitos da língua de sinais encontrados na literatura com os autores referentes.

Quadro 6: Mitos da língua de sinais.

Mitos	Meir e Sandler (2007)	Karnopp (1994) apud Quadros (2008)	Silva (2013)	Quadros (2008)
1º - A Língua de Sinais é Universal.	X	X	X	
2º - A língua de Sinais é um composto de pantomima e sinais iconográficos.	X	X	X	
3º - A Língua de Sinais é um sistema de comunicação superficial inferior ao sistema de comunicação oral.		X	X	
4º - A língua de sinais teria uma falha na organização gramatical, sendo um <i>pidgin</i> (resultado da mistura de línguas) sem estrutura própria, estando subordinada e inferior às línguas orais.		X		
5º - A língua de sinais é baseada nas línguas orais	X			
6º - A integração do surdo só acontecerá por meio da oralização do mesmo.			X	
7º - O surdo vive num silêncio absoluto			X	
8º - A língua de sinais é secreta			X	
9º - A língua de sinais é derivada dos gestos realizados pelos ouvintes				X
10º - A língua de sinais não possui representação hemisférica, enquanto sistema linguístico.				X

Fonte: Da Autora (2015).

O Quadro 6 construído a partir dos autores conduz a concluir que:

- i. A língua de sinais não é universal. Como acontece com todas as línguas, a língua de sinais sofre a influência da cultura de cada região e se modifica no decorrer do tempo. Cada país possui uma língua de sinais diferente, como por exemplo, Língua Americana de Sinais (ASL); Língua Britânica de Sinais (BSL); Língua Brasileira de Sinais (Libras) e tantas outras;
- ii. Os surdos utilizam sinais iconográficos ou até mesmo mímica, mas a língua de sinais vai muito além disso e possui toda a estrutura que uma língua precisa ter para ser definida como tal;
- iii. O Gestuno pode ser considerado uma língua de sinais artificial, pois foi criado para suprir a necessidade de uma língua de sinais comum entre os países para ser utilizado em grandes eventos internacionais;
- iv. A língua de sinais possui um sistema gramatical tão complexo quanto as línguas orais;

- v. A língua de sinais apresenta características linguísticas distintas das línguas orais. Sua gramática, fonologia (cinésica) sintaxe, semântica, morfologia, são próprias e não seguindo as regras das línguas orais;
- vi. A interação do surdo não está na sua aprendizagem em oralizar, mas sim, no uso da língua de sinais;
- vii. Quando um surdo está em um ambiente onde as pessoas gesticulam ou usam sinais demais, é percebido, por ele algo como 'barulho' para nós, pois com tanta informação, o surdo não consegue entender as conversas;
- viii. Pelo fato de que, por muito tempo, a língua de sinais foi proibida e era utilizada às escondidas pela comunidade surda, perdurou-se a ideia de que a língua era secreta;
- ix. A língua de sinais não é derivada dos gestos realizados pelos ouvintes;
- x. As línguas de sinais, mesmo sendo viso-espaciais, também são processadas no hemisfério esquerdo do cérebro, assim como as línguas orais.

Entre as características das pessoas surdas a língua de sinais é a que tem maior visibilidade. É pelo uso da língua que os ouvintes identificam quando uma pessoa é surda. Os surdos desenvolvem sua cognição da mesma forma que os ouvintes, por meio da interação social mediada por instrumentos e signos. O conjunto de signos deste grupo é a língua de sinais. Por meio desta se desenvolve a percepção, memória, compreensão, abstração, pensamento e demais processos mentais superiores dos surdos. Este contexto está intimamente relacionado com a semiótica, pois a língua é uma das formas de representar tudo que existe à nossa volta. Quando se estabelece entre uma comunidade que determinado sinal significa determinado objeto, e é compartilhado entre os demais, cria-se uma interpretação única na mente de cada indivíduo, da mesma forma que acontece com os ouvintes diante da fala. Esta relação entre Libras e semiótica estreita ainda mais a relação daquela com a Ciência da Informação, pois a semiótica é um dos temas recorrentes entre pesquisadores da área.

Diante desta área de estudo chamada Ciência da Informação (CI) foi possível inferir, diante do resgate teórico, que os surdos ainda estão à margem desta ciência como foco de estudo. Percebe-se que as pesquisas da CI estão

voltadas principalmente às problemáticas corporativas, buscando atender essas demandas. E suprindo as exigências do mercado, geralmente por meio de estudos com ênfase em tecnologias. Esta análise não é uma crítica, mas sim, uma reflexão no intuito de despertar para a ampliação das pesquisas sobre informação enquanto ciência pelo seu viés social. Ampliar o acesso e o uso da informação pelas pessoas surdas é uma das diversas possibilidades de pesquisa na área.

Além da academia, o governo também atua neste cenário, aprovando leis em prol das pessoas com deficiência. Esta é uma das maneiras de ampliar a interação dos surdos na sociedade. As políticas públicas têm estreita relação com essa legislação, pois, por meio delas é possível criar condições de fazer com que os direitos sejam garantidos, tanto das majorias, quanto das minorias.

Esta abordagem abarca consigo ganhos para a sociedade, que no uso e compartilhamento da informação, não apenas amplia a inclusão das pessoas com deficiência, mas cria possibilidades novas de vida digna para essas pessoas, que terão condições, por exemplo, de ingressar no mercado de trabalho. O caminho percorrido no referencial teórico sustenta a pesquisa empírica que será discutida no próximo capítulo, tendo como discussão principal o estudo da Libras como elemento de acessibilidade informacional para o surdo ingressar no mercado de trabalho.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Prodanov e Freitas (2013, p. 24) afirmam que o método é “[...] um conjunto de procedimentos adotados com o propósito de atingir o conhecimento”. Sendo assim, este capítulo descreve os passos da pesquisa que tem como objetivo gerar conhecimento científico sobre as relações entre a Libras, os surdos, o mercado de trabalho e a acessibilidade informacional.

O tema escolhido faz referência ao âmbito social da informação. É preciso quebrar antigos paradigmas de que o tratamento da informação deve acontecer apenas pelo viés tecnológico. Fadel *et. al.* (2010, p. 18) corroboram essa ideia argumentando que “[...] a ciência da informação deve se preocupar não apenas com a informação científica e tecnológica, mas também, e em igual medida, com a informação pública, com a informação social; [...]”.

Inserido nesse universo social da informação, busca-se atingir o seguinte objetivo de pesquisa: investigar as condições de acessibilidade informacional do surdo no mercado de trabalho por meio do uso da Libras. Dando suporte ao objetivo macro, objetivou-se também em nível intermediário a) mapear as políticas públicas e legislação vigente no Brasil que beneficiam a inclusão social do surdo; b) pesquisar o potencial da Libras como elemento de interação social do surdo; c) mapear as dificuldades da inclusão da pessoa surda no mercado de trabalho; d) enumerar, sob a ótica das empresas, os fatores motivadores da entrada ou não do surdo no mercado de trabalho; e) investigar, sob a ótica dos professores, a realidade vivenciada pelo aluno surdo em sala de aula, que modifica, mesmo que de forma subjacente, seu ingresso no mercado de trabalho. Os objetivos foram recapitulados neste momento, pois é fundamental que estejam alinhados com o tipo de pesquisa adotado.

Toda pesquisa segue um método, ou métodos, para que possa tornar ampla as suas possibilidades analíticas (PRODANOV e FREITAS, 2013). Tendo recapitulado os objetivos da pesquisa, esta, foi definida, de acordo com os métodos utilizados.

A Figura 11 apresenta a definição dos tipos de pesquisa utilizados neste estudo. De acordo com o procedimento de coleta: bibliográfico e *survey*; de acordo com os objetivos: exploratória e descritiva; de acordo com a natureza: pesquisa

aplicada e de acordo com a abordagem do problema: pesquisa mista (quantitativa e qualitativa). A pesquisa apresenta traços da etnografia, pois estuda os surdos, que devido à língua, possuem traços culturais diferentes dos ouvintes.

Figura 11: Mapa da caracterização da pesquisa.



Fonte: Da Autora (2015).

Com relação aos meios e procedimentos de coleta, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, buscando embasamento teórico em artigos científicos, livros, teses, dissertações, documentos oficiais, leis e outros.

Quando relacionada aos procedimentos técnicos a pesquisa se trata de uma *survey*, ou levantamento, pois “[...] este tipo de pesquisa ocorre quando envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento desejamos conhecer através de algum tipo de questionário”. (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 57).

As *surveys* podem ser utilizadas tanto em pesquisas de larga escala quanto em pesquisas menores. Em ambos os casos é preciso organizar o tempo de forma que se consiga realizar todas as etapas necessárias, que são: a) Desenvolvimento das questões, decisão do ambiente a ser pesquisado (população, amostra) e iniciar a elaboração do questionário; b) Testar o questionário, de forma informal, para então fazer as alterações necessárias; c) Aplicação do pré-teste, para verificar se está tudo de acordo; d) Início da coleta de dados com a aplicação do instrumento; e) Por fim, os dados colhidos são codificados e tratados para que possam ser analisados e dessas análises apresentar as conclusões (ROBSON, 2002).

Quanto aos objetivos trata-se, *a priori*, de uma pesquisa exploratória, pois existem poucas pesquisas (ANDRADE, 2002; SANTOS, 1999) sobre a

acessibilidade informacional dos surdos na área da Ciência da Informação, em quaisquer situações, sendo que este estudo enfatizou o mercado de trabalho.

Contudo, *a posteriori*, quanto aos seus objetivos, pode ser entendida também como uma pesquisa descritiva, pois foi realizado o levantamento, registro, análise dos dados sem que a pesquisadora interferisse ou manipulasse os dados. (PRODANOV e FREITAS, 2013). Com a aplicação do questionário, foram observadas e analisadas as opiniões dos surdos sobre a acessibilidade informacional, a Libras e como esta relação pode contribuir para a interação social e consequente inserção no mercado de trabalho. Para Prodanov e Freitas (2013, p. 54) “[...] as pesquisas descritivas aproximam-se das exploratórias, quando proporcionam uma nova visão do problema”.

Quanto à sua natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, pois pretende contribuir com alternativas para uma situação-problema vivenciada pela comunidade surda. (PRODANOV e FREITAS, 2013).

Quanto à forma de abordagem do problema é uma pesquisa mista, pois apresenta traços quantitativos e qualitativos, lembrando que estas abordagens são complementares (MINAYO, 1994; PRODANOV e FREITAS, 2013). “O conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia” (MINAYO, 1994, p. 22). Este estudo tende a uma predominância da abordagem qualitativa, porém em alguns momentos os cálculos estatísticos servem de apoio para as análises.

Com relação ao campo de estudo, esta pesquisa apresenta traços de etnografia, pois se aplica em uma cultura diferente daquela que a pesquisadora convive: a cultura surda, porém não podendo ser classificada como tal, pois não objetiva criar uma nova teoria, como sugerem autores clássicos da etnografia (ROBSON, 2002). Cançado (1994, p. 55) afirma que “Etnografia é literalmente a descrição de culturas ou de grupos de pessoas que são percebidas como portadoras de um certo grau de unidade cultural”. Com relação ao método Robson (2002, p. 186) afirma que “Utilizar uma abordagem etnográfica é muito mais uma questão de estilo do que seguir prescrições específicas do procedimento” (tradução nossa). Em se tratando da comunidade surda, a língua de sinais, no caso do Brasil a Libras, é o principal elemento que identifica a unidade cultural surda. Conforme afirma Santana

(2007) “[...] a língua passa a ser considerada ou identificada como expressão de uma cultura específica”.

Uma das estratégias adotadas para inserção do pesquisador na cultura surda foi a realização do curso de Libras. Momento em que houve a interação com a comunidade surda e reconhecimento da língua como elemento unificador da cultura surda, por meio da observação e vivência da pesquisadora. O curso se realizou parte na cidade de Curitiba, onde foi realizado o nível Básico I, e parte na cidade de Foz do Iguaçu, onde foi concluído o nível Básico II e Intermediário, com início do nível Avançado, em andamento.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram questionários e entrevistas. Os questionários foram aplicados com os surdos de Foz do Iguaçu, com idade entre 15 e 59 anos, considerando-se Almeida e Costa (2013, p. 105) “[...] estima-se ter o Brasil 27 milhões de pessoas com deficiência, sendo 17 milhões em idade considerada ativa para o mercado, entre 15 e 59 anos”. As entrevistas foram aplicadas com empresas de Foz do Iguaçu que já demonstraram interesse em ofertar cursos de Libras aos seus funcionários, tendo ou não surdos em suas equipes de trabalho. Foram aplicados questionários com professores do Ensino Médio de dois colégios regulares que possuem surdos em suas turmas. *A priori* os professores seriam entrevistados, porém devido ao número total de professores, isto tornou inviável a realização das entrevistas devido ao fator tempo. Diante deste fato, optou-se por transformar a entrevista em um questionário com questões abertas e fechadas.

3.1 CENÁRIO: POPULAÇÃO E AMOSTRA

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - Censo de 2010) existem no Brasil 344.205 pessoas surdas que não conseguem de modo algum ouvir. E outras 1.798.964 com “grandes dificuldades na audição” e ainda 7.574.149 com “alguma dificuldade na audição”. No Estado do Paraná são 18.988 surdos que não conseguem de modo algum ouvir; 100.206 com grande dificuldade e 396.755 com alguma dificuldade para ouvir.

De acordo com Botelho (2005), a diferença de decibéis na audição de uma pessoa com perda auditiva não importa tanto como se imagina, pois muitas vezes entende-se que quando uma pessoa possui uma surdez mais sutil existe maior facilidade de abstração e que esses resíduos auditivos podem suprir diversas dificuldades, o que para a autora não é verdade, visto que muitas vezes essas pessoas se sentem perdidas, pois não têm a identidade definida, ou seja, se são surdas ou ouvintes.

Um surdo que tem perda auditiva leve pode ter as mesmas ou mais intensas dificuldades que um surdo profundo. E, enquanto se argumenta exaustivamente se falta um ou vinte decibéis, a maioria dos surdos continua iletrada, e essa discussão irá perdurar tanto tempo quanto se mantiverem as mentalidades daqueles educadores que aspiram transformar os surdos em ouvintes. (BOTELHO, 2005, p. 15).

A partir do argumento de Botelho conclui-se que o universo de pessoas com surdez no Brasil é a soma de cada uma das contagens feitas pelo IBGE, totalizando 9.717.318 milhões de brasileiros que necessitam de um olhar diferenciado nas pesquisas sobre a surdez, suas implicações e inclusão social.

Ilustrado o cenário macro e quantitativo das pessoas surdas no Brasil, esta pesquisa empírica foi aplicada na cidade de Foz do Iguaçu, onde vivem 583 pessoas surdas que não conseguem de modo algum ouvir; 2.349 pessoas que apresentam grande dificuldade em ouvir e 8.714 com alguma dificuldade em ouvir. Assim, a cidade de Foz do Iguaçu apresenta um total de 11.646 pessoas que apresentam algum tipo de deficiência auditiva (IBGE, 2010).

Diante dos dados, definiu-se a amostra como não probabilística do tipo intencional, visto que foi selecionado um subgrupo da população e não havia dados suficientes para calcular este recorte para que fosse apresentada uma amostra probabilística, já que não foram todos os surdos pesquisados, mas sim aqueles que possuem idade mínima para estar no mercado de trabalho, entendendo esta amostra como representativa da população. As empresas e os professores também foram selecionados de forma intencional.

3.2 PROTOCOLO E COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados em três momentos. Primeiro, foram aplicados questionários com os surdos de Foz do Iguaçu com idade entre 15 e 59 anos (idade ativa para o mercado de trabalho). Também foram aplicadas entrevistas com roteiro semiestruturado com três empresas que ofertaram cursos de Libras aos seus funcionários, da mesma cidade. E, por fim, foram aplicados questionários com os professores do Ensino Médio de dois colégios públicos que possuem surdos em sala de aula. No Apêndice A encontra-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi aplicado juntamente com os questionários dos surdos, sendo resumido e traduzido para Libras (em formato de vídeo) e também juntamente com o questionário aplicado com os professores.

3.2.1 Entrevista Semiestruturada aplicada com as empresas

Foram aplicadas entrevistas (Apêndice C) com empresas locais, que ofertaram cursos de Libras para seus funcionários, para averiguar o contexto de inserção do surdo no mercado de trabalho. Este instrumento permitiu verificar a opinião, sob a perspectiva dos empregadores, da realidade vivenciada pelos surdos nas empresas, acesso e uso da informação e dificuldades enfrentadas para ingressar no mercado de trabalho.

As empresas escolhidas para aplicar as entrevistas foram levantadas junto à Associação de Pais e Amigos dos Surdos de Foz do Iguaçu (Apasfi), onde se questionou sobre quais empresas de Foz do Iguaçu já estão engajadas na inclusão das pessoas surdas. Foram mapeadas três organizações, que neste momento são chamadas de Empresa A; Empresa B e Empresa C. Os nomes das empresas foram mantidos em sigilo, por solicitação das mesmas.

Com relação ao instrumento aplicado com as empresas, este é composto por nove questões que visam a compreender a visão da empresa sobre a inserção do surdo no mercado de trabalho. O Quadro 07 apresenta as perguntas utilizadas na entrevista com as empresas, seus objetivos e expectativas.

Quadro 7: Questões, objetivos e expectativas da entrevista aplicada junto às empresas.

	QUESTÃO	OBJETIVO	EXPECTATIVA
01	Nesta empresa, estão ou já foram contratados surdos? A Lei de Cotas influenciou nesta decisão?	Verificar se a empresa possui surdos em seu quadro de funcionários e se a Lei de Cotas influenciou nesta decisão.	Apresentar se a Lei de Cotas contribui na decisão da empresa em contratar pessoas com deficiência.
02	Geralmente, em quais funções este profissional trabalha? Existe algum motivo para isso?	Diagnosticar as funções exercidas pelos surdos nestas empresas e os motivos disso.	Compreender se a deficiência auditiva ainda é uma barreira para o surdo em algumas funções.
03	O surdo apresenta alguma dificuldade no trabalho? Quais?	Descobrir se o surdo possui alguma dificuldade no trabalho e quais seriam estas dificuldades.	Explicar as dificuldades apresentadas pelos surdos no trabalho.
04	Existe algum tipo de treinamento especializado para o surdo?	Averiguar se as empresas treinam seus funcionários surdos de forma especializada.	Identificar se as empresas que possuem colaboradores surdos apresentam ou não treinamento especializado
05	Os surdos contratados na empresa têm livre acesso e conseguem utilizar as informações necessárias para o bom desempenho de sua função?	Perceber, na visão da empresa, se o funcionário surdo tem acesso e consegue utilizar as informações no ambiente de trabalho.	Obter informações sobre a forma como a empresa percebe a acessibilidade informacional do surdo no trabalho.
06	Existem pessoas ouvintes fluentes em Libras, além dos surdos na sua empresa?	Identificar se a empresa está a par dos funcionários que compartilham a Libras com os surdos.	Verificar se a empresa acompanha e tem informações sobre a realidade do surdo no seu ambiente de trabalho.
07	A empresa proporciona cursos de Libras para seus funcionários? Por quê?	Entender os motivos que levaram a empresa a ofertar ou não cursos de Libras para seus funcionários.	Explicar os motivos que levam a empresa a ofertar ou não cursos de Libras aos seus funcionários.
08	Existe receio da empresa no momento de contratar um surdo? Comente.	Averiguar se existe receio por parte da empresa no momento de contratar um surdo.	Apresentar os receios da empresa no momento de contratar um surdo.
09	Caso não existisse a Lei de Cotas, você acredita que esta empresa teria pessoas com deficiência em seu quadro de funcionários?	Verificar a influência que a política pública da Lei de Cotas exerce na inserção do surdo no mercado de trabalho.	Entender se a Lei de Cotas realmente influencia na decisão das empresas em contratar pessoas com deficiência, entre elas, os surdos.

Fonte: Da Autora (2015).

O Quadro 7 apresentou as questões utilizadas na entrevista com as empresas e que foram formuladas no intuito de dar subsídios para o alcance dos objetivos propostos.

3.2.2 Questionário aplicado junto aos professores

Foram aplicados questionários com os professores dos surdos que atuam no Ensino Médio, compostos por nove questões abertas e duas fechadas, buscando compreender a visão que o professor tem sobre o surdo e sua inclusão no trabalho. (Apêndice D). Foram distribuídos 62 (sessenta e dois) questionários; destes, 18 (dezoito) foram devolvidos respondidos.

De acordo com sondagens realizadas pela pesquisadora junto aos surdos que frequentam a Apasfi, a maioria deles estuda no Colégio Estadual Bartolomeu Mitre ou no Colégio Estadual Barão do Rio Branco. Devido a isso, os questionários foram aplicados nessas duas instituições de ensino.

O questionário apresentou duas questões fechadas e nove questões abertas. No Quadro 8, encontram-se as questões apresentadas no questionário aplicado junto aos professores, seus objetivos e expectativas.

Quadro 8: Questões, objetivos e expectativas do questionário aplicado com os professores.

QUESTÃO		OBJETIVO	EXPECTATIVA
01	Você é, ou já foi professor de algum aluno surdo?	Verificar se todos os professores têm convivência com alunos surdos.	Concluir que todos os professores sabem que possuem em suas turmas alunos surdos.
02	Você já fez curso de Libras?	Identificar quantos professores têm cursos de Libras.	Apresentar a quantidade de professores que lecionam para surdos que possuem e que não possuem curso de Libras.
03	Você considera importante que um professor ouvinte (não intérprete) saiba a língua de sinais? Comente.	Entender se os professores não intérpretes julgam ser importante saber a língua de sinais.	Perceber a opinião dos professores sobre a importância dos mesmos saberem Libras.
04	Para você, quais as dificuldades do aluno surdo em sala de aula?	Verificar quais as dificuldades o aluno surdo enfrenta na sala de aula, sob a ótica do professor.	Levantar as dificuldades enfrentadas pelo surdo em sala de aula.
05	Como o aluno surdo interage com os colegas ouvintes e com o professor?	Averiguar de que maneira o surdo interage com os colegas e com o professor.	Descobrir como acontece a interação do surdo em sala de aula.
06	Você acredita que a oralização do aluno surdo facilita sua interação com os demais colegas e professor em sala de aula?	Verificar se existem professores adeptos do oralismo.	Apresentar se existem professores que acreditam no oralismo, mesmo com a ampla divulgação e defesa do bilinguismo.
07	Você percebe que o aluno surdo aprende melhor quando utiliza qual língua? Comente.	Reafirmar ou não o entendimento da Libras como língua natural dos surdos.	Identificar se ainda existem professores que não veem a Libras como língua natural dos surdos.
08	Você percebe que o surdo possui as mesmas condições	Descobrir a opinião dos professores sobre a	Levantar informações sobre a opinião dos professores quanto

	de acesso e uso da informação na sociedade? Comente.	acessibilidade informacional dos surdos na sociedade.	as condições de acesso e uso da informação pelos surdos na sociedade.
09	Você acredita que estes alunos surdos, quando concluem o Ensino Médio, estão preparados para o mercado de trabalho? Comente.	Entender, de acordo com os professores, se o surdo, quando conclui o Ensino Médio, está preparado para o mercado de trabalho.	Analisar se os surdos, quando concluem o Ensino Médio, estão preparados para o mercado de trabalho, na opinião dos professores.
10	Há algum conteúdo específico em sua disciplina que prepara os alunos para o mercado de trabalho?	Verificar se existe conteúdo específico que prepara os alunos para o mercado de trabalho.	Apresentar se existe ou não conteúdo específico nas disciplinas do Ensino Médio para o mercado de trabalho.
11	Estes conteúdos estão relacionados com o surdo e sua inserção no mercado de trabalho?	Descobrir se, caso existam conteúdos para o mercado de trabalho, se estes incluem a identidade surda.	Levantar se existem conteúdos para o mercado de trabalho que estejam relacionados à identidade surda.

Fonte: Da Autora (2015).

O Quadro 8 apresentou as questões com as explicações relacionadas aos objetivos de cada uma e as expectativas do que foi obtido com as respostas dos questionários aplicados juntos aos professores.

3.2.3 Questionário aplicado com os surdos

As questões foram construídos com o intuito de contribuir com informações relevantes para responder aos objetivos da pesquisa, com a opinião dos surdos sobre a Libras, seu acesso e uso da informação, sua inserção no mercado de trabalho e outros dados adicionais. O instrumento aplicado com os surdos foi um questionário dividido em duas partes, a primeira com questões gerais e a segunda com assertivas que o surdo respondeu de acordo com seu nível de concordância dentro de uma escala de Likert de cinco pontos.

Na fase da qualificação, a primeira proposta foi a construção de três questionários, onde os surdos responderiam dois deles, sendo um comum a todos e outro em dois formatos (um para os surdos que nunca trabalharam e outro para os surdos que já trabalharam ou estão trabalhando). Porém após a validação dos mesmos, verificou-se a necessidade de traduzir as questões para Libras, simplificar o vocabulário utilizado e transformar o mesmo em um único questionário objetivo. A mudança para o novo questionário foi validada pelos professores presentes na banca de qualificação.

A primeira pessoa a analisar os instrumentos iniciais foi a professora de Libras Simone Aparecida Ribeiro que é surda. A segunda pessoa a analisar os instrumentos foi a professora Jussara Guedes Garcia, ouvinte, que possui 30 anos de experiência na educação de surdos. Foi esclarecido para as especialistas sobre a importância de suas contribuições para o andamento da pesquisa, na avaliação e validação dos instrumentos, pontuando questões mal formuladas, que apresentassem quaisquer tipos de ambiguidade e sugerindo outras perguntas ainda não exploradas. Para que as professoras pudessem fazer estas análises, apresentou-se o objetivo do questionário em coletar dados para analisar as condições de acessibilidade informacional do surdo no mercado de trabalho por meio do uso da Libras.

O *feedback* das análises feitas pelas duas professoras foi no dia 28 de junho de 2014, nas instalações da Apasfi. Neste momento, discutiu-se sobre os questionários e se apresentaram os seguintes pareceres:

- Necessidade de, no momento da aplicação dos questionários, contar com o apoio de um tradutor/intérprete em Libras para auxiliar o surdo que possui dificuldades em Língua Portuguesa;
- Utilizar termos os menos rebuscados possíveis, valendo-se de palavras simples, para o surdo entender de forma clara e objetiva. Algumas palavras foram citadas como muito complexas para o surdo: barreiras; inserção; cotas, motivos. Caso não existam palavras para substituir, isto reforça a necessidade do tradutor/intérprete no momento da pesquisa;
- As especialistas compreenderam o objetivo do questionário que buscava entender a relação dos surdos com o mercado de trabalho, levantando as dificuldades que eles têm no acesso à informação;
- Após discutir, pontuar e sugerir alterações, o grupo, composto pelas duas professoras e a pesquisadora, concluiu que os questionários que já estavam elaborados poderiam ser utilizados para o levantamento dos dados, porém surgiu uma possibilidade de formular um questionário mais direto e objetivo, apenas com questões fechadas que facilitasse as respostas dos surdos. A nova possibilidade foi de formular um questionário com situações do cotidiano, envolvendo acesso e uso da informação, mercado de

trabalho e língua de sinais, para que os surdos pudessem responder, talvez até sem a ajuda de um intérprete;

- Por fim, as professoras elogiaram o questionário e reforçaram que o mesmo poderia ser aplicado com as alterações apresentadas, porém na presença de um intérprete.

Diante das contribuições apresentadas pelas especialistas, optou-se por construir um novo modelo de questionário, com base naquele que foi apresentado, porém em formato diferente, com questões em forma de afirmativas em que os respondentes assinalariam se discordam totalmente, discordam parcialmente, se são indiferentes, concordam parcialmente ou concordam totalmente.

No novo questionário foram mantidas as questões direcionadas a traçar o perfil do respondente e as demais questões abertas foram modificadas para um formato em Escala de *Likert*, que tem como objetivo medir a atitude de um determinado grupo de pessoas. O documento final construído e que foi aplicado junto aos surdos está no Apêndice B.

Com relação à Escala de Likert, Günther (2003, p. 26) afirma que “Esta mensuração é mais utilizada nas ciências sociais, especialmente em levantamentos de atitudes, opiniões e avaliações. Nela pede-se ao respondente que avalie um fenômeno numa escala”. Foi escolhida a escala de cinco pontos, pois esta, de acordo com Vieira e Dalmoro (2008) é uma escala que possui maior confiabilidade e precisão que a escala de três pontos, sendo mais veloz no momento de responder do que a escala de sete pontos. A escala manteve um padrão do início ao fim, sem a inversão de itens ou mudança de formato no decorrer do questionário para evitar a mudança de posição dos entrevistados. Foi utilizado um ponto neutro na escala, para que o respondente ficasse a vontade caso não soubesse ou não tivesse opinião sobre o assunto abordado. Cada item foi ancorado, pois não existiam informações suficientes para saber o nível de intimidade dos surdos com questionários objetivos e o conhecimento destes sobre a escala de Likert, mesmo que os autores Vieira e Dalmoro (2008) tenham afirmado que isto tende a poluir a escala.

Para a análise dos dados levantados por meio do questionário, na parte que se apresenta em formato de escala de Likert, foi utilizada a análise de diferencial semântico de Osgood, baseando-se em Pereira (2004). Pereira (2004, p. 65), afirma que “A oposição semântica, que fica implícita na escala de Likert pela presença do

ponto médio, veio a ser estudada e desenvolvida, mais tarde, por Osgood, com sua teoria do diferencial semântico”. Nas análises, em cada assertiva apresentada, foi somado o número de respondentes dentro de cada atitude, depois estes foram transformados em porcentagem. De acordo com Pereira (2004) é possível realizar a análise, levando-se em consideração que cada atitude corresponde a um valor específico, sendo: Discordo Totalmente (DT: -1); Discordo parcialmente corresponde à metade deste valor (DP: -0,5); indiferente (0); Concordo totalmente (CT: +1) e concordo parcialmente corresponde à metade do valor de concordo totalmente (CP: +0,5). Na sequência cada porcentagem encontrada é multiplicada pelos valores apresentados e em seguida estes valores são somados. Esta operação faz com que se atribua um peso às respostas de acordo com o grau de concordância, para uma correta interpretação dos resultados. A explicação dada pode ser visualizada na fórmula (1):

$$\text{Média do grau de concordância} = \frac{x_1.y_1 + x_2.y_2 + \dots + x_n.y_n}{100} \quad (1)$$

Sendo:

x = porcentagem das respostas

y = peso das opções

Fonte: Baseado em Pereira (2004, p. 68).

Pereira (2004) assevera que o fato de se estabelecer um valor positivo ou negativo não está relacionado ao valor matemático em si, mas sim, indica qual o sentido semântico da medida.

Nos questionários aplicados com os surdos as questões foram traduzidas para Libras e gravadas em vídeos. Os vídeos foram editados e inseridos em um canal do *You Tube*[®] (www.youtube.com.br); na sequência foram licenciados no *Creative e Commons*[®] (creativecommons.org) pela licença que não permite uso comercial e obras derivadas (não é permitido modificar a obra original), permitindo compartilhamento (com menção do autor) e *download*.

Na sequência os vídeos foram utilizados para a construção de um formulário no Google Drive, utilizando-se das ferramentas disponíveis. Esse formulário foi enviado por meio digital aos respondentes, valendo-se de uma rede social muito difundida entre as pessoas: o *Facebook*[®]. Este questionário tem a finalidade de agregar valor no momento de responder o objetivo geral do trabalho que é investigar

as condições de acessibilidade informacional do surdo no mercado de trabalho por meio do uso da Libras. O Quadro 9 apresenta as questões da Parte I do Questionário, com seus objetivos e expectativas.

Quadro 9: Questões, objetivos e expectativas quanto aos aspectos sociais, linguísticos e trabalhistas do surdo.

QUESTÃO		OBJETIVO	EXPECTATIVA
PARTE I			
BLOCO I – ASPECTOS SOCIAIS			
02	Idade.	Levantar dados sociais sobre o respondente.	Traçar o perfil do respondente.
03	Gênero.		
04	Nível de Instrução.		
BLOCO II – ASPECTOS LINGUÍSTICOS			
05	Primeira língua.	Levantar informações sobre a primeira língua do respondente para perceber se isso facilitou ou dificultou sua entrada no mercado de trabalho.	Traçar o perfil linguístico do respondente.
06	Nível de audição.	Averiguar o tipo de surdez do respondente.	Traçar o nível de surdez do respondente.
07	Comunicação com pessoas ouvintes.	Obter dados para cruzar com os de primeira língua, nível de audição e momento da surdez.	Verificar a integração na sociedade.
08	Métodos para se comunicar com ouvintes.	Identificar quais métodos funcionam melhor com ouvintes.	
09	Melhores métodos.	Entender, na visão do surdo, qual método facilita sua interação social.	
10	Métodos de comunicação para interação e aprendizagem.	Levantar quais métodos os surdos consideram mais vantajoso no seu desenvolvimento cognitivo.	Verificar por meio de quais métodos o surdo adquire melhor desenvolvimento cognitivo para melhor competir no mercado de trabalho.
BLOCO III – ASPECTOS TRABALHISTAS			
11	Trabalho.	Descobrir se o respondente já trabalhou ou não.	Obter informação sobre o perfil de uma pessoa surda que trabalha.
BLOCO IV – MERCADO DE TRABALHO			
12	Áreas de atuação.	Identificar quais áreas mais empregam surdos.	Identificar como e em quais ambientes o surdo está sendo incluso no mercado de trabalho.
13	Função.	Verificar quais as funções mais exercidas pelas pessoas surdas.	
14	Razões para Empregabilidade.	Diagnosticar a forma de entrada no mercado de trabalho.	
BLOCO V – APRENDIZAGEM E QUALIFICAÇÃO			
15	Qualificação para o mercado.	Averiguar se o surdo que possui/possuiu emprego tem qualificação.	Identificar se a qualificação facilita a inserção no mercado de trabalho.
16	Formação/curso.	Identificar os cursos profissionalizantes que o surdo realiza.	
17	Cursos como facilitador.	Entender a opinião do surdo com relação à qualificação profissional.	
18	Dificuldade na leitura e escrita da Língua Portuguesa.	Compreender a dificuldade do surdo em Língua Portuguesa, leitura e escrita.	
			Identificar se os surdos possuem esta dificuldade e se ela contribui para o não acesso à informação.

Fonte: Da Autora (2015).

A segunda parte do questionário é formada por afirmativas que pretendem verificar as atitudes dos respondentes por meio de uma escala de Likert de cinco pontos, onde o surdo pode optar com relação à assertiva, se ele: discorda totalmente; discorda parcialmente; indiferente; concorda parcialmente; concorda totalmente. O Quadro 10 apresenta as frases que foram propostas para os respondentes.

Quadro 10: Objetivos e expectativas sobre questões relacionadas à linguagem, acessibilidade informacional e mercado de trabalho do surdo.

ASSERTIVA		OBJETIVO	EXPECTATIVA
PARTE II – ASSERTIVAS			
01	A Libras não me ajuda a aprender.	Identificar a percepção do surdo sobre a sua língua natural.	Identificar a importância da Libras na aprendizagem dos surdos.
02	Tenho acesso a quaisquer informações no meu ambiente de trabalho.	Averiguar a percepção do surdo quanto ao seu acesso à informação no trabalho.	Obter informações sobre o acesso a informação do surdo no mercado de trabalho.
03	A Libras é a melhor forma de interação com os ouvintes.	Entender a opinião do surdo sobre a Libras como forma de interação com os ouvintes.	Perceber a Libras como importante forma de interação do surdo com ouvintes.
04	A comunicação com as pessoas do meu trabalho flui normalmente.	Estabelecer a percepção do surdo sobre a fluidez da comunicação no ambiente de trabalho.	Averiguar se a comunicação do surdo com as pessoas no trabalho acontece de forma natural.
05	Eu não considero a Libras uma forma importante de interação com os ouvintes.	Entender a opinião do surdo sobre a Libras como forma de interação com os ouvintes.	Verificar se existem surdos que não consideram a Libras como importante forma de interação com ouvintes.
06	As políticas públicas do Governo melhoram a situação de emprego dos surdos.	Identificar a opinião do surdo sobre a influência das políticas públicas na empregabilidade dos surdos.	Perceber a opinião do surdo quanto a existência e efetividade das políticas públicas em sua inserção no mercado de trabalho.
07	Desconheço onde posso conseguir informações para achar um emprego.	Averiguar se o surdo possui ou não acesso e usa a informação para ingressar e/ou se manter no mercado de trabalho.	Descobrir a existência ou não de acessibilidade informacional para o surdo que procura emprego.
08	O trabalho faz com que as pessoas surdas se sintam incluídas na sociedade.	Diagnosticar a percepção do surdo sobre sua inclusão social por meio do trabalho.	Verificar se o trabalho representa para o surdo um elemento de inclusão ou exclusão social.
09	A língua não é uma dificuldade na hora de prosseguir os estudos.	Identificar se para o surdo a língua é uma dificuldade no momento de dar seguimento aos estudos.	Perceber se a língua é ou não um dos motivos que levam os surdos a não prosseguirem os estudos.
10	Tenho dificuldade na leitura e escrita da Língua Portuguesa.	Verificar se para o surdo a Língua Portuguesa é ou não uma barreira.	Compreender as dificuldades que o surdo enfrenta no acesso e uso da informação.
11	Não compartilhar uma língua com os ouvintes não dificulta a entrada do surdo no mercado de trabalho.	Perceber, no entendimento do surdo, se o não compartilhamento da mesma língua que os ouvintes, dificulta ou não sua inserção no mercado de trabalho.	Explicar se o não compartilhamento de uma língua entre surdos e ouvintes afeta ou não o ingresso do surdo no mercado de trabalho.
12	Quando as informações chegam até mim no ambiente de trabalho, não consigo utilizá-las.	Entender o uso da informação pelo surdo no ambiente de trabalho.	Diagnosticar se o surdo consegue ou não utilizar as informações no trabalho.
13	Tenho dificuldade em me comunicar com as pessoas do trabalho.	Estabelecer a percepção do surdo sobre a fluidez da comunicação no ambiente de trabalho.	Averiguar se a comunicação do surdo com as pessoas no trabalho acontece ou não de forma natural.
14	Aprendo de forma rápida e fácil quando utilizo a Libras.	Identificar a percepção do surdo sobre a sua língua natural.	Identificar a importância da Libras na aprendizagem dos surdos.
15	Não consigo me qualificar profissionalmente, pois na	Entender se o surdo considera a língua como uma barreira que	Compreender se a qualificação do surdo está relacionada ao uso de

	minha cidade não existem cursos de capacitação para o mercado de trabalho em Libras.	dificulta a sua qualificação.	outra língua.
16	Entrar no mercado de trabalho é difícil para o surdo porque ele não compartilha a mesma língua que os ouvintes.	Perceber, no entendimento do surdo, se o não compartilhamento da mesma língua que os ouvintes, dificulta a inserção no mercado de trabalho.	Explicar se o não compartilhamento de uma língua entre surdos e ouvintes afeta o ingresso do surdo no mercado de trabalho.
17	Eu consigo aprender por meio de leitura labial e/ou oralidade.	Verificar outras possíveis formas de aprendizagem do surdo.	Perceber se a leitura labial e/ou a oralidade são adequadas à aprendizagem do surdo.
18	É muito fácil ler e escrever em Língua Portuguesa.	Verificar se para o surdo a Língua Portuguesa é ou não uma barreira.	Compreender se o surdo enfrenta dificuldades no acesso e uso da informação devido às diferenças na língua.
19	Os surdos se sentem excluídos quando estão trabalhando.	Diagnosticar a percepção do surdo sobre sua inclusão social por meio do trabalho.	Verificar se o trabalho representa para o surdo um elemento de inclusão ou exclusão social.
20	No trabalho tenho dificuldade em conseguir as informações que preciso.	Averiguar a percepção do surdo quanto ao seu acesso à informação no trabalho.	Conhecer sobre o acesso a informação do surdo no mercado de trabalho.
21	A língua é a principal dificuldade quando penso em prosseguir os estudos.	Identificar se para o surdo a língua é a principal dificuldade no momento de dar seguimento aos estudos.	Perceber que a língua é um dos motivos que levam os surdos a não prosseguirem os estudos.
22	Busco me qualificar profissionalmente, pois não vejo a língua como uma dificuldade para isso.	Entender se o surdo considera ou não a língua como uma barreira que dificulta a sua qualificação.	Compreender se a qualificação do surdo está relacionada ou não ao uso de outra língua.
23	Sei onde conseguir as informações necessárias para procurar emprego.	Averiguar se o surdo sabe onde buscar a informação para ingressar e/ou se manter no mercado de trabalho.	Descobrir o conhecimento do surdo na busca de informações para ingressar no mercado de trabalho.
24	As políticas públicas não são suficientes para garantir emprego ao surdo.	Identificar a opinião do surdo sobre a influência das políticas públicas na sua empregabilidade.	Perceber a opinião do surdo quanto a existência e efetividade das políticas públicas em sua inserção no mercado de trabalho.
25	Não consigo aprender quando uso leitura labial e/ou oralidade.	Verificar a percepção do surdo quanto a outras formas de aprendizagem.	Perceber se a leitura labial e/ou a oralidade são adequadas à aprendizagem do surdo.
26	Tenho acesso e consigo utilizar todas as informações presentes no ambiente de trabalho.	Entender o uso da informação pelo surdo no ambiente de trabalho.	Diagnosticar se o surdo consegue ou não utilizar as informações no trabalho.

Fonte: Da Autora (2015).

Na segunda parte do questionário cada assertiva apresentada possui outra em contraponto. Esta estratégia metodológica foi utilizada para entender se os surdos conseguiram compreender as questões, identificando assim se a atitude é favorável ou não à questão apresentada. Esta estratégia se esclarece no exemplo de Günther (2003, p. 27):

Considerando o conjunto de itens que compõem uma escala tipo Likert, é importante que parte dos itens seja invertida de tal maneira que ora 'concordo' (bom, aplica-se) ora 'discordo' (ruim, não se aplica) [...] A concordância 'sim' com o primeiro item e a discordância 'não' com o segundo implicam uma atitude favorável à dimensão 'envolvimento com o trabalho'.

No questionário proposto as questões contrabalanceadas para identificar as atitudes favoráveis ou não dos surdos são: 01 e 14; 02 e 20; 03 e 05; 04 e 13; 06 e 24; 07 e 23; 08 e 19; 09 e 21; 10 e 18; 11 e 16; 12 e 26; 15 e 22; 17 e 25.

Robson (2002) detalha o que deve ser feito para se aplicar a escala de Likert: primeiro, reunir os itens, sendo que cada um deles deve demonstrar uma posição positiva e outra negativa, sendo que o número de questões positivas e negativas deve ser aproximadamente o mesmo. Neste estudo o número de declarações positivas e negativas é igual. Em seguida é preciso decidir as categorias que serão utilizadas nas respostas, ou seja, as escalas; depois as declarações positivas e negativas devem estar inseridas em uma lista de forma aleatória. Por fim, são realizados os cálculos para a compreensão das respostas.

Em seguida serão apresentadas as técnicas e ferramentas de análise dos dados coletados nos questionários aplicados junto aos surdos; aos professores e entrevistas realizadas com as empresas.

3.3 TÉCNICA E FERRAMENTA DE ANÁLISE DOS DADOS

Os dados levantados nos questionários aplicados com os surdos foram registrados e agrupados de forma lógica para, então, serem analisados, sem manipulação, por ser uma pesquisa descritiva que busca interpretar como os fatos ocorrem de acordo com os dados coletados. O Excel foi um dos recursos utilizados para a tabulação, tratamento (cálculos estatísticos) e para gerar os resultados em forma de gráficos e tabelas.

Primeiro foi realizada a seleção dos dados, onde questionários tendenciosos foram eliminados e se verificou se a coleta estava a contento para atingir os objetivos propostos. Depois os dados foram codificados, ou seja, classificados e agrupados em tabelas. Nesta fase eles já estavam, pois, tabulados. Na sequência eles foram analisados e interpretados por meio da análise das frequências das respostas. O método utilizado para a análise das respostas presentes nos questionários aplicados com os surdos nas assertivas formuladas em Escala de Likert foi a escala de diferencial semântico de Osgood, embasando-se em Pereira (2004).

Além dos questionários, foram elaborados pequenos roteiros de entrevista semiestruturada que foram aplicados com as empresas selecionadas. Também foram aplicados questionários com questões abertas e fechadas junto aos professores. A análise dos dados coletados nas entrevistas com as empresas e também nos questionários dos professores foi realizada de forma qualitativa por meio da análise de conteúdo de Bardin (2011), que, de acordo com a autora, pode ser entendido como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 48).

Para Bardin (2011) um dos domínios de aplicação da análise de conteúdo é o linguístico escrito que pode ser realizado em um diálogo por meio de um questionário, o que neste trabalho foi realizado por meio dos questionários aplicados com os professores. Outro domínio é o linguístico oral, que também pode ser realizado em um diálogo, por meio de entrevistas, apresentado neste estudo nas entrevistas com as empresas. No decorrer da análise das entrevistas aplicadas junto às empresas foram construídos quadros organizados por temática, sequência e enunciação, conforme apresentado por Bardin (2011).

Para compreender o processo de inferência de que trata o texto é preciso explicar o que é inferência, como ela acontece e de que forma foi utilizada neste estudo. De acordo com Gondim e Bendassolli (2014, p. 194-195):

O conceito de inferência está relacionado ao tipo de raciocínio – por exemplo, dedutivo ou indutivo. Nas ciências empíricas a inferência é um processo fundamental, visto que com ela se pretende partir do conhecimento do fato para se chegar ao conhecimento das razões para o fato. [...] É interessante observar que, na dedução, parte-se da regra para o dado para se extrair a conclusão (inferência), enquanto no caso da indução se parte do dado para concluir algo, e então dar o salto para a regra (teoria). Em se tratando da abdução, parte-se de uma regra, que pode ser uma teoria provisória, e arrisca-se uma conclusão (hipotetizada) para então analisar o dado.

Este estudo faz uso de inferências, ou seja, parte de uma lógica dedutiva onde a análise tramita da teoria para os resultados empíricos, para, a partir disso, se alcançar as conclusões. Nas palavras de Bardin (2011, p. 45):

Se a *descrição* (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a *interpretação* (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é

o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra.

Os dados levantados na primeira parte dos questionários aplicados junto aos surdos foram tabelados e tratados por meio de cálculos estatísticos descritivos, gerando um infográfico.

O Quadro 11 apresenta uma síntese da relação entre objetivo, embasamento teórico (autores), técnica de coleta de dados (questionários, entrevistas, levantamento bibliográfico), tratamento dos dados e expectativa dos resultados.

Em síntese, o Capítulo 3 descreveu de forma detalhada como o trabalho foi realizado. Apresentou a pesquisa com sua tipologia; o cenário (população e amostra); o protocolo de coleta dos dados; os instrumentos de pesquisa utilizados (entrevistas e questionários); e os métodos de análise dos dados. O próximo capítulo apresenta o tratamento e apresentação dos resultados.

Quadro 11: Síntese das referências e métodos utilizados no estudo.

Objetivo	Embasamento Teórico	Técnica de Coleta dos dados	Tratamento dos dados	Expectativa dos resultados
Investigar as condições de acessibilidade informacional do surdo no mercado de trabalho por meio da Libras.	Sacks (1990); Goldfeld (2002); Botelho (2005); Santana (2007); Meir e Sandler (2007); Quadros (2008); Ferreira (2010); Passos (2010); Pedrett (2010); Moreira (2011); Hoffmann-Dilloway (2011); Kapitaniuk (2011); Roa (2012); Souza (2013); Cardoso e Lima (2013).	Pesquisa Bibliográfica; Questionários aplicados com os surdos e professores de surdos e entrevistas com as empresas.	Compilação dos dados para levantamento das informações necessárias para análise quanti e qualitativa.	Obter as informações necessárias para concluir quais são as condições de aprendizagem e acessibilidade informacional do surdo no mercado de trabalho e como a Libras influencia essas condições.
Mapear as políticas públicas e legislação vigente no Brasil que beneficiam a inclusão social do surdo.	Constituição Federal (1988); Lei n.º 7.853/1989; Lei n.º 8.213/1991; Dec. n.º 3.298/1999; Lei n.º 10.048/2000; Lei n.º 10.098/2000; Lei n.º 10.436/2002; Cury (2002); Dec. n.º 5.296/2004; Dec. n.º 5.626/2005; Souza (2006); Dec. n.º 6.949/2009; Passos (2010); Carvalho (2010); Lei n.º 12.513/2011; SDH/PR (2012).	Pesquisa Bibliográfica; Questionários aplicados com os surdos e professores de surdos e entrevistas com as empresas.	Levantamento bibliográfico com análise dos mesmos e posterior cruzamento com as respostas dos questionários e entrevistas.	Apresentar as políticas públicas e legislação vigente que existem para beneficiar a inserção do surdo no mercado de trabalho direta ou indiretamente.
Pesquisar o potencial da Libras como elemento de interação social do surdo.	Sacks (1990); Goldfeld (2002); Botelho (2005); Santana (2007); Meir e Sandler (2007); Quadros (2008); Ferreira (2010); Pedrett (2010); Moreira (2011); Hoffmann-Dilloway (2011); Kapitaniuk (2011); Roa (2012); Pereira (2013).	Pesquisa bibliográfica; Questionários aplicados com os surdos e professores de surdos e entrevistas com as empresas.	Compilação dos dados para cruzamento das informações necessárias para análises quanti e qualitativa.	Verificar que a Libras é o principal elemento de interação do surdo com as demais pessoas.
Mapear as dificuldades da inclusão da pessoa surda no mercado de trabalho.	Lei n.º 7.853/1989; Lei n.º 8.213/1991; Dec. n.º 3.298/1999; Passos (2010); Carvalho (2010).	Questionários aplicados com os surdos e professores de surdos e entrevistas com as empresas.	Compilação dos dados para levantamento das informações necessárias para análises quanti e qualitativa.	Obter o mapa de quais são as dificuldades enfrentadas pelo surdo no seu processo de inclusão no mercado de trabalho.
Enumerar sob a ótica dos empresários e professores os fatores motivadores da entrada ou não do surdo no mercado de trabalho.	Lei n.º 7.853/1989; Lei n.º 8.213/1991; Dec. n.º 3.298/1999; Passos (2010); Carvalho (2010).	Entrevistas semiestruturadas aplicadas com as empresas.	Compilação dos dados para levantamento das informações necessárias para análise de conteúdo.	Traçar os fatores motivadores da entrada ou não dos surdos no mercado de trabalho, de acordo com os empresários e professores.
Investigar, sob a ótica dos professores, a realidade vivenciada pelo aluno surdo em sala de aula, que modifica, mesmo que de forma subjacente, seu ingresso no mercado de trabalho.	Freitas (2003); Botelho (2005); Fernandes (2006); Meir e Sandler (2007); Quadros (2008); Carvalho (2010); Pedrett (2010); Souza (2011); Moreira (2011); Cardoso e Lima (2013);	Questionários aplicados junto aos professores.	Compilação e organização dos dados, levantando-se as informações necessárias para a análise de conteúdo.	Levantar, na opinião do professor, informações sobre a realidade vivenciada pelo aluno surdo em sala de aula que modificam, mesmo que de forma subjacente, seu ingresso no mercado de trabalho.

FONTE: Da Autora (2015).

4 TRATAMENTO E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A priori estão apresentados os resultados das entrevistas realizadas junto às empresas de Foz do Iguaçu; os nomes não foram divulgados a pedido das mesmas (Item 4.1). *A posteriori*, apresentam-se as análises dos resultados dos questionários aplicados com os professores de surdos das instituições de ensino de Foz do Iguaçu: Colégio Estadual Bartolomeu Mitre e Colégio Estadual Barão do Rio Branco (Item 4.2). E por fim estão demonstrados os resultados dos questionários aplicados com os surdos de Foz do Iguaçu (Item 4.3).

4.1 ENTREVISTA APLICADA COM AS EMPRESAS

Na sequência serão apresentados os resultados das entrevistas realizadas com as empresas, fazendo uso da análise de conteúdo e da análise de entrevistas de Bardin (2011). Foram contatadas três empresas, destas, duas atenderam e responderam todos os questionamentos – aqui denominadas de empresa A e B. A terceira empresa (Empresa C) não respondeu todos os questionamentos, mesmo assim, os dados colhidos foram analisados.

Para realizar a análise de conteúdo das entrevistas, foi construído um quadro de análise, conforme exemplificado no Quadro 12 que apresenta um trecho transcrito da entrevista com a Empresa A apresentando temática; sequência e enunciação. Com as informações organizadas, realizaram-se as inferências para posterior análise, discussão e conclusões dos resultados. A transcrição do restante da entrevista com a Empresa A, como também a íntegra da entrevista com as demais empresas, encontra-se no Apêndice E para eventuais consultas.

Quadro 12: Contratação de surdos (Empresa A).

Temática	Entrevistado A	Sequência	Enunciação
Comunicação dos surdos no trabalho Estratégias de divulgação do curso de Libras	- E o que motivou o hotel a contratar surdos? - O que nos motivou é que nós observamos que eles viviam num mundo muito restrito . Que eles se comunicavam somente entre eles . Aí nós ficamos pensando que a gente poderia ampliar esse mundo deles, de se comunicarem, a gente via a necessidade dos funcionários , queriam se comunicar e não conseguiam, não sabiam como . Então no primeiro dia do surdo a gente coloca um mural... a gente divulga né. A gente viu que muita gente se interessou quando a gente colocou o alfabeto de Libras no Hotel... a gente divulgou que era o dia do surdo ... e... os surdos são muito queridos , assim, eles são muito atenciosos né. E aí muita gente quis fazer. Só que aí assim, a gente falava que tinha na Apasfi , mas tinha toda uma dificuldade . Aí foi quando a gente colocou um planejamento de treinamento , que a gente tem o planejamento de treinamento anual, envolvendo as pessoas. Olha eu acho muito importante a gente colocar, inclusive eu, departamento de RH, eu tenho que me comunicar com eles, porque as vezes ele tem dúvida sobre salário... na hora de contratar como eu vou fazer uma entrevista com eles?	03	Não respondeu a pergunta. Falou sobre o curso de Libras que foi ofertado aos demais funcionários Frase inicial "Uso do "nós" Tiques de linguagem: "né"; "então" Mudança para o uso do "eu" Reflexão por parte do respondente em forma de interrogação.
Processo seletivo dos surdos Uso de intérprete nas entrevistas Acolhimento	- Era o que eu ia perguntar... como é o processo seletivo ? Como que a empresa contrata o surdo ? - É... sempre que a gente agenda entrevista vem uma intérprete da Apasfi. A intérprete sempre está acompanhando . Mas aí assim, até pra eles se sentirem mais a vontade . Tendo alguém que tá se preocupando, assim... ah! poxa... lá eles se preocupam. Eu acho que eles vão se sentir mais acolhidos dessa forma.	04	Retomada da reflexão gerada pelo respondente. Tiques de linguagem: "assim". Uso do "eu" e "a gente"

Fonte: Da pesquisa (2015).

Em seguida serão apresentados os resultados de acordo com as informações colhidas nas entrevistas realizadas com as Empresas A, B e C.

4.1.1 Resultado: Empresa A

A empresa A demonstrou preocupação em ofertar cursos de Libras aos funcionários ouvintes para ampliar o mundo restrito em que o surdo se encontra. Para realizar o curso diretamente na Apasfi os funcionários encontravam barreiras,

então foi realizado um planejamento para ofertar o curso na própria empresa. Preocupou-se também em divulgar o curso de Libras para os colaboradores, motivando os funcionários. Percebeu-se o emprego do pronome pessoal “nós”, se referindo a empresa, e em alguns momentos o uso do “eu” quando a respondente quer expressar uma opinião particular, sem a interferência da opinião organizacional.

Divulgou-se também sobre como acontece o processo de seleção dos surdos na empresa que começa com uma entrevista, em que a Apasfi encaminha um intérprete para acompanhar o surdo. A presença do intérprete auxilia para que o surdo se sinta mais à vontade. Para a respondente os surdos se sentem mais acolhidos desta forma, a opinião pessoal é demonstrada pela mudança no discurso do ‘nós’ para o ‘eu’.

Em seguida, questionou-se sobre a contratação dos surdos devido à existência da Lei de Cotas. Na primeira abordagem, percebeu-se a hesitação da entrevistada no momento de responder que “sim” a empresa contrata os surdos por causa da Lei. A pergunta foi reformulada para confirmação; na segunda vez, a respondente não titubeou e respondeu de forma categórica. Insistiu-se no questionamento, interrogando-se: caso não existisse a Lei de Cotas a empresa contrataria pessoas com deficiência? E mais uma vez houve hesitação por parte da respondente, que não deu uma resposta organizacional, mas sim uma opinião pessoal, afirmando que sim, pois existem pessoas capacitadas.

Questionou-se também sobre qual a exigência de qualificação profissional do surdo, e para quais funções. Durante a explicação as frases pareceram entrecortadas, buscando as justificativas para, algumas vezes, não se contratarem os surdos que buscam a empresa. Mas a principal demonstração neste trecho da entrevista é de que os surdos muitas vezes se interessam por vagas pelas quais eles não possuem escolaridade, ou seja, qualificação. E também, que em alguns momentos, os surdos não podem exercer a função que almejam devido à deficiência auditiva que apresentam. Percebeu-se, que, por vezes, além da falta de qualificação, o surdo pode ficar fora do mercado de trabalho, pelo fato de que a função exercida exige a presença do sentido da audição.

Elencou-se, no que tange o treinamento do surdo dentro da empresa, que existe uma cota de treinamento por mês e que os surdos participam destes treinamentos. Procurou-se, então, questionar quanto à presença de um intérprete no momento dos treinamentos. Foi diagnosticado que a empresa sempre chama um

intérprete da Apasfi, tanto para os momentos formais (como treinamentos) quanto para os momentos informais da empresa (festas bimestrais), demonstrando que nos momentos informais são repassadas informações relevantes para os funcionários. Durante a narrativa, percebeu-se que existem, dentro da empresa, momentos em que os funcionários surdos se isolam dos ouvintes, interagindo apenas com seus pares, porém que a empresa não interfere neste isolamento, pois procura deixar o surdo agir de forma natural para que se sinta bem no seu ambiente de trabalho.

Abordou-se sobre as funções exercidas pelos surdos na empresa. As funções enumeradas são todas operacionais: jardim; cozinha e limpeza. Questionou-se se essas funções são as mais adequadas ao surdo. Não houve uma resposta direta, porém justificou-se que algumas funções apresentam riscos para os surdos pelo fato de não ouvirem. Interrogou-se se a empresa não possui modificações estruturais para suprir estes riscos. A respondente respondeu que sim e direcionou a entrevista para outro questionamento, se estas modificações atendem as necessidades dos surdos. E a respondente negou três vezes em uma única sentença que não são para surdo ainda, porém afirmou que devido ao curso de Libras que está sendo realizado na empresa, o professor surdo está contribuindo e auxiliando com dicas sobre o que pode ser feito para melhorar e dar suporte ao surdo tanto na segurança, quanto em outros aspectos. Por fim, demonstrou-se a mudança de paradigma da empresa que está “agora” tomando esse cuidado.

Quando questionado sobre a acessibilidade informacional do surdo, destacaram-se as situações em que o intérprete não se faz presente. Verificou-se neste momento o uso do “nós” lembrando as situações vivenciadas na empresa, narrando momentos passados em que as dificuldades eram maiores, pois se comunicavam por meio da escrita, porém a comunicação era difícil visto que, nas palavras da empresa, a alfabetização do surdo acontece de uma forma diferente dos ouvintes e o seu português escrito também é diferente. Para a empresa o surdo não consegue acompanhar de forma simultânea, demorando mais para ter acesso às informações. Por fim, concluiu com reincidência do “não” em três vezes na mesma sentença, corroborando a opinião apresentada de que os surdos não devem ter o mesmo acesso às informações, sem o uso da Libras.

Perguntou-se também se a disseminação da Libras entre os demais funcionários ouvintes é condição para ampliar a acessibilidade informacional do surdo. A afirmação categórica se apresenta já na primeira sentença: “com certeza”.

Narrou-se, então, o cotidiano da empresa, demonstrando a importância de uma funcionária ouvinte que sabe Libras, justificando que sempre que existem dificuldades por parte dos surdos ela atua como um meio de comunicação. Demonstrou-se que existe o esforço da empresa em manter os surdos informados, porém, concluiu-se que mesmo com os esforços a acessibilidade informacional não é igual para os surdos.

A pergunta seguinte foi elaborada como forma de organizar as ideias presentes na entrevista questionando se os surdos trabalham no mesmo turno. E a resposta foi que sim, todos trabalham no mesmo turno.

Buscou-se, por meio da retomada do assunto sobre funcionários ouvintes que saibam Libras, aprofundar a questão. A funcionária ouvinte que sabe a língua de sinais foi enaltecida mais uma vez, demonstrando a importância de que o funcionário busque se aperfeiçoar no trabalho, incluindo neste caso, a qualificação em Libras. Relatou-se sobre a formatura do curso de Libras, lembrando que é um curso básico, porém, argumentando que, mesmo este nível básico já melhorou muito a comunicação entre surdos e ouvintes.

Quando questionada sobre o que motivou a empresa a oferecer cursos de Libras para os funcionários e também sobre os custos disso para a empresa, foi relatado que existiram custos, porém para convencer a organização da importância de se realizar este investimento, foi feito um projeto e negociado com explicações que demonstravam ser incoerente contratar um surdo, mesmo que devido à Lei de Cotas, e não dar para ele um local digno de trabalho, situação que era percebida pelo RH da empresa com relação à comunicação do surdo. Esclareceu-se que foram vivenciadas, na Apasfi, as discriminações que os surdos passam, onde as empresas só ofertam vagas operacionais. Percebendo o que havia dito, a respondente defendeu a empresa, argumentando que, esta empresa em si, não oferece apenas vagas operacionais, mas em contrapartida a qualificação do surdo não é compatível com algumas vagas ofertadas. Apresentou a motivação da empresa que é de proporcionar um ambiente de trabalho mais agradável para o surdo. Para finalizar, apresentou a narrativa do cotidiano de um surdo na empresa, demonstrando a mudança sofrida com o curso de Libras. As palavras estão carregadas de afeto, o que demonstra a aproximação com o surdo.

Também se questionou sobre o fato da empresa possuir algum receio no momento de contratar o surdo. Esta afirmou, sem titubear, que “pelo contrário, a

gente dá prioridade para contratar surdos”. Isto demonstra uma predileção pelos surdos com relação às outras deficiências. Argumentou-se que os surdos são dedicados, possuem um bom relacionamento com os demais, são amáveis, inteligentes e trabalhadores. Expôs-se também que existe a preocupação com os ouvintes que vão trabalhar com o surdo, pois é preciso treiná-los para que aprendam a lidar com os mesmos, quando foi narrado um fato vivenciado na empresa. Por fim, afirmou-se que é preciso orientar os ouvintes. Neste momento, corroborou-se em suas próprias palavras quando utilizou três vezes na mesma sentença de forma sequencial o verbo “orientar”.

Questionou-se, se o curso de Libras que a empresa está oferecendo também pode ampliar as possibilidades de bem atender o turista surdo. A respondente afirmou que “com certeza”. Em seguida, perguntou-se se a empresa já havia vivenciado alguma experiência com turistas surdos. Mais uma vez, foi narrada a vivência da empresa, esclarecendo que esta já procurou descobrir se havia hospedado surdos e verificou que até o momento não; não havia registros e nem relatos de clientes surdos.

Interrogou-se sobre as dificuldades que os surdos têm no momento de exercer sua profissão e as possibilidades de ascensão profissional. Demonstrou-se novamente que a falta de qualificação é um empecilho para o surdo galgar cargos na empresa. A comunicação também foi colocada como uma dificuldade no momento do surdo assumir funções, como, por exemplo, recepção. Afirmou ainda que os ouvintes têm mais possibilidades de se promover. Justificou que vagas como telefonia, contas a receber, contas a pagar, não são destinadas aos surdos, visto que existe a necessidade de comunicação com os clientes. No final da resposta, reapresenta-se o motivo recorrente que impede a entrada e permanência do surdo no mercado de trabalho: a falta de escolaridade e qualificação.

No que tange as dificuldades que os surdos têm na Língua Portuguesa, foi retomada a narrativa dos momentos vivenciados na empresa, lembrando que no início a comunicação com os surdos era por meio da escrita e que nestes momentos ficava evidente a limitação dos mesmos. Demonstrou-se a mudança de paradigma da empresa que antes não entendia os motivos do surdo não conseguir se comunicar por meio do português escrito, porém agora já consegue compreender que os surdos se comunicam por meio de uma língua diferente da utilizada pelos ouvintes.

Por fim, a entrevistadora tentou realizar colocações para um novo relato ou aprofundamento por parte da respondente, porém, devido ao silêncio da mesma, percebeu que a entrevista havia acabado.

Em alguns momentos da entrevista com a Empresa A, corrobora-se as afirmações de Almeida e Costa (2013) quando os autores evidenciam que as empresas não contratam pessoas com deficiência e muitas vezes descumprem a Lei de Cotas alegando dificuldades como a desqualificação profissional, a falta de informação, o preconceito e a falta de benefícios por parte do Governo. Mesmo com as adversidades foi apresentada durante a entrevista que a contratação dos surdos, mesmo que por força da Lei de Cotas, encaminha a empresa para uma mudança de paradigma e ampliação da visão sobre a identidade surda e quais os caminhos que podem ser traçados ou retraçados para ampliar a inclusão das pessoas com deficiência, entre elas, do surdo.

4.1.2 Resultado: Empresa B

Para a entrevista realizada com a Empresa B, construíram-se quadros para a análise do conteúdo, com temática, sequência e enunciação, seguindo o modelo proposto por Bardin (2011) que estão apresentados no Apêndice E para eventuais consultas.

Com base nas inferências realizadas na entrevista com a Empresa B, verificou-se que a motivação da empresa em contratar curso de Libras para os funcionários é qualificar o pessoal para bem atender os usuários que tenham esta necessidade, ou seja, os surdos. Estas modificações na empresa têm como objetivo atender a demanda de acessibilidade prevista em normas vigentes, legislações que apontam para a obrigatoriedade de que tais mudanças sejam realizadas. Ou seja, os cursos de Libras foram contratados para cumprir uma exigência legal, garantindo o direito da acessibilidade informacional do surdo.

Perguntou-se sobre o número de funcionários capacitados nos cursos de Libras. Esclareceu-se que os cursos ainda não foram realizados (apenas um em outro momento). Então, a partir das memórias do respondente, com informações que não são precisas, foi possível identificar que: serão treinados aproximadamente

dez funcionários do setor de operações; serão ofertadas trinta vagas; as demais vagas serão ocupadas por pessoal de outras áreas e se ainda existirem vagas remanescentes, estas serão disponibilizadas para as empresas aéreas ou outras terceirizadas.

Questionou-se sobre o número de funcionários da empresa para verificar se a mesma enquadra-se ou não na Lei de Cotas. Constatou-se que não, pois a empresa possui 65 funcionários, o que foi reafirmado novamente na resposta. Reformulada a pergunta, reforçou-se a informação de que não existem funcionários surdos e esclareceu-se que caso tivessem outra quantidade de funcionários teriam a necessidade de contratar, porém não é o caso. Esta afirmação confirma a influência da Lei de Cotas na contratação de pessoas com deficiência.

Em seguida, relatou-se para o entrevistado que, caso a empresa tivesse surdos em seu quadro de funcionários a entrevista seguiria por uma nova vertente. A empresa reiterou que o objetivo do curso é qualificar pessoal para atender os usuários e que no efetivo da empresa não existem e nem há previsão da contratação de surdos.

Perguntou-se, se existia algum levantamento relacionado às pessoas surdas que transitam ou já transitaram pela empresa. A resposta foi curta e objetiva afirmando que não há nenhum levantamento. Esclareceu-se também que “[...] a obrigatoriedade em atender os passageiros é da empresa aérea”. E que a organização dá apoio ao usuário; o respondente apresentou a rotina dos funcionários da empresa que dão assistência aos passageiros.

Questionou-se também se a intenção é capacitar apenas na Língua Brasileira de Sinais, visto que existem outras. A resposta veio de forma categórica: “não”; insistiu-se, porém, reafirmou-se que “A princípio não tem”. Assim, encerrou-se a entrevista com a Empresa B.

4.1.3 Resultado: Empresa C

A Empresa C respondeu às questões por e-mail, por solicitação da empresa. A entrevista na íntegra está disponível no Apêndice E para eventuais consultas.

Com base nas inferências realizadas, percebeu-se que a motivação em ofertar cursos de Libras para os seus funcionários existe devido a uma obrigatoriedade contratual em disponibilizar acessibilidade a todos os visitantes da empresa, independentemente do tipo de deficiência que esta pessoa apresente. A empresa não possui surdos em seu quadro de funcionários.

Outras perguntas foram enviadas para a Empresa C, por e-mail, porém até o presente momento não houve resposta.

4.1.4 Síntese dos resultados das empresas

Visto que as entrevistas seguiam um roteiro semiestruturado, percebe-se que questões apresentadas na entrevista com as Empresas A, B e C não seguem uma ordem ou padrão, tendo em alguns momentos ora uma pergunta, ora outra, não sendo um processo estanque. O Quadro 13 demonstra uma síntese dos resultados apresentados pelas três empresas no que diz respeito aos cursos de Libras ofertados, contratação de surdos e demais assuntos abordados.

Quadro 13: Síntese dos resultados apresentados pelas empresas sobre os surdos, Libras e mercado de trabalho.

Temas	Empresa A			Empresa B			Empresa C		
	Sim	Não	NR*	Sim	Não	NR*	Sim	Não	NR*
Funcionários surdos	X				X			X	
Surdos contratados pela Lei de Cotas	X					X			X
Treinamento para os funcionários surdos	X					X			X
Falta de escolaridade e qualificação profissional do surdo como barreira para sua contratação	X					X			X
Funções operacionais destinadas aos surdos	X					X			X
Falta de comunicação como barreira no desempenho de determinadas funções	X					X			X
Cursos de Libras para funcionários ouvintes	X			X			X		
Cursos realizados de forma espontânea	X				X			X	
Cursos de Libras para a comunicação do funcionário surdo	X				X			X	
Cursos de Libras para bem atender o cliente surdo	X			X			X		
Libras como elemento de acessibilidade informacional para o surdo	X			X			X		
Inclusão social do surdo	X			X			X		
Percepção e entendimento sobre a língua de sinais	X					X			X

*NR: Não respondeu

Fonte: Da pesquisa (2015).

Por meio das análises do Quadro 13, infere-se que a Empresa A possui maior quantidade de informações no que tange à contratação, inclusão social e acessibilidade informacional do surdo no mercado de trabalho. As empresas B e C também possuem informações relevantes, porém não específicas para o tema em questão. Na sequência serão apresentados os resultados dos questionários aplicados com os professores.

4.2 RESULTADO DO QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES

Para a análise dos resultados dos questionários respondidos por dezoito professores, foi utilizada a técnica da análise de respostas a questões abertas de Bardin (2011). As análises dos resultados seguem a seguinte ordem, *a priori* foi

elaborado um quadro com as perguntas e respostas às questões abertas recebidas em cada um dos questionários. Duas questões eram fechadas e foram analisadas em um momento oportuno. Nos quadros as questões foram indicadas pelo número em que aparecem no questionário e cada respondente foi identificado com a letra “R” de respondente e o número de ordem (1, 2, 3...) sendo representado, como no exemplo: R-12 (respondente de número 12). O Quadro 14 exemplifica a forma como foi realizado o procedimento. O teor completo das transcrições está disponível no Apêndice F, para eventuais consultas.

Quadro 14: Opinião dos professores sobre a importância em saber a língua de sinais.

3 - Você considera importante que um professor ouvinte (não intérprete) saiba a língua de sinais? Comente.
(R-1) Muito importante. Considerando que minha comunicação com o aluno ouvinte é melhorada quando interagimos, também a seria com o não-ouvinte.
(R-2) Sim, pois é angustiante não interagir. Ou em parte.
(R-3) A importância surge desde nossa formação acadêmica que poderia proporcionar aos seus formandos um maior número de aulas da disciplina Libras. A partir disso, cabe ao professor após o término de sua graduação e início da profissão buscar se aperfeiçoar com cursos entre outros para compreender melhor a língua de sinais.
(R-4) Sim, porque só o intérprete auxiliando o aluno surdo fica difícil porque nem sempre ele consegue transmitir realmente o que o professor está dizendo.
(R-5) Seria o ideal, mas é muito difícil, pois Libras é uma língua, e não se aprende com pouco esforço. É preciso um treinamento intensivo e não há tempo disponível para tal.
(R-6) Sim. Acredito que a relação que se estabelece entre o aluno e o professor que possui curso de Libras seja muito mais produtiva do que o professor que não tem conhecimento da língua de sinais.
(R-7) Sim. Para saber a real situação do aluno, poder entendê-lo bem.
(R-8) É importante sim que este professor saiba se comunicar, pois isso aproxima-o do aluno surdo.
(R-9) Sim, é um dos meios de aproximação com o aluno.
(R-10) Sim, pois o acesso à informação e o conhecimento adquirido pelos surdos é maior e facilitado, uma vez que o professor tem a possibilidade de falar na mesma língua que o surdo.
(R-11) Sim, seria ótimo, porque o professor ouvinte poderia entender as dificuldades do aluno através dos sinais.
(R-12) Acho importante, para que os surdos sintam-se incluídos.
(R-13) É muito importante que o professor saiba Libras.
(R-14) Sim. Facilita a comunicação na ausência do intérprete.
(R-15) Com toda certeza que o professor ouvinte que conhece Libras terá mais êxito com os alunos surdos.
(R-16) Sim, que tenha pelo menos uma noção da língua de sinais para melhor atendê-los nas dificuldades apresentadas.
(R-17) É importante um professor que saiba se comunicar com os surdos, pois se o intérprete faltar os alunos não perderão conteúdo.
(R-18) Sim, pelo respeito ao surdo enquanto pessoa, sanar dificuldades durante a aula e poder interagir com os mesmos.

Fonte: Da pesquisa (2015).

A Tabela 1 mostra o conteúdo das respostas para a pergunta “3” que levanta informações sobre a percepção dos professores quanto à importância dos mesmos saberem Libras.

Tabela 1: Importância do professor ouvinte saber a língua de sinais.

Resposta	Motivos				Culpados		Ausência de comparação	Somam marginais
	Melhorar a comunicação	Relação, aproximação e êxito	Intérprete não é suficiente	Inclusão	Formação acadêmica	Falta de tempo		
Afirmativa	II	IIIIIIIIII	II	I	I	I	I	18
Negativa								0
Somam marginais	2	10	2	1	1	1	1	18

Fonte: Da pesquisa (2015).

Está evidente que todos os professores abordados confirmam a importância do professor que não é intérprete saber a língua de sinais. Sendo que, o motivo que se destaca é o de manter um relacionamento próximo com o aluno surdo, garantindo o êxito na aprendizagem deste.

Fernandes (2003, p. 119) confirma em suas palavras a importância do professor que atua na educação de surdos saber a língua de sinais: “Enquanto não estabelecermos critérios precisos e rígidos em relação ao perfil exigido dos professores contratados para atuar nas escolas, seguiremos discutindo as consequências e não as causas do fracasso escolar dos alunos surdos”.

Diante disto, torna-se oportuno apresentar os resultados das questões fechadas do questionário que interrogava os professores quanto a existência de surdos em suas classes e se os mesmos já fizeram cursos de Libras.

A primeira questão interrogava “Você é, ou já foi professor de algum aluno surdo?”. Nesta resposta 100% deles afirmaram que sim, são ou já foram professores de alunos surdos. A segunda questão perguntava “Você já fez curso de Libras?”. Dos dezoito professores que responderam o questionário, dez deles responderam que “Não” e oito responderam que “Sim”.

Diante destas respostas, constata-se que existe um contrassenso entre a afirmativa da importância em se saber Libras e a efetividade em se vivenciar um curso de Libras. Neste momento surgem diversos apontamentos sobre esta questão, pois isto não significa que os professores são culpados, mas sim que o sistema está falhando em algum momento, pois se em um colégio estudam alunos surdos, por que não estão sendo ofertados cursos de Libras para todos os professores que lecionam para surdos? Existe incentivo para que o professor se capacite em Libras em outros ambientes que não a escola? Estes questionamentos sugerem que existe

uma lacuna a ser preenchida dentro do ambiente escolar que venha a dar suporte ao aluno surdo, pois se é importante o professor não intérprete conhecer a língua de sinais para estreitar sua relação com o aluno surdo no intuito de obter êxito na aprendizagem deste, é fundamental que a Libras seja disseminada entre os professores em prol dos surdos. Estes resultados corroboram as propostas de Fernandes (2006) quando afirma que se o professor conhecesse a língua de sinais, isto contribuiria no processo educacional do surdo.

O compartilhamento de uma língua comum entre professor (não intérprete) e aluno surdo, que neste caso só pode ser a língua de sinais, contribuiria de forma substancial no processo de ensino-aprendizagem do surdo. Botelho, já em 2005, destacava a importância da comunidade escolar saber a língua de sinais; neste momento em destaque o professor.

A questão quatro buscava informações do ponto de vista do professor sobre as dificuldades enfrentadas pelo surdo em sala de aula. Mediante a análise das respostas, construiu-se a Tabela 2, com as análises do conteúdo destas respostas:

Tabela 2: Dificuldades do aluno surdo em sala de aula.

Dificuldades	Causas									Somam marginais	
	Dividir a atenção entre quadro e intérprete	Realizar um bom trabalho	Falta de preparo	Entendimento do conteúdo e termos específicos	Domínio da Língua Portuguesa	Conteúdo específico de Artes	Interação com os ouvintes	Falta de material específico	Comodismo		Não possuem dificuldades
Do surdo	I			II	IIII	I	II		I	II	14
Do professor			IIII				I				6
Do intérprete		I	I								2
Outros								I			1
Somas marginais	1	1	6	2	5	1	3	1	1	2	23

Fonte: Da pesquisa (2015).

A Tabela 2 apresenta nas somas marginais totais, um valor acima dos dezoito respondentes pelo fato de que alguns deles citaram mais de uma dificuldade. Analisando a Tabela 2, percebeu-se que os professores direcionaram as respostas destacando as dificuldades dos surdos em si, porém em outros momentos, também demonstraram que as dificuldades dos surdos podem ser

causadas pelas dificuldades que os professores e intérpretes têm. As causas a serem destacadas são: a falta de preparo dos professores e intérpretes e a falta de domínio da Língua Portuguesa por parte dos surdos. Dois professores alegaram que os alunos surdos não possuem dificuldades.

Fernandes (2006) afirma que os surdos possuem dificuldade na escrita da língua portuguesa visto que sua primeira língua é a língua de sinais e que os surdos geralmente nascem em famílias ouvintes, por isso estas dificuldades se estendem desde o nascimento. A mesma autora afirma que é necessário que o professor adote uma postura diferenciada no momento de avaliar os alunos surdos, respeitando suas limitações e potencialidades, valorizando sua identidade.

Na questão número cinco, os professores foram questionados sobre a maneira como os surdos interagem com os demais colegas ouvintes e com o professor. Por meio da análise das respostas, construiu-se a Tabela 3 que apresenta os resultados.

Tabela 3: Interação do aluno surdo em sala de aula.

Pessoas envolvidas	Interação					
	Quanto à frequência			Proximidade da relação		
	Sempre	Algumas vezes	Poucas vezes	Distante	Próxima	Possível
Colegas ouvintes				IIII		
Professor					IIII	
Intérprete (mediador)	IIII				II	
Colegas surdos	III					
Depende do encaminhamento	II					
Interação difícil no geral	I					

Fonte: Da pesquisa (2015).

Infere-se, pela Tabela 3, que o aluno surdo possui uma relação muito próxima com o intérprete, pois apresenta em todas as respostas em que foi citado uma relação que acontece sempre e de forma próxima.

Na Tabela 3 não foi possível realizar a soma das marginais, visto que as colunas foram divididas com relação a frequência e ao tipo de relação, e estas possuem significados que não podem ser simplesmente agrupados, necessitando de uma análise diferenciada. Infere-se, também, que o aluno surdo se relaciona, com relação à frequência, em uma maior quantidade de momentos com os outros colegas surdos, sendo que foram citadas apenas algumas vezes ou poucas vezes que ele se relaciona com colegas ouvintes ou com o professor.

Com relação à proximidade desta relação é preciso destacar que cinco professores apontaram uma relação distante entre colegas surdos e ouvintes. Apenas um deles julgou que esta relação entre ouvintes e surdos seja próxima e outro salientou ser uma relação possível, ou seja, devido às circunstâncias do cotidiano escolar. O professor evitou apresentar respostas que demonstrassem qual o relacionamento que ele apresenta com o aluno surdo, dos dezoito respondentes, seis citaram em suas respostas a relação que mantém com os surdos, sendo que quatro demonstraram ter uma relação próxima com os mesmos; um uma relação possível e o outro indicou a frequência de algumas vezes. Isto demonstra que o professor ainda não se sente confortável em relatar sua interação com os alunos surdos.

A questão seis tinha como objetivo verificar se ainda existem professores adeptos ou simpatizantes do oralismo, mesmo tendo o bilinguismo como método implementado nas escolas do Paraná desde 1998 como política oficial (FERNANDES, 2006).

A partir das análises realizadas nas respostas, construiu-se a Tabela 4 para a análise do conteúdo.

Tabela 4: Crença de que a oralização do surdo facilita sua interação.

Adesão	Justificativas									Sem justificativa	Somam marginais
	Constrangimento do surdo	Sua voz não é compreensível	Falar ajuda a esclarecer dúvidas	Porém prevalecem os sinais	Porém é difícil para o surdo	Não é contra a oralização, porém é a favor de uma sociedade bilingue.	Diminuir preconceito	O surdo deve usar a Libras, manter a identidade surda	Facilita a interação e comunicação		
Adeptos			I	I	I		I		II	IIII	10
Não adeptos		I						II		III	6
Indecisos	I					I					2
Somam marginais	1	1	1	1	1	1	1	2	2	7	18

Fonte: Da pesquisa (2015).

A Tabela 4 demonstra que ainda remanesce na opinião dos professores fragmentos da filosofia oralista. Dez professores apresentaram posição a favor da oralização dos alunos surdos, quatro deles não apresentaram nenhuma justificativa para isso e os outros tiveram opiniões diversas como: falar ajudaria a esclarecer

dúvidas; facilitaria a interação e comunicação; e diminuiria o preconceito. Opiniões controversas também foram apresentadas, com justificativas que poderiam até ser entendidas como indecisas, como: porém prevalecem os sinais; e porém é difícil para o surdo. Mesmo assim estas opiniões foram mantidas na linha dos adeptos, visto que antes do contrassenso eles apresentaram palavras-chave de adesão: “Sim” e “Facilitaria”. Estas respostas vão de encontro às ideias de Quadros (2008) que afirma que os resultados de uma proposta oralista não trazem bons resultados à comunidade surda.

Seis professores demonstraram que não são adeptos à oralização do aluno surdo, destes, três não apresentaram justificativa; um justificou que não é a favor da oralização visto que a voz do surdo não é compreensível; e dois deles justificaram que são contra a oralização visto que o surdo deve manter sua identidade e usar a Libras. E, por fim, dois deles se mostraram indecisos com relação à oralização do aluno surdo.

A Tabela 5 foi elaborada pautando-se nas respostas dos professores para a questão de número sete, que pretendia identificar se ainda existem professores que não percebem a Libras como língua natural dos surdos.

Tabela 5: Percepção do professor sobre a língua e aprendizagem do surdo.

Língua (aprendizagem dos surdos)	Apontamentos								Somam marginais
	Melhor interação	Acesso à informação	Língua natural	Por não dominar o português	Necessidade de domínio pelo surdo e /ou intérprete	Aprende melhor	Aprendizagem por imagens	Não apresentou motivos	
Libras	I	I	III	I	III	I		IIII	15
Português						I			1
Não respondeu							I	I	2
Somas marginais	1	1	3	1	3	2	1	6	18

Fonte: Da pesquisa (2015).

A Tabela 5 aponta, na opinião dos professores, para a predominância da Libras como a língua que melhor contribui na aprendizagem dos surdos. Nas respostas apresentam apontamentos que merecem destaque: a Libras como possibilidade de ampliação do acesso à informação; o entendimento dos professores de que a Libras é a língua natural dos surdos; a visão dos professores de que tanto surdo quanto intérprete precisam dominar a língua de sinais para que a

aprendizagem aconteça. Apenas um professor julga que o surdo aprenda melhor por meio da Língua Portuguesa. Seis professores não apresentaram comentários nas respostas, porém destes, cinco acreditam na aprendizagem do surdo por meio do uso da Libras. Os autores Meir e Sandler (2007) e Pedrett (2010) confirmam o fato da língua de sinais ser a língua natural dos surdos, e as respostas encontradas na opinião dos professores corroboram essa afirmativa, pois é evidente que a maior parte dos professores acreditam na Libras como língua ideal para a aprendizagem do surdo.

A Tabela 6 foi construída com base nas respostas dos professores para a questão de número oito, que objetivava levantar informações sobre a opinião dos professores quanto as condições de acesso e uso da informação pelos surdos na sociedade.

Tabela 6: Acessibilidade informacional do surdo.

Resposta	Motivos									Somam marginais
	Falta de tecnologia adequada	Devido à língua	Falta de tradutor/intérprete	Falta de respeito ou consciência da sociedade	Depende do surdo	De forma mais calma	Informações somente para ouvintes	Auxílio da tecnologia / redes sociais	Não apresentou motivos	
Afirmativa					I	I		II	I	5
Negativa	II	III	III	II			I			11
Em partes							I			1
Não respondeu							I			
Somam marginais	2	3	3	2	1	1	2	2	1	18

Fonte: Da pesquisa (2015).

Na Tabela 6 tem-se que onze dos dezoito professores acreditam que os surdos não possuem as mesmas condições de acesso e uso da informação na sociedade. Os motivos apresentados de forma recorrente foram: falta de tecnologia; devido à língua; falta de tradutor/intérprete; falta de respeito ou consciência da sociedade. Informações somente para ouvintes foram citadas uma única vez. Um dos professores respondeu “em partes”, justificando que em alguns lugares só existe acesso à informação pela forma oral. De acordo com Souza (2011) a pessoa que não tem acesso à informação e ao conhecimento tem diminuída as suas possibilidades de aprendizagem.

Com relação aos professores que afirmam que sim, os surdos possuem as mesmas condições de acesso e uso da informação na sociedade, cinco dos dezoito, responderam de forma afirmativa, e apresentaram suas motivações: depende do surdo; de forma mais calma; devido ao auxílio da tecnologia e redes sociais. Um dos professores questionado não respondeu, apenas argumentou que não tem conhecimento sobre os alunos surdos fora do ambiente escolar.

Um motivo que foi apresentado tanto pelos professores que acham que sim, o surdo tem as mesmas condições de acesso e uso da informação na sociedade, quanto os que afirmam que não, é a tecnologia, que ora é vista por alguns professores como o meio de garantir a acessibilidade informacional do surdo, ora sua ausência é tida como o motivo do não acesso e uso da informação pelos surdos.

Na sequência está apresentada a Tabela 7, que foi construída com base nas respostas à questão nove, que pretendia analisar, na opinião dos professores, se o surdo, quando conclui o Ensino Médio está preparado para o mercado de trabalho.

Tabela 7: Preparação do surdo para o mercado de trabalho após o término do ensino médio.

Resposta	Comentários										Somam marginais	
	Cursos profissionalizantes	Do aluno	Do interesse	Da família	Das oportunidades do mercado	Nem surdos e nem ouvintes	Para funções que não exigem leitura e comunicação	Da área e do preconceito	A falta de domínio da Língua Portuguesa dificulta	Metodologia inadequada		Não apresentou motivos
Sim			I		I							2
Não						IIII				I	I	6
Depende	I	III	I	I	II		I	II				11
Não tem como afirmar	I											1
Nem sempre									I			1
Não respondeu							I					1

Fonte: Da pesquisa (2015).

A Tabela 7 permite inferir, na opinião dos professores, que existe uma questão de dependência entre a entrada do aluno surdo no mercado de trabalho com alguns fatores: depende do aluno; do interesse; da família; das oportunidades; da função escolhida; do preconceito. Seis professores acreditam que os surdos não estão prontos para o mercado de trabalho quando terminam o Ensino médio, destes, quatro acham que nem surdos e nem ouvintes estão. Apenas dois professores

acreditam que sim, os surdos estão preparados; um outro professor disse não ter como afirmar se sim ou se não; e outro respondeu que nem sempre. Por fim, um professor não deu uma resposta exata, porém afirmou que acredita que os surdos tenham mais chances no primeiro emprego que o ouvinte visto que são dedicados e também favorecidos pela Lei de Cotas.

Com base nas respostas para a questão dez, construiu-se a Tabela 8 que tem como finalidade demonstrar se existe conteúdo específico nas disciplinas que preparam os alunos para o mercado de trabalho.

Tabela 8: Conteúdo específico em preparação para o mercado de trabalho.

Resposta	Comentários										Somam marginais
	Desenvolvimento na prática	Mas o estudo é para isso?	Todos os conteúdos são importantes	Preparam para o mundo do trabalho e vida cidadã	Apenas sala de aula	Como ser pensante	Em conteúdo específico da disciplina	Porque a Língua Portuguesa é segunda língua dos surdos	No currículo oculto	Não comentou	
Sim	II		II	III	I	I	IIII		I		15
Não		I						I		I	3
Somas marginais	2	1	2	3	1	1	5	1	1	1	18

Fonte: Da pesquisa (2015).

Constata-se na Tabela 8 que quinze entre os dezoito professores afirmam que existe conteúdo específico em suas disciplinas que preparam o aluno para o mercado de trabalho. Diversos foram os comentários apresentados pelos professores, porém os dois que se destacaram explicam que: os conteúdos preparam para o mundo do trabalho e para a vida cidadã, não apenas para o mercado; e que existe conteúdo específico na disciplina que preparam para o mercado de trabalho, ou seja, não são todos os conteúdos.

Três professores responderam que não possuem em sua disciplina conteúdo que preparam o aluno para o mercado de trabalho. Nas considerações destes professores, um deles questionou: “mas, o estudo é para preparar para o ‘trabalho’?”; o outro justificou que não há, porque a Língua Portuguesa é a segunda língua dos surdos; e o terceiro não comentou sua resposta.

Com base nas respostas para a questão onze, elaborou-se a Tabela 9 que objetivava levantar se existem conteúdos para o mercado de trabalho que estejam relacionados à identidade surda.

Na Tabela 9 tem-se que nove dos dezoito professores afirmam que possuem em sua disciplina conteúdo específico para os surdos, destes, três não fizeram nenhuma consideração; quatro colocaram que estes conteúdos apresentam uma relação entre teoria e prática; um deles demonstrou que sim, mas que os surdos têm dificuldades com a Língua Portuguesa; e o último afirmou que estes conteúdos formam o surdo para a vida.

Tabela 9: Conteúdos relacionados ao surdo e sua inserção no mercado de trabalho.

Resposta	Considerações								Somam marginais
	Não comentou	Repensar conteúdos, não só o método	Relação entre teoria e prática	Pouco, devido às dificuldades com Português	Formação integral: formar para a vida.	Inclusão social	Não pode assegurar que o surdo aprenda o currículo oculto	Alguns conteúdos sim, outros não	
Sim	III		IIII	I	I				9
Não	IIII								5
Não respondeu		I					I		2
Não diretamente						I			1
Em partes								I	1
Somas marginais	8	1	4	1	1	1	1	1	18

Fonte: Da pesquisa (2015).

Cinco professores responderam que não possuem em suas disciplinas conteúdo específico para os surdos que preparam para o mercado de trabalho e não teceram nenhum comentário.

Um dos professores respondeu que não diretamente, visto que em alguns momentos debatem em sala sobre a inclusão social. E por fim, um professor respondeu que “em partes”, visto que alguns conteúdos sim, outros não.

Na sequência serão apresentados os resultados dos questionários que foram aplicados junto aos surdos.

4.3 RESULTADO DO QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS SURDOS

O processo de desenvolvimento dos questionários aplicados com vinte surdos de Foz do Iguaçu foi extenso e necessitou de intervenções em seu percurso. Aplicar um questionário com os surdos exigiu mudanças metodológicas em sua construção. O primeiro resultado do questionário aplicado com os surdos é o próprio processo e resultado do instrumento de pesquisa. Percebeu-se que construir um questionário em Língua Portuguesa, imprimir e aplicar não surtiria o efeito desejado. Neste momento surgiram dúvidas sobre o 'como' este instrumento deveria ser construído. Após conversas com uma professora surda; uma professora ouvinte da educação de surdos; um intérprete de Libras e a orientadora foi possível (re)construir o instrumento da pesquisa.

A primeira ideia seria que o questionário teria a colaboração de um intérprete no momento da sua aplicação, porém esta alternativa foi descartada pelo motivo de que o intérprete não teria tempo disponível para acompanhar a pesquisa em todos os momentos, o que tornaria a mesma inviável. Na busca por um método que suprisse as necessidades dos surdos, decidiu-se por traduzir o questionário da Língua Portuguesa para a Libras, onde cada tradução (feita por um intérprete) seria gravada em vídeo. Então, optou-se por editar os vídeos com o programa *Movie Maker*[®]; carregá-los em um canal criado no *Youtube*[®] para depois utilizá-los na construção de formulários que estão disponíveis nas ferramentas do *Google Drive*[®], finalizando assim os questionários. Para aplicação dos mesmos, fez-se uso de uma rede social de amplo uso no Brasil: *Facebook*[®]. Os vídeos utilizados no questionário foram registrados no *Creative Commons*[®] e estão disponíveis em CD no final deste documento como Apêndice H.

Esta mudança na forma de como realizar uma pesquisa com os surdos, não garantiria que eles entenderiam o instrumento e responderiam a contento, porém foi um pequeno passo em direção à ampliação das pesquisas com surdos, buscando novas possibilidades para se interrogar uma pessoa surda, visto que muitos autores utilizam apenas a entrevista como meio de sondar os surdos.

Além da apresentação da elaboração do questionário, o instrumento também rendeu seus próprios resultados, depois de aplicado.

A partir dos dados coletados e aplicando-se a fórmula 1 (página 75), na pesquisa com os surdos, construiu-se a Tabela 10, que apresenta os resultados da pesquisa realizada com os surdos de Foz do Iguaçu. Nas quadrículas do Grau de concordância, estão apresentados os resultados da soma dos respondentes em porcentagem multiplicados pelo peso atribuído a cada elemento.

Importante esclarecer que a análise dos questionários aplicados com os surdos permite perceber que em algumas questões não houve um entendimento satisfatório por parte dos respondentes, o que motivou para a exclusão de oito frases, que correspondem a quatro situações, visto que para cada assertiva afirmativa havia outra em contraponto. As questões eliminadas foram quatro e treze; oito e dezenove; dez e dezoito; doze e vinte e seis, que se encontram em itálico na Tabela 10. O critério utilizado para a escolha das frases que seriam descartadas foi que nestas assertivas menos da metade dos respondentes demonstrou entendimento dentro da expectativa esperada.

Nas questões quatro e treze, por exemplo, infere-se, de acordo com a Tabela 10, que as respostas são coerentes, visto que para uma questão existe um grau positivo de concordância e para a questão inversa existe um grau negativo de discordância, porém esta não é a realidade, visto que dos vinte respondentes, nem mesmo a metade demonstrou coerência nas respostas. O que garante este resultado enganoso é o fato de uma mesma pessoa responder discordo em ambas as frases, enquanto a outra responde concordo em ambas as frases, havendo um balanceamento das questões, demonstrando resultados nem sempre confiáveis, por isso houve a necessidade de se excluir algumas questões.

Tabela 10: Resultados do questionário aplicado com os surdos.

Itens	DT	DP	I	CP	CT	Res
1. A Libras não me ajuda a aprender.	-0,500	-0,100	0	0,025	0,100	-0,475
2. Tenho acesso a quaisquer informações no meu ambiente de trabalho.	-0,150	-0,075	0,000	0,125	0,350	0,250
3. A Libras é a melhor forma de interação com os ouvintes.	-0,100	-0,025	0,000	0,175	0,400	0,450
4. A comunicação com as pessoas do meu trabalho flui normalmente.	-0,100	-0,050	0,000	0,175	0,300	0,325
5. Eu não considero a Libras uma forma importante de interação com os ouvintes.	-0,350	-0,100	0,000	0,050	0,150	-0,250
6. As políticas públicas do Governo melhoram a situação de emprego dos surdos.	-0,300	-0,075	0,000	0,175	0,200	0,000
7. Desconheço onde posso conseguir informações para achar um emprego.	-0,150	-0,100	0,000	0,175	0,150	0,075
8. O trabalho faz com que as pessoas surdas se sintam incluídas na sociedade.	-0,100	-0,075	0,000	0,150	0,400	0,375
9. A língua não é uma dificuldade na hora de prosseguir os estudos.	-0,200	-0,025	0,000	0,125	0,300	0,200
10. Tenho dificuldade na leitura e escrita da Língua Portuguesa.	-0,200	-0,075	0,000	0,125	0,200	0,050
11. Não compartilhar uma língua com os ouvintes não dificulta a entrada do surdo no mercado de trabalho.	-0,100	-0,075	0,000	0,050	0,450	0,325
12. Quando as informações chegam até mim no ambiente de trabalho, não consigo utilizá-las.	-0,350	-0,100	0,000	0,075	0,150	-0,225
13. Tenho dificuldade em me comunicar com as pessoas do trabalho.	-0,300	-0,050	0,000	0,150	0,100	-0,100
14. Aprendo de forma rápida e fácil quando utilizo a Libras.	-0,150	0,000	0,000	0,100	0,600	0,550
15. Não consigo me qualificar profissionalmente, pois na minha cidade não existem cursos de capacitação para o mercado de trabalho em Libras.	-0,250	-0,100	0,000	0,100	0,200	-0,050
16. Entrar no mercado de trabalho é difícil para o surdo porque ele não compartilha a mesma língua que os ouvintes.	-0,200	-0,025	0,000	0,175	0,250	0,200
17. Eu consigo aprender por meio de leitura labial, gestos ou oralidade.	-0,350	-0,050	0,000	0,075	0,150	-0,175
18. É muito fácil ler e escrever em Língua Portuguesa.	-0,250	-0,075	0,000	0,075	0,300	0,050
19. Os surdos se sentem excluídos quando estão trabalhando.	-0,150	-0,050	0,000	0,175	0,350	0,325
20. No trabalho tenho dificuldade em conseguir as informações que preciso.	0,000	-0,075	0,000	0,150	0,400	0,475
21. A língua é a principal dificuldade quando penso em prosseguir os estudos.	-0,100	-0,100	0,000	0,150	0,200	0,150
22. Busco me qualificar profissionalmente, pois não vejo a língua como uma dificuldade para isso.	0,000	-0,150	0,000	0,200	0,150	0,200
23. Sei onde conseguir as informações necessárias para procurar emprego.	-0,100	-0,050	0,000	0,175	0,400	0,425
24. As políticas públicas não são suficientes para garantir emprego ao surdo.	-0,150	-0,100	0,000	0,125	0,350	0,225
25. Não consigo aprender quando uso leitura labial e/ou oralidade.	-0,250	-0,050	0,000	0,150	0,150	0,000
26. Tenho acesso e consigo utilizar todas as informações presentes no ambiente de trabalho.	-0,150	-0,050	0,000	0,125	0,300	0,225

Fonte: Da pesquisa (2015).

A seguir serão apresentadas as inferências realizadas diante das análises da Tabela 10, como também foram elaborados gráficos para a visualização das informações apresentadas na mesma tabela, lembrando que as frases eliminadas não foram analisadas.

No Gráfico 1 estão apresentadas as frases que tem relação com a linguagem do surdo. Diante dos questionamentos realizados com os surdos, chegou-se às seguintes constatações:

Gráfico 1: Assertivas sobre a linguagem do surdo.



Fonte: Da pesquisa (2015).

Com relação à língua há uma tendência no sentido de discordo com uma intensidade de 47,5%, em que os surdos discordam de que a Libras não os ajuda a aprender. A análise do gráfico permite afirmar que os surdos compreenderam a questão levantada, visto que, na frase número 14 (seu contraponto) há uma tendência no sentido da concordância com uma intensidade de 55%, demonstrando que eles aprendem de forma rápida e fácil por meio da Libras. Estas proposições obtiveram 16 respostas coerentes, dos vinte respondentes totais. No Gráfico 1, verifica-se visualmente que a opinião entre uma e outra assertiva se demonstrou contrária, confirmando a atitude favorável do surdo com relação ao entendimento geral da questão de que a Libras contribui na aprendizagem do surdo.

As questões três e cinco buscavam compreender se o surdo considera ou não a Libras como a melhor forma de interação com os ouvintes. Com base no Gráfico 1 percebe-se visualmente que as respostas estão coerentes, visto que uma

mesma quantidade de pessoas que concorda com uma questão, discorda da outra. Analisando-se a Tabela 10, percebe-se que há uma tendência no sentido de concordar com uma intensidade de 45% de que a Libras é a melhor forma de interação entre surdos e ouvintes. Na assertiva contrária, há uma tendência no sentido de discordar, com uma intensidade de 25% de que a Libras não é considerada uma forma importante de interação com os ouvintes. Nestas questões em contraponto, 15 dos 20 entrevistados apresentaram uma resposta coerente com relação às assertivas. Mesmo que não apresente uma forte tendência de atitude favorável, é possível inferir que, em geral, os surdos consideram a Libras um meio importante de interação com os ouvintes.

Diante das questões nove e 21, os resultados apresentados na Tabela 10 apontam para o fato de que existe uma tendência no sentido de concordar com uma intensidade de 20% de que a língua não é uma dificuldade no momento de prosseguir os estudos; e também há uma intensidade no sentido de concordar com uma intensidade de 15% de que a língua é a principal dificuldade no momento de prosseguir os estudos. Pelo gráfico fica claro que a quantidade de discordância e concordância das frases não é inversa, como se esperaria, mas sim apresentam um nível de concordância maior em ambas as frases, mesmo elas possuindo sentidos opostos. Nesta questão treze dos vinte respondentes apresentaram coerência nas respostas. Houve uma quantidade significativa de 20% dos respondentes que optou pela opção 'indiferente'. Assim, não há como afirmar se os respondentes, no geral, acreditam que a língua é o ou não uma dificuldade para continuar os estudos.

Quando questionados sobre se conseguem aprender ou não por meio de leitura labial e/ou oralidade, assertivas 17 e 25, os resultados da Tabela 10 apontam que há uma tendência no sentido da discordância, com uma intensidade de 17,5% de que os surdos conseguem aprender por meio de leitura labial e/ou oralidade. Na questão inversa o resultado foi neutro, não tendendo nem para a discordância, nem para a concordância. Fazendo a análise do Gráfico 1, poder-se-ia concluir em uma rápida análise visual que existe um equilíbrio nas respostas, porém seria um equívoco, visto que diante dos dados, não há como se chegar a uma conclusão.

O Gráfico 1 apresenta os resultados presentes para as questões que tinham relação com a linguagem do surdo. No Gráfico 2 apresentam-se as assertivas relacionadas com a qualificação e o mercado de trabalho do surdo.

Gráfico 2: Assertivas sobre a qualificação e mercado de trabalho do surdo.



Fonte: Da pesquisa (2015).

As frases 11 e 16, buscavam compreender a atitude do surdo sobre o fato do compartilhamento de uma língua com os ouvintes dificultar ou não sua entrada no mercado de trabalho. Na questão de número 11, os resultados da Tabela 10 mostram que há uma tendência no sentido de concordar, com uma intensidade de 32,5% de que não compartilhar uma língua com os ouvintes não dificulta a entrada do surdo no mercado de trabalho. Na questão número 16, há uma tendência no sentido de concordar, com uma intensidade de 20% em que para o surdo é difícil entrar no mercado de trabalho por não compartilhar uma língua com os ouvintes. Analisando o Gráfico 2, também fica evidente que há uma tendência dos surdos em concordar, com as duas questões, mesmo elas tendo sentidos opostos. Importante lembrar que nesta questão, 14 dos 20 respondentes apresentaram uma resposta coerente com relação a sua atitude, e novamente, aproximadamente 20% dos respondentes ficaram com a opção 'indiferente'. Diante destas informações, não há como constatar a tendência global do surdo com relação às assertivas.

Nas questões 15 e 22, que buscavam entender se a falta de cursos profissionalizantes em Libras interfere na qualificação do surdo. Constatou-se, na frase de número 15, que há uma tendência no sentido de discordância com uma intensidade de 5% de que os surdos não conseguem se qualificar pela falta de cursos em Libras; e na questão 22 há uma tendência no sentido de concordar com

uma intensidade de 20% de que os surdos procuram se qualificar, pois não veem a língua como uma dificuldade para isso. Quinze dos vinte pesquisados apresentaram coerência nas respostas às questões contrárias. O Gráfico 2 apresenta visualmente que existe uma coerência entre as respostas, porém, na análise detalhada dos dados, percebe-se que a tendência das respostas tem uma intensidade fraca no sentido de afirmar que os surdos possuem uma atitude favorável de que a língua não é uma dificuldade no momento de se qualificar.

O Gráfico 3 apresenta as questões que envolvem a acessibilidade informacional do surdo.

Gráfico 3: Assertivas sobre a acessibilidade informacional do surdo.



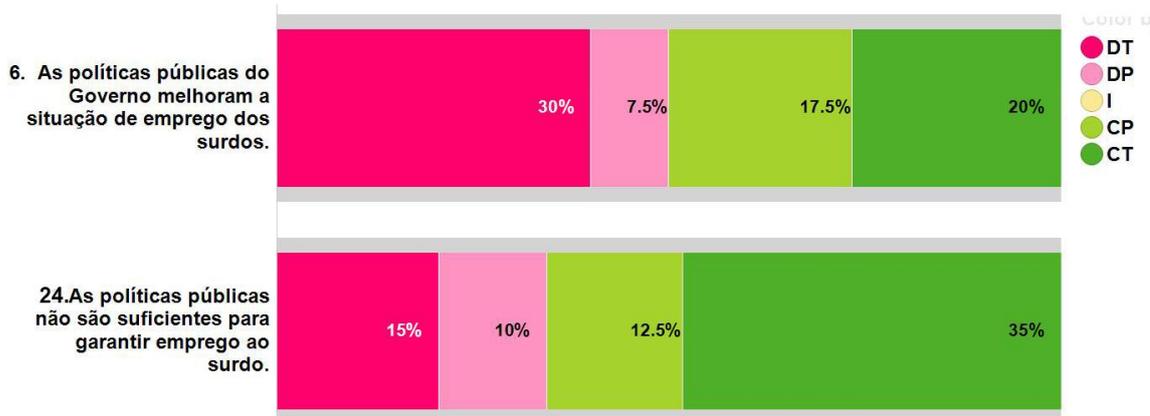
Fonte: Da pesquisa (2015).

Nas questões de número dois e 20, onze dos vinte respondentes demonstraram entendimento da questão. As duas questões buscavam demonstrar se o surdo percebe que tem ou não acesso às informações no seu ambiente de trabalho. A frase número dois aponta que há uma tendência no sentido de concordância com uma intensidade de 25% de que o surdo tem acesso às informações no trabalho. A frase número 20 apresenta uma tendência no sentido de concordar com uma intensidade de 47,5% de que o surdo tem dificuldade no momento de conseguir as informações necessárias. O Gráfico 3 representa a predominância da concordância em ambas as frases. Desta forma não há como afirmar se as atitudes dos surdos com a relação a ter acesso às informações no trabalho são realmente favoráveis ou desfavoráveis, visto que as respostas para as situações opostas tenderam para o mesmo resultado.

As assertivas sete e 23 buscavam compreender a atitude do surdo sobre seu conhecimento de onde possa buscar informações sobre emprego. Diante da Tabela 10, verificou-se que, na assertiva 'desconheço onde posso conseguir informações para achar um emprego' há uma tendência no sentido da concordância, com uma intensidade de 7,5%. Na frase número 23, verificou-se que os surdos apresentaram uma tendência no sentido de concordo, com uma intensidade de 42,5% de que sabem onde conseguir as informações para procurar emprego. No Gráfico 3, percebe-se que houve uma tendência à concordância em ambas as frases, com uma inclinação maior na assertiva 23, onde os surdos afirmam que sabem onde conseguir as informações de emprego, porém não há como concluir de forma global se a atitude é favorável ou desfavorável.

O Gráfico 4 apresenta os resultados que tem relação com a inclusão social do surdo.

Gráfico 4: Assertivas sobre a inclusão social do surdo.



Fonte: Da pesquisa (2015).

As assertivas seis e 24 buscavam elucidar a atitude do surdo com relação às políticas públicas e a situação de empregabilidade dos mesmos. Os resultados presentes na Tabela 10 demonstram que na questão seis não houve tendência, o resultado zero demonstra que a opinião se manteve neutra. Na assertiva 24, os resultados demonstram que houve uma tendência no sentido de concordar que as políticas públicas não são suficientes para garantir o emprego aos surdos, com intensidade de 22,5%. No Gráfico 4, os resultados estão evidentes, visto que a frase seis possui igual quantidade de respondentes entre concordo e discordo e na questão 24, há uma predominância da concordância. Em uma análise geral, não há como concluir se a atitude dos surdos é favorável ou desfavorável.

Constatou-se que dentre as opções apresentadas no questionário em 14,04% das vezes, os surdos responderam *indiferente*. Este é um dos fatores que contribui na explicação dos resultados não terem ficado próximos dos extremos das atitudes favoráveis ou desfavoráveis, apresentando uma tendência central.

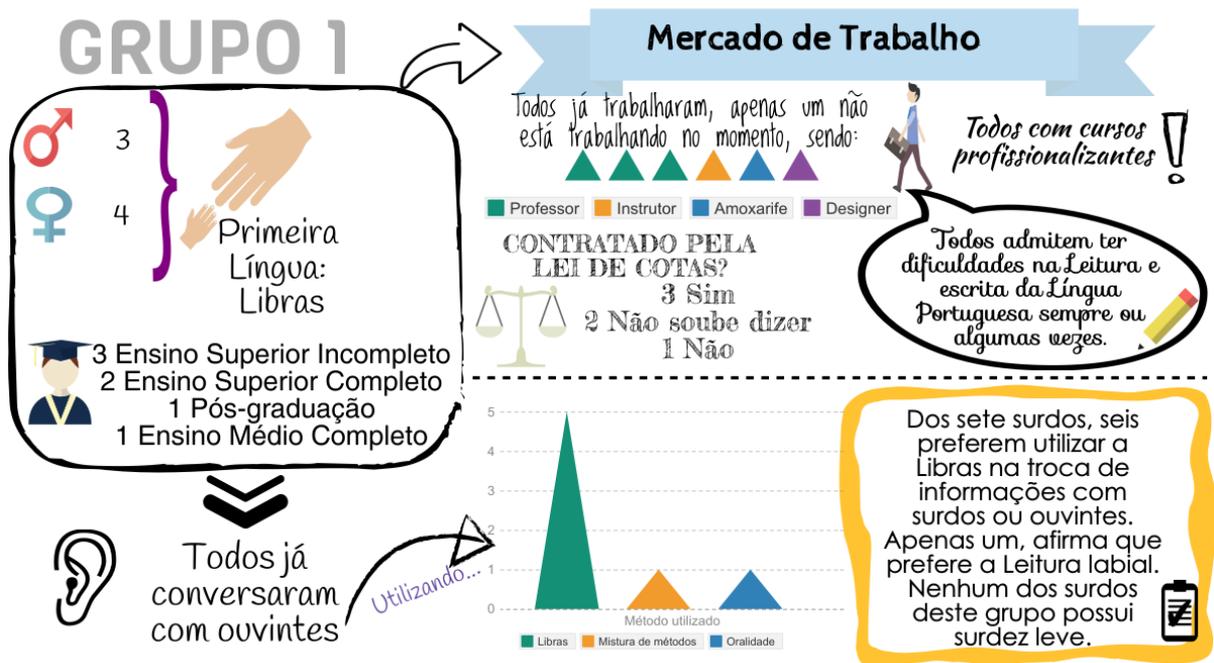
Por fim, analisando-se as respostas dos surdos nas frases que envolviam a opinião do surdo para medir sua atitude, constatou-se que, de forma geral, o surdo concorda que a Libras é o elemento que garante que a sua aprendizagem aconteça. Infere-se também, pelas análises que os surdos consideram a Libras como um meio importante de interação entre eles e os ouvintes.

As demais respostas apresentadas pelos surdos com relação às suas atitudes, não foram suficientes para que se encontrassem conclusões fidedignas para que se apresentassem outras análises e discussões destes resultados. Desta forma, constatou-se que mesmo tendo acatado todas as propostas dos especialistas com relação aos questionários aplicados junto aos surdos, este instrumento ainda apresentou fragilidades que devem ser revistas e reformuladas, no sentido de fazer com que o instrumento atinja o objetivo proposto. Identificou-se que os surdos não apresentam um resultado satisfatório com relação ao uso da Escala de Likert quando se tem duplas de afirmações em contraponto que vêm a comprovar a atitude do surdo com relação a um assunto específico, método este utilizado baseando-se em Günther (2003). É preciso relatar ainda que isto não significa que o uso do mesmo método, apenas com frases propondo um ponto de vista, garanta o sucesso da pesquisa. Será preciso nova tentativa, para descobrir se os resultados serão ou não satisfatórios.

Além das análises feitas com relação às assertivas presentes no questionário em formato de Escala de Likert, o instrumento também apresentava outros questionamentos que estão analisados a seguir. Decidiu-se realizar uma análise descritiva destes resultados, em que os questionários foram divididos em três grupos, onde o critério de divisão foi a expectativa das respostas seguirem uma lógica de concordância, ou seja, atitude favorável ou desfavorável para duas questões em contraponto. Separaram-se, então, três grupos de acordo com o número de respostas coerentes dentro da expectativa de concordância: Grupo 1: de uma a sete respostas coerentes; Grupo 2: oito e nove respostas coerentes; Grupo 3: 10 a 12 respostas coerentes. Para visualização das informações presentes na primeira parte do questionário foi construído um infográfico (Apêndice G) que foi

desmembrado em três figuras (Figura 12; 13 e 14) para uma melhor visualização das informações. Estas figuras estão divididas da seguinte forma: no canto esquerdo superior apresentam o perfil do surdo; no canto direito superior estão as informações relevantes sobre o surdo e o mercado de trabalho; em toda a parte inferior da figura constam as informações sobre a interação dos surdos com ouvintes e métodos de interação.

Figura 12: Perfil dos respondentes surdos: Grupo 1.

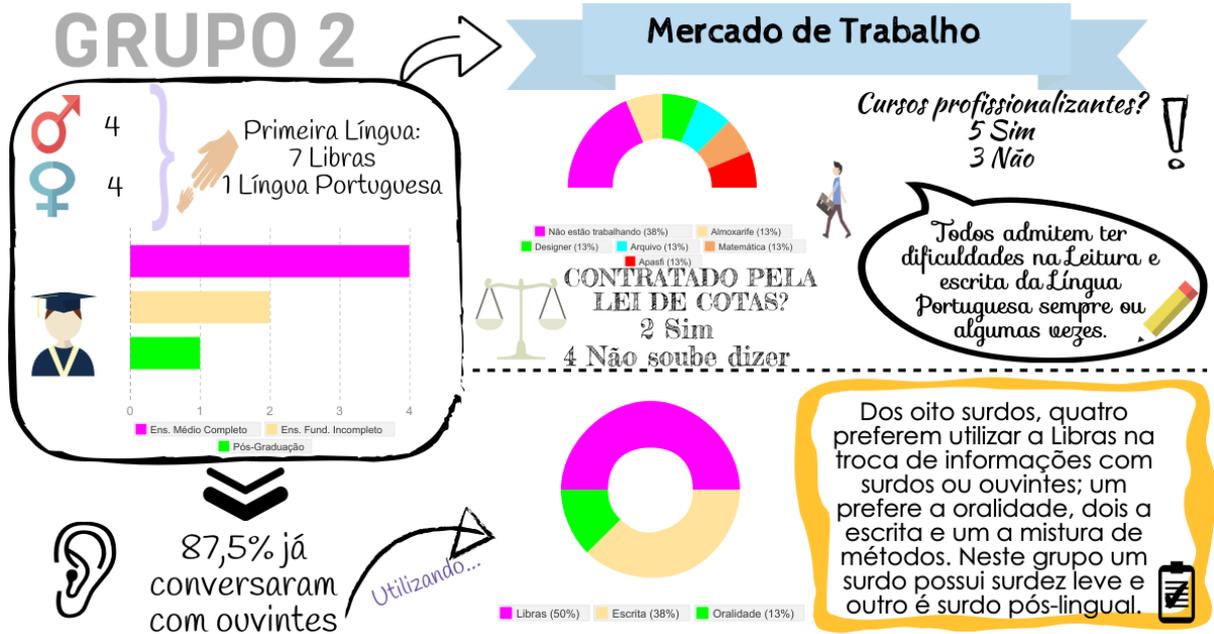


Fonte: Da pesquisa (2015).

Constata-se, por meio da Figura 12, que o primeiro grupo de surdos apresenta surdez a partir de moderada, não tendo nenhum caso de surdez leve, estes mesmos respondentes afirmam ter dificuldades em Língua Portuguesa algumas vezes ou sempre. É um grupo onde todos os integrantes possuem ao menos o Ensino Médio concluído; todos já trabalharam em algum momento da sua vida; todos têm cursos profissionalizantes; o grupo todo admite conversar ou já ter conversado com ouvintes alguma vez, sendo que dos sete respondentes, cinco utilizaram a Libras nesta comunicação.

A Figura 13 apresenta o perfil do Grupo 2. Este grupo apresenta um surdo pós-lingual, ou seja, sua primeira língua é a Língua Portuguesa. Este grupo apresenta uma diferença importante com o grupo um, pois diminuiu a quantidade de surdos que preferem a Libras como elemento de interação entre surdos e ouvintes, e neste momento, além da oralidade aparece a escrita como forma de interação.

Figura 13: Perfil dos respondentes surdos: Grupo 2.



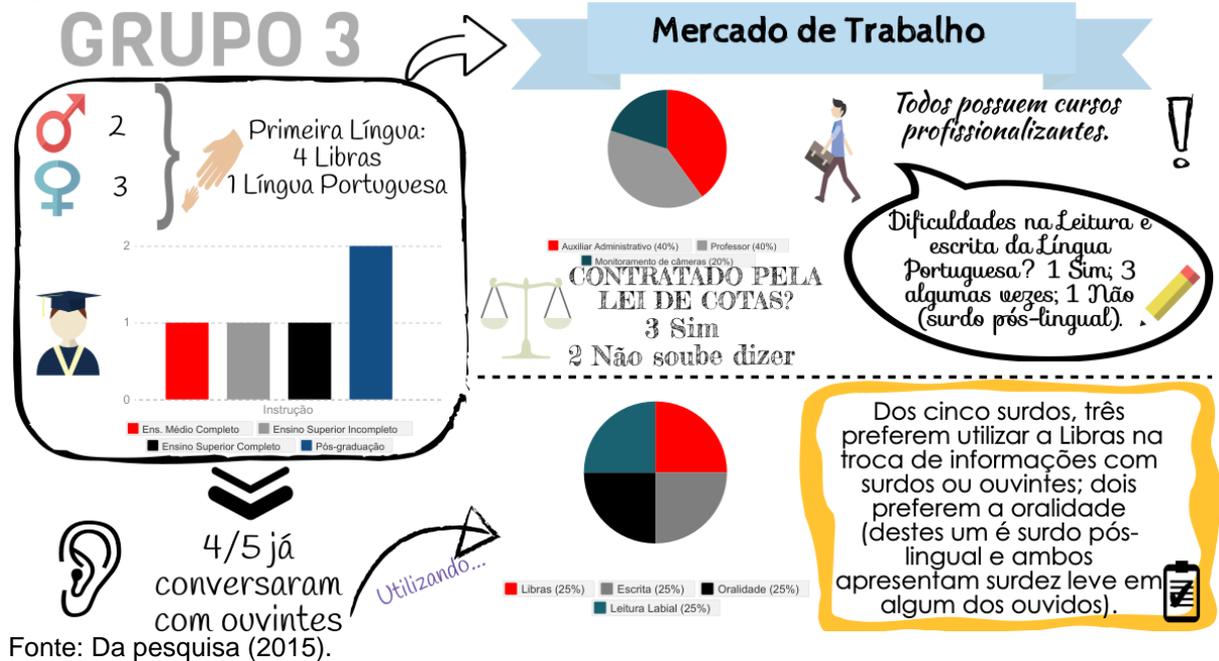
Fonte: Da pesquisa (2015).

No geral, o Grupo 2 apresenta um nível de escolaridade aquém do Grupo 1. Aproximadamente 40% dos respondentes deste grupo não está trabalhando. Dos sete surdos que estão trabalhando ou já trabalharam, quatro deles não souberam dizer se foram contratados por meio da Lei de Cotas. Todos admitem ter dificuldades na leitura e escrita da Língua Portuguesa. Além de um dos surdos ser pós-lingual, existe outro que apresenta surdez leve; e outro ainda que não soube responder o seu nível de surdez. Cinco dos oito surdos possuem cursos profissionalizantes os outros três não possuem estes cursos, porém apenas um dos que não possuem cursos profissionalizantes está fora do mercado de trabalho, os outros dois estão empregados.

A Figura 14 apresenta as informações do Grupo 3, que apresentou, pela análise das respostas, um padrão de 10 a 12 respostas condizentes com a opinião apresentada, ou seja, a atitude favorável ou desfavorável perante uma situação cotidiana. O nível de escolaridade inicia com o Ensino Médio e vai até a pós-graduação. Neste grupo existem dois surdos com surdez leve, sendo que um destes é pós-lingual. Quatro, dos cinco surdos respondentes afirmaram que já conversaram com ouvintes, sendo que apenas um deles utilizou a Libras nesta comunicação. Todos deste grupo estão trabalhando, destes, três sabem que foram contratados pela Lei de Cotas, dois deles não souberam dizer. Pela primeira vez, entre os

respondentes, um surdo admitiu não ter dificuldades na leitura e escrita da Língua Portuguesa, sendo que este é o surdo pós-lingual.

Figura 14: Perfil dos respondentes surdos: Grupo 3.



Diante das análises das respostas dos surdos, questiona-se: por que, então, alguns surdos não apresentaram um rendimento satisfatório com relação ao entendimento da parte do questionário que tratava das assertivas em formato de Escala de Likert, visto que estavam traduzidas para Libras?

As possibilidades são inúmeras, visto que não existe nenhuma variável que aponte para esta resposta. Seriam necessários outros questionamentos, com outras variáveis relacionadas que ampliassem as opções de análise. O número restrito de respondentes inviabilizou encontrar uma variável que demonstrasse um padrão de comportamento nas respostas que permitissem inferir tal compreensão. Mesmo assim, apresentam-se algumas hipóteses, como: a) resquícios da filosofia oralista – surdos que frequentaram ainda em sua infância e adolescência escolas com modelos oralistas e que por este motivo apresentam menor nível de abstração, mesmo em Libras; b) nível de audição – existe a possibilidade de que os surdos com surdez leve consigam articular o entendimento tanto da Libras, como do português, devido aos seus resíduos auditivos, facilitando a análise da questão, por isso se encaixaram nos grupos que apresentaram melhor desempenho; c) surdez pré ou pós lingual: possibilidade de que esta característica seja uma das responsáveis pelo

nível de abstração do indivíduo, visto que sua primeira língua é a língua portuguesa e não a Libras.

Neste estudo, identificou-se que os surdos pós-linguais encontram-se entre os grupos que demonstraram entendimento superior aos demais. Também se constatou que os surdos, que possuem, em algum de seus ouvidos, surdez leve também estão nestes grupos. Dentre os surdos que apresentam nível de surdez leve, ou que são surdos pós-linguais, nenhum deles apresenta a Libras como melhor método para utilizar na comunicação com outras pessoas. 65% dos surdos que apresentam um nível de surdez a partir de moderada e são surdos pré-linguais consideram a Libras como forma eficiente de interação e aprendizagem; 10% ainda assim, preferem a leitura labial; 5% preferem a mistura dos métodos; 5% acreditam que aprendem melhor por meio da escrita. Este resultado reforça as palavras de Quadros (2008) que afirma que os surdos estão despertando para a importância e valor da língua de sinais.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este estudo empírico não é suficiente para admitir generalizações, assim esclarece-se que as discussões apresentadas aqui estão pautadas na pesquisa empírica apresentada no Capítulo 4, como também nos resultados demonstrados no Capítulo 5.

Este capítulo apresenta as inferências realizadas que permitiram confrontar teoria e prática. Neste momento, realiza-se uma releitura do que foi discutido no Capítulo 2 do referencial teórico, apontando as convergências, possíveis divergências e, eventualmente, deparando-se com algo que não foi encontrado na literatura.

O Quadro 15 retoma os objetivos propostos, assim como uma breve releitura dos resultados apresentados no Capítulo 4; uma síntese dos autores que apresentaram estreita ligação com os objetivos propostos, bem como, algum conteúdo relacionado, presentes no Capítulo 2, e a discussão dos resultados que está exposta neste capítulo.

Após o Quadro 15, apresentam-se as análises e discussões dos resultados agrupados de acordo com os objetivos geral e específicos propostos neste estudo.

Quadro 15: Estudo sobre a Libras como elemento de acessibilidade informacional para o surdo no mercado de trabalho.

Objetivo	Resultados	Autores relacionados	Discussão dos Resultados
Investigar as condições de acessibilidade informacional do surdo no mercado de trabalho por meio da Libras.	<p>Empresa: - garantia de acessibilidade informacional por força de Lei; - importância da disseminação da Libras.</p> <p>Professor: - informações restritas à comunicação com intérpretes e outros surdos; - Libras como elemento facilitador no processo de ensino-aprendizagem; - condições de acessibilidade informacional desiguais entre ouvintes e surdos; - Falta de preparo do professor e falta de domínio da língua portuguesa por parte dos surdos como dificuldades enfrentadas pelo surdo.</p> <p>Surdo: - Libras como principal elemento de interação social e aprendizagem, como também a melhor forma de interação com os ouvintes.</p>	Sasaki (2005); Almeida e Costa (2013); Werneck (2005) Mazzota e D'antino, (2011); Carvalho-Freitas e Marques (2007); Passos (2010) Dal'avedove e Fujita (2013)	A Libras é o principal elemento de interação social do surdo. Por meio da sua disseminação, podem-se garantir as condições de acesso e uso da informação por parte da comunidade surda, culminando na aprendizagem, qualificação do surdo, escolarização e consequente inserção no mercado de trabalho.
Mapear as políticas públicas e legislação vigente no Brasil que beneficiam a inclusão social do surdo.	Constituição Federal: garantia dos direitos da pessoa com deficiência; Outras legislações regulamentadoras destes direitos, como: Lei de Cotas; Lei de Libras etc. Políticas públicas: intérprete em sala de aula; teste da orelhinha; material didático especializado; qualificação profissional; entre outras.	Constituição Federal (1988); Lei n.º 7.853/1989; Lei n.º 8.213/1991; Dec. n.º 3.298/1999; Lei n.º 10.048/2000; Lei n.º 10.098/2000; Lei n.º 10.436/2002; Cury (2002); Dec. n.º 5.296/2004; Dec. n.º 5.626/2005; Souza (2006); Dec. n.º 6.949/2009; Passos (2010); Carvalho (2010); Lei n.º 12.513/2011; SDH/PR (2012).	Mapearam-se as leis, como também as políticas públicas vigentes no Brasil que beneficiam a inclusão social do surdo, como também, de forma direta ou indireta, sua entrada no mercado de trabalho.
Pesquisar o potencial da Libras como elemento de interação social do surdo.	<p>Empresa: percepção da necessidade de disseminar a Libras como forma de interação, comunicação e aprendizagem do surdo.</p> <p>Professor: Libras como elemento de interação, porém muitos ainda acreditam na oralização do surdo.</p> <p>Surdos pré-linguais e/ou com surdez a partir de moderada percebem a Libras como o principal elemento de interação e aprendizagem.</p>	Peirce (2010): definição de signos e semiótica. Goldfeld (2002): definição de linguagem; Turin (2007): explicação sobre a semiótica. Vygotsky: teoria da aprendizagem (MOREIRA, 2011); Kapitaniuk (2011): surdo, cinesica e semiótica; Santos e Souza (2010): comunicação e semiótica; Língua de sinais como língua natural do surdo	Verificou-se que a Libras é o principal elemento de interação social do surdo.

		(MEIR E SANDLER, 2007); (PEDRET, 2010); (FERREIRA, 2010) pela qual a pessoa surda consegue representar o mundo.	
Mapear as dificuldades da inclusão da pessoa surda no mercado de trabalho.	Empresa: falta de escolaridade e qualificação profissional do surdo e exigência da comunicação verbal para o exercício de determinadas funções.	Souza (2011): acesso à escola como forma de se garantir o acesso à informação e ao conhecimento. Quadros (2008): defasagem escolar como impedimento para o surdo competir no mercado.	Dificuldades: falta de escolaridade e qualificação profissional e necessidade da comunicação oral para desempenhar determinadas funções. De forma subjacente: falta de preparo do professor; a falta de domínio da língua portuguesa por parte dos surdos; a interação restrita; Ensino Médio insuficiente para preparar para o mercado de trabalho.
	Professor: falta de domínio da Língua Portuguesa; falta de interação com ouvintes; falta de preparo do professor; Ensino Médio insatisfatório para o ingresso no mercado de trabalho.		
Enumerar sob a ótica das empresas os fatores motivadores da entrada ou não do surdo no mercado de trabalho.	Motiva a entrada: Lei de Cotas e bom relacionamento interpessoal. Não motiva a entrada: desqualificação profissional; falta de comunicação para assumir algumas funções; Dificuldades dos surdos na escrita da Língua Portuguesa.	Falta de qualificação do surdo é a principal barreira que impede que ele seja inserido no mercado de trabalho (SASSAKI, 2005); (QUADROS, 2008); (ALMEIDA E COSTA, 2013).	Diante da pesquisa empírica realizada, percebe-se que a Lei de Cotas (Lei n.º 8.213/1991) é a principal motivação das empresas no momento de contratar surdos.
Investigar, sob a ótica dos professores, a realidade vivenciada pelo aluno surdo em sala de aula, que modifica, mesmo que de forma subjacente, seu ingresso no mercado de trabalho.	Falta de interação do surdo com os professores e colegas ouvintes, restringindo-se apenas aos intérpretes e colegas surdos. Falta de domínio da língua Portuguesa; falta de preparo do professor em Libras; Crença que a oralização do surdo pode contribuir no seu desenvolvimento. Libras como facilitadora da aprendizagem dos surdos. Condições desiguais de acessibilidade informacional entre surdos e ouvintes.	Cardoso e Lima (2013): falta de domínio da Língua Portuguesa como barreira no acesso e uso da informação por parte do surdo; Carvalho (2010): professor se percebe despreparado para o processo de inclusão. Botelho (2005): importância para o surdo que a comunidade escolar saiba a língua de sinais; Freitas (2003): objetivo da formação básica do cidadão é preparar para o mercado de trabalho.	O potencial do surdo é maior do que aquilo que ele apresenta, visto que sua interação social está comprometida pela falta de uma língua comum. É provável que esta realidade direcione para uma não escolarização e qualificação do surdo. Restando aos surdos apenas as funções operacionais que não exigem, porém também não realizam (ALMEIDA E COSTA, 2013).

Fonte: Da Autora (2015).

5.1 CONDIÇÕES DE ACESSIBILIDADE INFORMACIONAL DO SURDO NO MERCADO DE TRABALHO POR MEIO DA LIBRAS

No momento de **investigar as condições de acessibilidade informacional do surdo no mercado de trabalho por meio da Libras**, estabeleceu-se na visão da empresa, do professor e do surdo, os principais resultados:

i) Empresa:

- ampliação da acessibilidade informacional por força de Lei;
- na empresa com funcionários surdos houve a percepção da importância da disseminação da Libras, garantindo a comunicação e acesso e uso da informação na empresa por parte dos surdos;

ii) Professor:

- Não acesso à informação por causa de uma comunicação restrita às pessoas que sabem Libras: intérpretes e surdos;
- Compreensão da Libras como elemento facilitador no processo de ensino-aprendizagem;
- Opinião majoritária de que os surdos não possuem as mesmas condições de acessibilidade informacional que os ouvintes;
- Falta de preparo do professor e falta de domínio da língua portuguesa por parte dos surdos, como limitantes na educação dos surdos;

iii) Surdo:

- Libras como principal elemento de interação social e aprendizagem, como também a melhor forma de interação com os ouvintes.

Inicialmente é preciso entender a situação do surdo no mercado de trabalho. Almeida e Costa (2013); Sasaki (2005); afirmaram que a não contratação das pessoas com deficiência acontece devido ao preconceito; desqualificação profissional e falta de benefícios por parte do governo. A falta de qualificação foi o fator que ficou evidente nesta pesquisa.

Para Werneck (2005) e Almeida e Costa (2013) a Lei de Cotas não é suficiente para que o processo de inclusão seja pleno. Na pesquisa empírica, percebeu-se que a empresa com surdos em seu quadro de funcionários despertou para a importância da situação do surdo evidenciando um verdadeiro processo de

inclusão social que prevê uma participação ativa (MAZZOTA e D'ANTINO, 2011), como também uma mudança social que inclui no mercado de trabalho (CARVALHO-FREITAS e MARQUES, 2007). Mesmo assim, admite-se que é por meio da obrigatoriedade da Lei que se estabelece um passo inicial para que a empresa vivencie a contratação das pessoas com deficiência. É com a vivência e o passar do tempo que a empresa modifica suas crenças e valores, buscando formas de incluir de fato a pessoa surda no ambiente de trabalho, como também percebe as qualidades que todas as pessoas têm, independentemente de suas características individuais.

Na pesquisa empírica, a empresa pesquisada percebeu no contato com o surdo que as modificações para proporcionar um ambiente de trabalho inclusivo para este surdo não eram estruturais e sim sociais, pois verificou que o que distancia o surdo dos colegas no ambiente de trabalho é a falta de comunicação por não compartilhar uma língua comum. Além disso, a empresa também percebeu que não é o surdo que precisa se modificar para que esta interação aconteça, mas sim os demais colaboradores, que são ouvintes, e tem todas as condições de aprender a língua de sinais.

Mesmo que de forma subjacente, os apontamentos que foram identificados na pesquisa com os professores também influenciam nas condições de acesso e uso da informação pelo surdo na sociedade, em especial na escola, atuando também na sua inserção no mercado de trabalho. Até porque na escola é onde se inicia a inclusão social (WERNECK, 2005). Além disso, a escola é um dos ambientes sociais onde o aluno passa uma quantidade considerável de tempo da sua vida. É neste ambiente que se estabelecem as relações e interações sociais. Vygotsky (MOREIRA, 2011) apresentou que só existe desenvolvimento cognitivo por meio da interação social mediada por instrumentos e signos.

Na pesquisa realizada com os professores está evidente que as relações dos alunos surdos estão reduzidas aos intérpretes e demais colegas surdos, o que diminui as possibilidades de interação social e estreitando as possibilidades de aprendizagem do surdo. Nas palavras de Dal'Evedove e Fujita (2013) a informação é construída por meio da interação social, sendo fonte de conhecimento, logo é possível inferir que a falta de interação social do surdo, que se restringe às pessoas que dominam Libras, limita seu acesso e o uso às informações necessárias, dificultando sua aprendizagem, qualificação e escolarização, deixando-o à margem

do mercado de trabalho, que acaba sendo garantido apenas pela existência de legislações que obrigam as empresas a contratar as pessoas com deficiência. Passos (2010) coloca que a acessibilidade informacional é fundamental para que a pessoa com deficiência apresente um bom desempenho educacional.

Em síntese, as condições de acessibilidade informacional do surdo ainda são limitadas. Em sala de aula, onde começa a inclusão social do surdo, ainda existem barreiras de interação social motivadas pelo uso de uma linguagem diferente entre surdos e ouvintes o que impede o acesso do surdo à informação e ao conhecimento, tão logo a sua aprendizagem.

Mesmo que a Lei de Cotas seja um instrumento que amplia as condições de acessibilidade informacional do surdo, como também sua inserção no mercado de trabalho, a existência da Lei não é garantia suficiente de que os direitos das pessoas com deficiência serão vivenciados de forma plena; primeiro porque muitas vagas continuam abertas pela falta de qualificação da pessoa com deficiência (inclusive o surdo) e também porque a inserção no mercado de trabalho motivada pela obrigatoriedade da Lei não significa inclusão social de fato, porém a vivência com o surdo pode despertar na organização o entendimento das mudanças a serem realizadas, garantindo ao surdo acesso e uso da informação por meio do uso da Libras.

5.2 POLÍTICAS PÚBLICAS E LEGISLAÇÃO VIGENTE QUE BENEFICIAM A INCLUSÃO SOCIAL DO SURDO

Para **mapear as políticas públicas e legislação vigente no Brasil que beneficiam a inclusão social do surdo**, foi realizada a pesquisa bibliográfica e documental, presente no Capítulo 2 deste trabalho. Apontam-se os principais resultados.

A Constituição Federal garante os direitos da pessoa com deficiência: não discriminação; garantia da saúde; cotas em empregos públicos; benefício social; criação de programas e atendimento especializado etc.

A Lei de Cotas (Lei n.º 8.213/1991) é a principal legislação que interfere diretamente na inserção do surdo no mercado de trabalho. Destaca-se também,

entre as normas apresentadas, a Lei 10.436/2002 que reconhece a Libras como meio Legal de comunicação e expressão que visa transmitir ideias e fatos oriundos das comunidades surdas no Brasil.

Outras legislações e políticas públicas contribuem, mesmo que de forma subjacente, como: intérprete em sala de aula; teste da orelhinha; material didático especializado; qualificação profissional por meio do Pronatec e outros programas; entre outras normas e políticas públicas existentes. Diversas são as normas que contribuíram para alcançar este objetivo: Constituição Federal (1988); Lei n.º 7.853/1989; Lei n.º 8.213/1991; Dec. n.º 3.298/1999; Lei n.º 10.048/2000; Lei n.º 10.098/2000; Lei n.º 10.436/2002; Dec. n.º 5.296/2004; Dec. n.º 5.626/2005; Dec. n.º 6.949/2009; Lei n.º 12.513/2011; e também o documento do SDH/PR (2012).

As políticas públicas e a legislação vigente que beneficiam a inserção do surdo no mercado de trabalho foram mapeadas. Levantou-se as leis que por si só já são elementos de ação do estado, como também, políticas públicas que são discutidas, criadas e implementadas devido a existência de alguma lei anterior que determina esta atitude por parte do Estado.

5.3 POTENCIAL DA LIBRAS COMO ELEMENTO DE INTERAÇÃO SOCIAL DO SURDO

Na oportunidade de se **pesquisar o potencial da Libras como elemento de interação social do surdo**, alcançaram-se, na visão da empresa, do professor e do surdo, os seguintes resultados:

- Empresa: percepção, após a convivência com os surdos, da necessidade de disseminar a Libras entre ouvintes, como forma de interação, comunicação e aprendizagem;
- Professor: percebe a Libras como elemento de interação, porém muitos ainda acreditam que a oralização do surdo facilitaria o processo de aprendizagem do mesmo;
- Surdo: os surdos pré-linguais e/ou os que apresentam surdez a partir de moderada possuem uma visão similar no sentido de perceber a Libras como o principal elemento de interação e aprendizagem. Os surdos pós-

linguais e/ou que possuem surdez leve em algum ouvido já preferem o uso da oralidade e escrita.

A explicação teórica para este objetivo específico está na semiótica e na Teoria da Aprendizagem de Vygotsky (MOREIRA, 2011). Primeiro, pois conforme apresentado por Peirce (2010) o signo é aquilo que representa algo para alguma pessoa. A linguagem é um conjunto destes signos que envolve significação de algo para alguém (GOLDFELD, 2002). Turin (2007) coloca que para o ser humano a realidade só se constitui porque conseguimos representar as coisas por meio da semiótica. Vygotsky afirma que a aprendizagem da pessoa só acontece por meio da interação social mediada por instrumentos e signos, e que o principal conjunto destes signos é a linguagem (MOREIRA, 2011). Kapitaniuk (2011) afirma que a criança surda utiliza a cinésica para representar o mundo, porém este signo só será internalizado pela criança na medida em que ela perceber que para as pessoas com quem interage este signo significa a mesma coisa. Santos e Souza (2010) afirmam que a comunicação acontece quando a mensagem chega com significado ao outro, ou seja, só acontece comunicação entre duas pessoas quando estas compartilham uma linguagem comum.

Assim, na pesquisa empírica fica evidente que tanto empresa como professor e surdo entendem a Libras como o principal elemento de interação social do surdo, pois é por meio de sua língua natural a língua de sinais (MEIR E SANDLER, 2007); (PEDRET, 2010); (FERREIRA, 2010) que a pessoa surda consegue representar o mundo.

As exceções existentes estão presentes em surdos pós-linguais e/ou surdos que possuem em algum dos ouvidos a surdez leve, visto que estes surdos, ou já aprenderam a representar o mundo por meio da língua oral antes de terem ficado surdos, ou conseguem, mesmo que não de forma idêntica ao ouvinte, representar o mundo por meio da oralidade.

O professor percebe que a língua de sinais é a melhor forma de garantir a aprendizagem do surdo, porém há resquícios da filosofia oralista na opinião dos professores que ainda buscam justificativas para a oralização do surdo. É possível entender, por meio deste aparente paradoxo nas respostas dos professores, que eles não possuem entendimento suficiente sobre a língua de sinais e sobre o processo de aprendizagem dos surdos. Se o professor soubesse que este caminho

da oralização do surdo já foi trilhado historicamente e não resultou em bons frutos, talvez estes resultados se apresentassem de outra forma.

5.4 DIFICULDADES DA INCLUSÃO DA PESSOA SURDA NO MERCADO DE TRABALHO

Objetivando **mapear as dificuldades da inclusão da pessoa surda no mercado de trabalho**, verificaram-se os seguintes resultados:

- Empresa: falta de escolaridade e qualificação profissional do surdo; funções que exigem a comunicação verbal que é incompatível com as competências do surdo;
- Professor: de forma subjacente, visto que a escolaridade é o meio de se ingressar no mercado de trabalho, enumeram-se sob a ótica do professor: falta de domínio da Língua Portuguesa por parte do surdo; falta de interação com ouvintes; falta de preparo do professor; Ensino Médio insatisfatório para o ingresso no mercado de trabalho etc.;
- Surdo: os surdos foram questionados sobre as dificuldades, porém pela análise dos resultados, concluiu-se que não há respostas fidedignas para se apresentar alguma discussão e posterior conclusão.

Souza (2011) afirma que o acesso à escola é uma forma de se garantir o acesso à informação e ao conhecimento. Mesmo assim, neste estudo, ficou claro que só ter acesso à escola não é suficiente para que os surdos tenham acesso à informação e ao conhecimento, visto que muitas foram as evidências identificadas por meio dos professores que demonstram que ainda há muitas mudanças a serem realizadas para que o aluno surdo consiga, de forma equitativa aos ouvintes, ter acesso a informação e ao conhecimento. Quadros (2008) aponta que a defasagem escolar é um impedimento para o surdo competir no mercado, esta situação é identificada na pesquisa quando a empresa afirma que a falta de escolaridade é a principal dificuldade no momento de contratar o surdo.

Desta forma, ficam estabelecidas as dificuldades que a pessoa surda tem no momento de se inserir no mercado de trabalho, que são: a falta de escolaridade e

qualificação profissional, que o impedem de assumir certas funções; a necessidade da comunicação oral para desempenhar determinadas funções; e, também, mesmo que de forma subjacente as dificuldades enfrentadas em sala de aula também podem ser consideradas, como: a falta de preparo do professor para ensinar os surdos; a falta de domínio da língua portuguesa por parte dos surdos; a interação restrita em sala de aula que diminui as oportunidades de aprendizagem do surdo; mesmo ao final do Ensino Médio o surdo ainda não possui condições para ingressar no mercado de trabalho.

5.5 FATORES MOTIVADORES DA ENTRADA OU NÃO DO SURDO NO MERCADO DE TRABALHO SOB A ÓTICA DAS EMPRESAS

Na oportunidade de **enumerar sob a ótica das empresas os fatores motivadores da entrada ou não do surdo no mercado de trabalho**, apresentaram-se os seguintes resultados:

- Primeiro, o mais relevante para o ingresso do surdo no mercado de trabalho é a Lei de Cotas. Em menor proporção aparece também que o bom relacionamento interpessoal demonstrado pelo surdo garante a sua contratação pela empresa;
- Por outro lado o que desestimula a entrada do surdo no mercado de trabalho é: desqualificação profissional; falta de comunicação para assumir algumas funções; existência apenas de vagas operacionais; percepção das dificuldades dos surdos em Língua Portuguesa.

A pesquisa empírica reafirma o que já foi constatado na teoria, que a falta de qualificação do surdo é a principal barreira que o impede de ser inserido no mercado de trabalho (SASSAKI, 2005); (QUADROS, 2008); (ALMEIDA e COSTA, 2013).

Diante da pesquisa empírica realizada, percebe-se que a Lei de Cotas (Lei n.º 8.213/1991) é a principal motivação das empresas no momento de contratar surdos.

5.6 REALIDADE VIVENCIADA PELO ALUNO SURDO EM SALA DE AULA SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES

E finalmente, objetivando **investigar, sob a ótica dos professores, a realidade vivenciada pelo aluno surdo em sala de aula, que modifica, mesmo que de forma subjacente, seu ingresso no mercado de trabalho**, apuraram-se os seguintes resultados:

- falta de interação do surdo com os professores e colegas ouvintes, restringindo-se apenas aos intérpretes e colegas surdos;
- falta de domínio da Língua Portuguesa por parte do surdo;
- falta de preparo do professor que não conhece a língua de sinais;
- crença que a oralização do surdo pode contribuir no seu desenvolvimento.

Este é um sinal de que o bilinguismo, mesmo sendo a filosofia praticada no Estado do Paraná (FERNANDES, 2006) ainda não conseguiu transmitir aos professores toda sua base teórica e seus princípios. Os professores afirmam que é por meio da Libras que o surdo aprende (bilinguismo) e acreditam que a oralização do surdo seria uma forma de facilitar sua interação em sala de aula. Fato que ainda restam dúvidas a ser dirimidas sobre o oralismo e o bilinguismo para com os professores e ao fato do surdo não possui as mesmas condições de acesso e uso da informação na sociedade.

A percepção dos professores quanto à acessibilidade informacional do surdo na sociedade; 61% deles acreditam que o surdo não tenha a mesma condição de acesso e uso da informação na sociedade, por motivos tais como: falta de tecnologia; devido à língua; falta de intérprete; falta de respeito social; informações destinadas somente aos ouvintes. A opinião dos que acreditam que sim, os surdos têm as mesmas condições, dizem: depende do surdo; acontece de forma mais calma; por meio das tecnologias. Constatação que, na opinião dos professores, o surdo não apresenta as mesmas condições de acessibilidade informacional na sociedade e nas argumentações demonstram que a diferença linguística é principal responsável por esta situação:

- relação de dependência entre o Ensino Médio preparar para o mercado de trabalho relacionado a outros fatores, como: depende do surdo; da sua vontade; da função; do mercado etc.;
- mais de 80% dos professores acreditam que sua disciplina tenha conteúdo que prepare os alunos para o mercado de trabalho. Do total, metade deles acredita que os conteúdos também estão direcionados aos surdos.

A falta de domínio da Língua Portuguesa colocada por Cardoso e Lima (2013) como uma das barreiras no acesso e uso da informação por parte do surdo, foi uma das constatações da pesquisa com os professores.

Carvalho (2010) aponta que o professor se percebe despreparado para o processo de inclusão. Fato confirmado como uma das dificuldades do surdo em sala de aula. Na pesquisa os professores acreditam que seja importante para o professor que não é intérprete saber a língua de sinais, já discutido por Botelho (2005) - a importância para o surdo que a comunidade escolar saiba a língua de sinais, o que, de acordo com Roa (2012) também é vantajoso para o ouvinte, visto que aprender a língua de sinais ativa a memória.

A presença de conteúdo que preparam para o mercado de trabalho confirmam as palavras de Freitas (2003) que acredita que o objetivo da formação básica do cidadão é preparar para o mercado de trabalho.

A percepção dos professores sobre a realidade vivenciada pelo surdo na escola leva a entender que o potencial do surdo é muito maior daquilo que ele apresenta, pois se a pessoa aprende por meio da interação social mediada por instrumentos e signos (VYGOTSKY em MOREIRA, 2011) e o surdo tem esta interação comprometida, visto que sua interação com o professor e com os demais colegas ouvintes em sala não se estabelece pela falta de uma língua comum, conclui-se, de forma subjacente, que o possível fracasso escolar do surdo está alinhado com o não compartilhamento de uma língua comum que seja natural a ele com os demais e que esta realidade direciona para uma não escolarização e qualificação compatível com o que exige o mercado de trabalho, garantindo aos surdos apenas funções operacionais que não exigem, porém também não realizam nem profissional, pessoal ou socialmente (ALMEIDA E COSTA, 2013).

Todas as discussões apresentadas convergem, no sentido de responder o objetivo geral da pesquisa que é: investigar as condições de acessibilidade informacional do surdo no mercado de trabalho por meio do uso da Libras.

6 CONCLUSÕES E SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

O universo informacional do surdo transita por caminho diferenciado dos ouvintes. Características individuais devem ser respeitadas em uma sociedade que busque promover a inclusão social de fato. Inserir o surdo no mercado de trabalho e garantir que tenha as mesmas condições de acesso e uso da informação é apenas uma dessas modificações sugeridas. Para tanto, é necessário entender que a língua é a principal barreira no momento de garantir os direitos dos surdos, como: acesso à informação, aprendizagem, escolarização, inclusão social e inserção no mercado de trabalho.

Este capítulo tem o intuito de lembrar o leitor de tudo que já foi verificado até o momento, como também apresentar as conclusões da pesquisa realizada.

O objetivo geral da pesquisa foi cumprido, visto que tinha o intuito de investigar as condições de acessibilidade informacional do surdo no mercado de trabalho por meio do uso Libras.

Constatou-se, por meio da pesquisa teórica e empírica, que o surdo não possui as mesmas condições de acessibilidade informacional, quer seja no mercado de trabalho, quer seja na escola. O elemento que distancia ou aproxima o surdo das pessoas e faz com que ele tenha acesso e use a informação de forma eficiente é a língua. Não apenas a sua língua em si, mas o uso desta língua na relação com os demais, ou seja, a linguagem.

As mudanças na legislação e conseqüente ampliação de políticas públicas que buscam incluir as pessoas com deficiência na sociedade surtem o efeito desejado, mesmo que seja em tom de obrigatoriedade. Talvez a obrigação de hoje seja a consciência de amanhã, pois, como foi verificado nas entrevistas, o conhecimento sobre uma realidade que não é a sua, faz com que se perceba as dificuldades e potencialidades de cada pessoa, independente das diversidades presentes. Não há como respeitar aquilo que não se conhece. Quando as empresas, as escolas e o restante da sociedade passam a conhecer o surdo, mesmo que por força de lei, acontece uma mudança de (pré) conceitos estabelecidos e novos conceitos vão se formando e transformando, a ponto de quebrar antigos paradigmas e estabelecer uma sociedade mais igualitária e justa para as pessoas com deficiência.

Estas perspectivas fazem com que os ouvintes, que se aproximam da realidade do surdo, percebam que a língua natural deles é a língua de sinais. Mesmo que na pesquisa realizada com os surdos, alguns deles sejam adeptos da oralidade, escrita ou leitura labial, é preciso considerar as idiossincrasias de cada um, visto que foi identificado que dentro deste grupo existem surdos pós-linguais, ou que apresentam surdez leve (em algum dos ouvidos) e até mesmo surdos que vivenciaram uma filosofia oralista nos tempos de escola. Mesmo assim, predomina a preferência pela língua de sinais o que permite asseverar que a Libras é o elemento que garante que o surdo tenha acesso e consiga utilizar as informações em todos os ambientes sociais, em especial para ingressar e permanecer no mercado de trabalho.

O primeiro objetivo específico foi atingido já no capítulo dois, com a revisão da literatura, onde se buscou mapear as políticas públicas e a legislação vigente no Brasil que beneficiam a inclusão social do surdo. Por meio de levantamento bibliográfico e análise documental, apresentaram-se quais são as políticas públicas e as normas em vigência no Brasil que contribuem na inclusão social do surdo, em especial, sua inserção no mercado de trabalho.

O segundo objetivo, que visava pesquisar o potencial da Libras como elemento de interação social do surdo também foi cumprido. Em linhas gerais, percebeu-se que a Libras é o principal elemento de interação social do surdo, tanto na visão do surdo, como na visão da empresa e do professor.

Na percepção do surdo, a Libras é o seu principal elemento de interação social e, conseqüentemente, de sua aprendizagem. Os surdos consideram a língua de sinais a melhor forma de interagir com ouvintes e também aprender. Entendimento corroborado também nas opiniões dos professores e das empresas.

No momento de mapear as dificuldades da inclusão da pessoa surda no mercado de trabalho, concluiu-se, na visão da empresa, que a falta de escolaridade e qualificação do surdo é a principal dificuldade que a organização vivencia no momento de inserir o surdo no mercado de trabalho; sob a ótica da empresa, após o ingresso do surdo no mercado de trabalho é a comunicação o elemento que impede que a inclusão do mesmo seja plena, visto que, devido ao não compartilhamento de uma língua comum com os ouvintes, o surdo acaba por não ter acesso às informações necessárias, não interage com os demais funcionários, como também não pode exercer determinadas funções que exigem comunicação verbal. Na visão

do professor, é possível estabelecer, mesmo que de forma indireta, que a falta de domínio da Língua Portuguesa, a falta de interação com a maioria ouvinte, falta de preparo do professor e o Ensino Médio insuficiente para preparar para o mercado de trabalho sejam dificuldades que impeçam a plena inclusão da pessoa surda.

Com a realização da entrevista com as empresas, alcançou-se o quarto objetivo específico que visava enumerar, sob a ótica dos empresários, os fatores motivadores da entrada ou não do surdo no mercado de trabalho. As respostas apontam para estes fatores de forma direta ou indireta.

Com relação à percepção da empresa sobre os fatores motivadores para a entrada ou não do surdo no mercado de trabalho, conclui-se, diante das informações recebidas, que a criação de normas, é uma forma eficaz de promover a inclusão das pessoas com deficiência. A força da Lei obriga as empresas a se prepararem para bem receber as pessoas com deficiência, como também contratar estas pessoas no caso da empresa estar incluída na Lei de Cotas. Esmiuçar estas leis, por meio de normas regulamentadoras para apontar as diretrizes que devem ser seguidas e respeitadas por parte da sociedade, inclusive empresas, surte efeito imediato, visto que o não cumprimento de leis geralmente acarreta em prejuízos, inclusive financeiros.

A língua, ou o não compartilhamento de uma língua comum entre surdos e ouvintes é a principal barreira no momento de contratar um surdo, visto que muitas vagas destinadas às pessoas com deficiência continuam desocupadas, por muitas vezes a comunicação ser uma competência essencial para o bom desempenho da função, e os surdos interessados não preenchem os requisitos para tal.

A percepção das empresas sobre a importância da disseminação da língua de sinais se revela na entrevista com a Empresa A, deixando claro o potencial da Libras como elemento de interação social, ou seja, de comunicação entre surdos e ouvintes. Visto que, como foi citado, as pessoas ouvintes que sabem Libras atuam como 'meio de comunicação'.

O quinto e último objetivo específico visava investigar, sob a ótica dos professores, a realidade vivenciada pelo aluno surdo em sala de aula, que modifica, mesmo que de forma subjacente, seu ingresso no mercado de trabalho.

Diante das inferências realizadas no decorrer da pesquisa com os professores, comprova-se que o elemento de interação do surdo na sociedade é a sua língua natural, ou seja, a língua de sinais. É por meio da língua que as pessoas,

inclusive os surdos, interagem em sociedade e aprendem. A falta de preparo dos professores, a falsa ideia de que a oralização do surdo seja uma possibilidade real nos dias de hoje, o não acesso às informações necessárias, as dificuldades em Língua Portuguesa, entre outros aspectos apontados, fazem com que os surdos não vivenciem a verdadeira inclusão social.

Com relação à inserção do surdo no mercado de trabalho, na perspectiva de alguns professores, esta depende de diversos condicionantes. Existem professores que não acreditam que o Ensino Médio seja suficiente para preparar nem surdos e nem ouvintes para o mercado de trabalho, não sendo este um diferencial, na opinião dos professores, para que o surdo ingresse no mercado.

Esta sucinta apreciação permite elucidar os fatores motivadores da entrada ou não do surdo no mercado de trabalho, pela perspectiva dos professores: língua divergente que dificulta a aprendizagem; falta de qualificação em Libras por parte dos professores; reduzida possibilidade de interação entre surdos e ouvintes; a insistência, por parte de alguns professores, que a oralização do surdo resolverá os problemas enfrentados pelos mesmos; a falta de acesso e uso das informações pelos surdos; e formação no Ensino Médio insuficiente para a inserção no mercado. De certo modo, todas estas causas justificam a inserção ou não do surdo no mercado de trabalho do ponto de vista do professor, visto que é na escola que inicia a inclusão social do surdo, como também é por meio dela que se estabelece a educação formal que garante ao surdo, minimamente sua escolaridade para ingressar no mercado de trabalho.

O estudo resgata as variáveis que interferem no desenvolvimento cognitivo do surdo e conseqüentemente em sua interação na sociedade e no trabalho. Defende, por meio dos resultados apresentados, a Libras como língua natural dos surdos, que deve ser disseminada entre os ouvintes na sociedade, como garantia: aos direitos das pessoas surdas em ter acesso e usar a informação de forma equitativa aos ouvintes; ao direito a um trabalho digno sem discriminações, demonstrando que todos somos iguais perante à Lei; ao direito à aprendizagem, tratando-se os iguais como iguais e os desiguais como desiguais, ou seja, buscando novas metodologias de ensino que contribuam no desenvolvimento cognitivo do surdo e o direito à inclusão social plena, com a conscientização da sociedade para as diversidades existentes, como surdos e ouvintes.

6.1 CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA

A contribuição da pesquisa será nos diferentes segmentos envolvidos: comunidade surda; comunidade acadêmica, por meio do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação e contribuições pessoais.

Comunidade surda: A contribuição mais relevante, deste estudo, está em possibilitar e despertar para a ampliação de estudos na área. Debater sobre como acontece a inserção do surdo no mercado de trabalho e entender a língua de sinais como ponto articulador de tudo isso, permite desenvolver novas teorias e fazer com que a inclusão social do surdo de fato aconteça.

Disseminar a Libras entre ouvintes, pesquisar o lado social da informação com ênfase nas pessoas com deficiência, entender como e se o surdo possui acesso e usa de forma rápida e fácil a informação, buscar formas de ampliar a interação social do surdo, sua aprendizagem e qualificação profissional, entre tantas outras discussões teóricas e empíricas, culminam na ampliação das possibilidades de que estes surdos ingressem no mercado de trabalho e desfrutem de uma inclusão social plena.

Acadêmica: contribui ao ampliar os estudos sobre Libras, o surdo e o mercado de trabalho que ainda são incipientes no Brasil. A contribuição mais significativa está na área da Ciência da Informação, pois amplia o escopo da discussão, tratando não somente do mercado de trabalho e do surdo, como também a sua acessibilidade informacional, ou seja, tratando a informação em sua forma social.

Pessoal: O desenvolvimento deste estudo permitiu à pesquisadora ampliar seus conhecimentos, transformar conceitos sobre a Libras e o surdo, visto que muitos dos mitos apresentados no Capítulo Dois, também faziam parte do seu repertório pessoal. Conhecer a língua de sinais e conviver com os surdos foi um dos legados que este estudo deixou para a pesquisadora em sua trajetória pessoal e acadêmica.

6.2 SUGESTÃO DE TRABALHOS FUTUROS

Com relação às possibilidades de trabalhos futuros que possam dar continuidade a este estudo, percebem-se lacunas, como:

- Investigação sobre as variáveis que interferem na capacidade de abstração e entendimento do surdo. Esta capacidade de abstração do surdo pode depender do: método em que foram educados (oralismo, bilinguismo, bimodalismo ou comunicação total); do nível de audição, mesmo que alguns autores afirmem que o nível de audição seja o elemento menos importante; da surdez ter acontecido antes ou depois da aquisição da linguagem oral, ou seja, se o surdo é pré ou pós lingual;
- Estudo da didática para surdos: percebeu-se no decorrer da pesquisa com os professores, que ainda há uma falta de preparo no que tange a didática do professor em sala de aula, fazendo com que o aluno surdo tenha uma lacuna em sua aprendizagem, visto que a sua interação se reduz ao contato com o intérprete e com os colegas surdos, afirmado por Vygotsky em Moreira (2011) a aprendizagem acontece por meio da interação social mediada por instrumentos e signos, sendo a linguagem o principal conjunto de signos utilizados. Assim, se não há interação, não há aprendizagem, e a didática é uma das formas de se ampliar os debates e as soluções para a aprendizagem do surdo;
- Métodos de abordagem ao surdo: com esta pesquisa, percebeu-se que a escolha do método é primordial para encontrar resultados fidedignos. Verificou-se que as entrevistas são os métodos mais difundidos no momento de se abordar o surdo, porém ainda assim, existe a interpretação e tradução de um intérprete o que pode distorcer as informações. Acredita-se que ainda seja necessário desenvolver uma forma de abordar o surdo para que ele 'fale por si mesmo', sem a intervenção de um intérprete. Qual a melhor forma de se alcançar isso? Esta será uma contribuição significativa para a área acadêmica. É preciso buscar novos instrumentos de pesquisa para a abordagem do surdo. É possível pesquisar e buscar compreender quais as dificuldades do surdo no momento de responder um questionário em formato de Escala de

Likert, visto que este estudo já apresentou que a tradução para a Libras não é o suficiente. Uma sugestão para os pesquisadores que mesmo diante das limitações apresentadas neste trabalho se dispuserem a utilizar a Escala de Likert com surdos é utilizar apenas frases afirmativas, sem apresentar o contraponto para não confundir o surdo.

Enfim, estes apontamentos são apenas alguns caminhos encontrados, porém as possibilidades são inúmeras.

“Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar”.

Antônio Machado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. V. C.; COSTA, S. L. A Lei de Cotas e o direito de acesso ao trabalho da pessoa com deficiência. **Hiléia: Revista do Direito Ambiental da Amazônia**. n.º 19, jan-jun, 2013, p. 103-130.

AMERICAN SIGN LANGUAGE. Learn. Disponível em: <://lifeprint.com/asl101/pages-signs/l/learn.htm >. Acesso em: 26 de junho de 2014.

ANDRADE, L. L.; ALVES, A. M. A inclusão do surdo na atividade do turismo através do uso de Libras. **Cairu em Revista: Sociedade, Educação, Gestão e Sustentabilidade**. Vol. 0, ano 1, out./nov. 2011.

ANDRADE, M. M. de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ASL. Main Dictionary. Disponível em: <http://www.aslpro.com/cgi-bin/aslpro/aslpro.cgi>. Acesso em: 25 de maio de 2014.

AULETE, C. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br>. Acesso em 07 de dezembro de 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, A. A. **A condição da informação**. In: STAREC, C.; GOMES, E.; BEZERRA, J. **Gestão estratégia da informação e inteligência competitiva**. São Paulo: Saraiva, 2005.

BOMFIM, R. O.; SOUZA, A. P. R. Surdez, mediação e linguagem na escola. **Psicologia USP**. São Paulo, 21(2), abr./jun., 2010.

BORDINHON, T. Fonologia da Libras: parâmetros formacionais da Língua Brasileira de Sinais. In: X CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DO NORTE PIONEIRO. **Anais**. Jacarezinho: 2010, p. 333-351.

BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação dos surdos – Ideologias e práticas pedagógicas**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRASIL. **Decreto n.º 4.046**, de 19 de dezembro de 1867. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-4046-19-dezembro-1867-554346-publicacaooriginal-72928-pe.html>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Decreto n.º 2.771**, de 29 de setembro de 1877. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-2771-29-setembro-1877-548496-publicacaooriginal-63638-pl.html>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Decreto n.º 659**, de 12 de agosto de 1890. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-659-12-agosto-1890-520681-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Decreto n.º 9.198**, de 12 de dezembro de 1911. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-9198-12-dezembro-1911-520039-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Decreto n.º 17.943-A**, de 12 de outubro de 1927. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-17943-a-12-outubro-1927-501820-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Decreto n.º 19.603**, de 19 de janeiro de 1931. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19603-19-janeiro-1931-510483-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Decreto n.º 26.974**, de 28 de julho de 1949. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-26974-28-julho-1949-379189-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Decreto n.º 42.728**, de 03 de dezembro de 1957. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-42728-3-dezembro-1957-381323-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Decreto n.º 72.425**, de 03 de julho de 1973. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-72425-3-julho-1973-420888-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Decreto n.º 3.298**, de 20 de dezembro de 1999. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1999/decreto-3298-20-dezembro-1999-367725-norma-actualizada-pe.pdf>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Decreto n.º 3.956**, de 08 de outubro de 2001. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2001/decreto-3956-8-outubro-2001-332660-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Decreto n.º 5296**, de 02 de dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2004/decreto-5296-2-dezembro-2004-534980-norma-actualizada-pe.pdf>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Decreto n.º 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: <<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/96150/decreto-5626-05>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Decreto n.º 6949**, de 25 de agosto de 2009. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2009/decreto-6949-25-agosto-2009-590871-publicacaooriginal-115983-pe.html>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Decreto n.º 7.611**, de 17 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2011/decreto-7611-17-novembro-2011-611788-publicacaooriginal-134270-pe.html>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Lei n.º 939**, de 26 de setembro de 1857. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1824-1899/lei-939-26-setembro-1857-557839-publicacaooriginal-78539-pl.html>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Lei n.º 3.198**, de 06 de julho de 1957. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-3198-6-julho-1957-354795-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Lei n.º 7.853**, de 24 de outubro de 1989. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1989/lei-7853-24-outubro-1989-365493-normaatualizada-pl.pdf>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Lei n.º 8.213**, de 24 de julho de 1991. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1991/lei-8213-24-julho-1991-363650-normaatualizada-pl.pdf>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Lei n.º 10.436**, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/99492/lei-de-Libras-lei-10436-02>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Lei n.º 11.796**, de 29 de outubro de 2008. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11796-29-outubro-2008-582804-publicacaooriginal-105594-pl.html>>. Acesso em: 07 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Lei n.º 12.319**, de 01 de setembro de 2010. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2010/lei-12319-1-setembro-2010-608253-publicacaooriginal-129309-pl.html>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2013.

BRASIL. **Lei n.º 12.513**, de 26 de outubro de 2011. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2011/lei-12513-26-outubro-2011-611700-norma-pl.html>>. Acesso em: 29 de maio de 2014.

BRASIL. **Lei n.º 12.852**, de 05 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2013/lei-12852-5-agosto-2013-776713-publicacaooriginal-140688-pl.html>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2013.

CANÇADO, M. Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula. **Trab. Ling. Apl.** Campinas, p. 55-69, jan./jun. 1994.

CARDOSO, K. G.; LIMA, M. H. T. F. Produção científica sobre surdos na Ciência da Informação no Brasil: análise na base BRAPCI. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB 2013), 14., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013.

CARVALHO-FREITAS, M. N.; MARQUES, A. L. A diversidade através da história: a inserção no trabalho de pessoas com deficiência. **Organizações & Sociedade**. Vol. 14, n. 41. Abril-junho, 2007.

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. 9. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

CHAVES, A. B. **Valores do trabalho em deficientes auditivos: existe equivalência de estrutura da EVT – R?** 90 f. Dissertação (Mestrado em psicologia). Universidade Católica de Brasília. Brasília: DF, 2010.

CURY, C. R. J. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 245-262, julho/2002.

DAL'EVEDOVE, P. R.; FUJITA, M. S. L. A nova configuração do paradigma cognitivo na ciência da informação: contribuições ao processo de conhecer do profissional da informação. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 18, n. 1, p. 59-81, jan./abr. 2013.

DEFICIÊNCIA, **Viver sem limite** – Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR). 4. ed. SDH/PR/SNPD, Brasília, 2013.

FADEL, B. *et. al.* **Gestão, mediação e uso da informação**. In: VALENTIM, M. (org.) **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

FERNANDES, S. **Avaliação em língua portuguesa para alunos surdos: algumas considerações**. Curitiba: 2006. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/janeiro2013/otp_artigos/sueli_fernandes.pdf>. Acesso em: 26 de setembro de 2014.

FERREIRA, W. M. **Os gestos na interação de crianças ouvintes e surdas: as possibilidades de um contexto bilíngue**. 119 f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

FREITAS, M. C.D. **Educação corporativa: um método de apoio à decisão para implantação nas organizações empresariais**. 189 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2003.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GONDIM, S. M. G.; BENDASSOLLI, P. F. Uma crítica da utilização da análise de conteúdo qualitativa em psicologia. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 191-199, abr./jun. 2014.

GÜNTHER, H. **Como elaborar um questionário**. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. 2003.

HOFFMANN-DILLOWAY, E. Lending a hand: competence through cooperation in Nepal's Deaf associations. **Language in Society**, 40, 285-306, 2011.

HORNBY, A.S. **Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English**. 7. ed. Oxford University Press: 2005.

HOUAISS, A. VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 27 de julho de 2014.

KAPITANIUK, R. B. S. Cognição, cultura e funções sógnicas: uma análise da mediação semiótica no desenvolvimento histórico, social e linguístico do sujeito surdo. **Ciências e Cognição**, vol. 16, p. 050-064, 2011.

LANGUE des signes Française. Disponível em: < <http://langue-des-signes-francaise.com/> > Acesso em: 04 de junho de 2014.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: DF: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 140 f. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Letras Modernas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Libras, Dicionário de Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <<http://www.acessibilidadebrasil.org.br/Libras/>>. Acesso em: 25 de maio de 2014.

LIMA, V. L. S.; BARRETO, M. B. **Análise diacrônica do processo educacional do sujeito surdo**. In: PAZ, J. F. (org.) Seminário Nacional sobre história e identidade cultural dos povos surdos. 1. ed. Natal: CEFOP/FAPAZ, 2011.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade**: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino. Porto Alegre: L&PM, 1985.

MAZZOTTA, M. J. S.; D'ANTINO, M. E. F. Inclusão social de pessoas com deficiências e necessidades especiais: cultura, educação e lazer. **Saúde Soc.** São Paulo: Vol. 20, n. 2, p. 377-389, 2011.

MEC, Ministério da Educação. **Guia Pronatec de Cursos FIC**, 3. ed. (Portaria MEC n.º 899, de 20 de setembro de 2013). Disponível em: <<http://pronatec.mec.gov.br/fic/>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2013.

MEIR, I.; SANDLER, W. **A language in space**: the story of Israeli Sign Language. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MONTEIRO, M. S. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 292-302, jun. 2006.

MOREIRA, M. A. **Teorias de aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2011.

MOURA, S. A. **Com quantas línguas se faz um país?** Concepções e práticas de ensino em uma sala de aula na educação bilíngue. 141 p. Dissertação (Mestrado em linguagem e educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

MTUR, Ministério do Turismo. **Manual de Instruções Pronatec Copa na Empresa**. Disponível em: <<http://pronateccopa.turismo.gov.br/downloads/manual.pdf>>. Acesso em: 25 de novembro de 2013.

NADIN, M. Processos semióticos e de informação: A semiótica da computação. **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**. Ed. 5/2011.

NASCIMENTO, D. M. A abordagem sócio-cultural da informação. **Inf. & Soc.: Est.** João Pessoa, vol. 16, n. 2, p. 25-35, jul./dez. 2006.

NASCIMENTO, B. A. *et. al.* A importância do brincar para a aprendizagem significativa da criança surda. **Pedagogia em ação**. Vol. 3, n. 01, 2011.

PASSOS, J. R. **A Information Literacy e os deficientes visuais: um caminho para a autonomia?** 174 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PEDRETT, M. Aquisição da linguagem de crianças surdas usuárias de implante coclear numa perspectiva inatista. **Ethos e Episteme**. Revista de Ciências Humanas e Sociais da FSDB. Ano VI, Vol. XI, jan./jun. 2010.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PEREIRA, J. C. R. **Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

PEREIRA, R. L. Conceito de comunicação. **e-Com**. Vol. 6, n. 02, 2013.

PESSOA, S. M. **Acessibilidade informacional para o deficiente intelectual: desafios de uma biblioteca escolar pública**. 110 f. Trabalho de Graduação (Bacharelado em Biblioteconomia), Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

PINHEIRO, L. V. R. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005.

- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- ROA, M. C. I. **Libras como segunda língua para crianças ouvintes: avaliação de uma proposta educacional**. 177 f. Tese (Mestrado Profissional em Ciências da Saúde), Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ROBSON, C. **Real World Research: a resource for social scientists and practitioner – researchers**. 2. ed. Malden: Blackwell Publishing, 2002.
- SACKS, O. W. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.
- SANTOS, A. R. dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.
- SANTOS, F. M. R.; SOUZA, R. P. L. O conhecimento no campo de engenharia e gestão do conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**. v. 15, n.1, p. 259-281, jan./abr. 2010.
- SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspec. Ci. Inf.** Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.
- SASSAKI, R. K. **Abordagem inclusiva na educação profissional**. In: SENAC. DN. **Transversalidade e inclusão: desafios para o educador**. / Rosane Carneiro; Nely Wyse Abaurre; Mônica Armon Serrão et. al. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005.
- SAUSSURE, F. (1857-1913). **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SDH/PR. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Avanços das políticas públicas para as pessoas com deficiência: uma análise a partir das Conferências Nacionais**. 1. ed. Brasília, 2012.
- SÉMATOS. LSF – *Langue des Signes Française*. Disponível em: <<http://www.sematos.eu/lsf-p-apprendre-8911-fr.html>>. Acesso em: 25 de maio de 2014.

SENAC. DN. **Transversalidade e inclusão: desafios para o educador.** / Rosane Carneiro; Nely Wyse Abaurre; Mônica Armon Serrão et. al. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005.

SILVA, A. P. S. Desmistificando certas idéias sobre o surdo e sua linguagem: um estudo de caso na Escola Aurélio Buarque de Holanda – Teotônio Vilela – AL. **Revista Humanizas.** Vol. 1, n. 1, 2013.

SILVA, J. L. C.; FARIAS, M. G. G. Reflexões teóricas sobre a construção paradigmática da Ciência da Informação: considerações acerca do(s) paradigma(s) cognitivo(s) e social. **Biblios.** N. 51. 2013. Disponível em: <<http://biblios.pitt.edu/ojs/index.php/biblios/article/download/89/165>>. Acesso em: 10 de abril de 2014.

SILVA, R. A.; RODRIGUES, R. S. Características de repositório educacional aberto para usuários de língua brasileira de sinais. **Transinformação.** Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, São Paulo, v. 25, n.1, jan./abr. 2013.

SIMÕES, D. Comunicação em tempos de crise: signos em intercâmbio. In HENRIQUES, C. C. e PEREIRA, M. T. G. **Língua e transdisciplinaridade: rumos, conexões e sentidos.** São Paulo: Contexto, 2002. p. 137-152.

SOUZA, C. Políticas públicas : uma revisão da literatura. **Sociologias.** Porto Alegre, ano 8, n. 16, jul/dez, 2006. p. 20-45.

SOUZA, E. G. Sociedade da informação e reestruturação produtiva: crítica à dimensão utilitarista do conhecimento. **Transinformação.** Campinas, 23(3), 219-226, set./dez., 2011.

SOUZA, M. S. *et. al.* Acessibilidade e Inclusão Informacional. **Inf. Inf.,** Londrina, v. 18, n. 1, p. 1 – 16, jan./abr. 2013.

SZE, F. *et. al.* Historical Development of Hong Kong Sign Language. **Sign Language Studies.** Vol. 13, n. 2, Winter 2013, p. 155-185.

TEIXEIRA, A. V.; FREITAS, M. C. D.; LAURINDO, A. M. (2014) Engineering information: conceptual elements related information management and information systems. **Edulearn14 Proceedings,** pp. 6909-6915.

TENOR, A. C. **A inclusão do aluno surdo no ensino regular na perspectiva de professores da rede municipal de ensino de Botucatu.** 117 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

TURIN, R. N. **Aulas:** introdução ao uso das linguagens. São Paulo: Annablume, 2007.

VALIANTE, J. B. G. **Língua Brasileira de Sinais:** reflexões sobre a sua oficialização como instrumento de inclusão dos surdos. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

VARELA, A. V.; BARBOSA, M. L. A. Aplicação de teorias cognitivas no tratamento da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. Nova Série, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 116-128, jul-dez, 2007.

VIEIRA, K. M.; DALMORO, M. Dilemas na construção de escalas tipo Likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados? In: **XXXII Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro, 2008.

WERNECK, C. **Entrevista**. In: SENAC. DN. **Transversalidade e inclusão**: desafios para o educador. / Rosane Carneiro; Nely Wyse Abaurre; Mônica Armon Serrão et. al. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS SURDOS

APÊNDICE C – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA APLICADA COM AS EMPRESAS

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES

APÊNDICE E – QUADRO DE ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS COM AS EMPRESAS

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS APRESENTADAS PELOS PROFESSORES DO QUESTIONÁRIO APLICADO

APÊNDICE G – INFOGRÁFICO COMPLETO DO PERFIL DOS RESPONDENTES SURDOS

APÊNDICE H – VÍDEOS UTILIZADOS NOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS COM OS SURDOS

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Questionário para coletar informações sobre a situação dos surdos no mercado de trabalho

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: A LIBRAS COMO ELEMENTO DE INTERAÇÃO E ACESSIBILIDADE INFORMACIONAL DO SURDO NO MERCADO DE TRABALHO

Pesquisadora: Vanessa Caroline Mezzari / Programa de Pós-graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação / Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Dra. Enga. Maria do Carmo Duarte Freitas (Mat. UFPR 179973).

1. Natureza da pesquisa: Você é convidado a participar desta pesquisa, que tem como finalidade analisar as condições de acessibilidade informacional do surdo no mercado de trabalho tendo a Libras como elemento de interação social. Os dados coletados serão utilizados para a elaboração da dissertação do curso de Pós-graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação. A pesquisadora também pretende realizar publicações em congressos ou revistas científicas.

2. Participantes da pesquisa: jovens surdos de Foz do Iguaçu.

3. Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo você deve permitir que a pesquisadora Vanessa Caroline Mezzari utilize os dados contidos nas respostas deste questionário. A participação ao responder todas as perguntas pode levar aproximadamente quarenta minutos. Você tem a liberdade de se recusar a participar e pode, ainda, se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. No entanto, pedimos sua colaboração em completar todo o processo, garantindo assim o melhor resultado para a pesquisa. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações e poderá entrar em contato com a pesquisadora Vanessa Caroline Mezzari, e-mail vanessaunioeste@yahoo.com.br, ou com a orientadora da pesquisa Maria do Carmo Duarte Freitas Dra. Enga. (3360-4470 ou pelo e-mail mcf@ufpr.br).

4. Riscos e desconforto: Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução No. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade. Sendo que você poderá desistir da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo.

5. Benefícios: Esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a inserção do surdo no mercado de trabalho, sua acessibilidade informacional e a Libras como elemento de interação. No futuro essas informações poderão ser usadas em benefícios de outros.

6. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento dos dados.

7. Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

*Obrigatório

* Eu, após a leitura deste termo, acredito estar suficientemente informado, estando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades. Também estou ciente dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, da garantia de confidencialidade e do direito a esclarecimentos sempre que desejar. Diante disto, expresso meu consentimento de espontânea vontade em participar desta pesquisa.

Aceito: () Sim () Não

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS SURDOS

QUESTIONÁRIO I – TODOS OS JOVENS SURDOS RESPONDEM

1) Nome: _____

2) Idade: _____

3) Sexo:

a) () Feminino

b) () Masculino

4) Nível de instrução:

a) () Analfabeto

b) () Ensino Fundamental incompleto

c) () Ensino Fundamental completo

d) () Ensino Médio incompleto

e) () Ensino Médio completo

f) () Ensino superior incompleto

g) () Ensino superior completo

h) () Pós-graduação

5) Qual sua primeira língua?

a) () Libras

b) () Língua Portuguesa

c) () Outra:

6) Com relação à sua audição, você apresenta, no

Ouvido direito:

Ouvido Esquerdo:

() surdez leve; () surdez leve;

() surdez moderada; () surdez moderada;

() surdez acentuada; () surdez acentuada;

() surdez severa; () surdez severa;

() surdez profunda; () surdez profunda;

() anacusia; () anacusia;

() não sei dizer. () não sei dizer.

7) Você se comunica/comunicou com pessoas ouvintes?

a) () Sim, sempre

b) () Algumas vezes

c) () Não

Se a resposta for sim ou algumas vezes passar para a próxima pergunta, se não, passar para a pergunta de número 9.

8) Que meio você utiliza/utilizou nessa comunicação?

a) () Leitura labial

b) () Libras

c) () Oral

d) () Escrita

e) () Gestos e/ou mímicas

f) () Mistura de métodos anteriores

9) Destes métodos, quais você prefere utilizar na troca de informações com outras pessoas, sejam elas surdas ou ouvintes?

a) () Leitura labial

b) () Libras

c) () Oral

d) () Escrita

e) () Gestos e/ou mímicas

f) () Mistura de métodos anteriores

10) Para você, por meio de quais destes métodos você interage e aprende com mais facilidade?

a) () Leitura labial

b) () Libras

c) () Oral

d) () Escrita

e) () Gestos e/ou mímicas

f) () Mistura de métodos anteriores.

11) Com relação ao trabalho, você:

a) () Está trabalhando

b) () Já trabalhou, mas no momento se encontra fora do mercado de trabalho

c) () Está afastado por motivo de doença

d) () Nunca trabalhou

Se você nunca trabalhou passe para questão número 15.

12) Em quais destas áreas você trabalha/trabalhou? (Pode marcar mais de uma alternativa)

a) () Agricultura

b) () Artes

c) () Comércio

d) () Educação

e) () Indústria

f) () Pecuária

g) () Saúde

h) () Setor público

i) () Terceiro Setor

j) () Outros

13) Qual é/era sua função?

14) Você foi/está contratado dentro da Lei de Cotas?

- a) () Sim
 b) () Não
 c) () Não sei dizer

15) Você tem cursos profissionalizantes?

- a) () Sim
 b) () Não

16) Se sim, quais?

17) Você acredita que estes cursos te ajudaram ou ajudarão a ingressar no mercado de trabalho?

- a) () Sim
 b) () Não
 c) () Algumas vezes

18) Você possui dificuldade na leitura e escrita da Língua Portuguesa?

- a) () Sim
 b) () Não
 c) () Algumas vezes

Itens	Discordo Totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo Totalmente
1. A Libras não me ajuda a aprender.					
2. Tenho acesso a quaisquer informações no meu ambiente de trabalho.					
3. A Libras é a melhor forma de interação com os ouvintes.					
4. A comunicação com as pessoas do meu trabalho flui normalmente.					
5. Eu não considero a Libras uma forma importante de interação com os ouvintes.					
6. As políticas públicas do Governo melhoram a situação de emprego dos surdos.					
7. Desconheço onde posso conseguir informações para achar um emprego.					
8. O trabalho faz com que as pessoas surdas se sintam incluídas na sociedade.					
9. A língua não é uma dificuldade na hora de prosseguir os estudos.					
10. Tenho dificuldade na leitura e escrita da Língua Portuguesa.					
11. Não compartilhar uma língua com os ouvintes não dificulta a entrada do surdo no mercado de trabalho.					
12. Quando as informações chegam até mim no ambiente de trabalho, não consigo utilizá-las.					
13. Tenho dificuldade em me comunicar com as pessoas do trabalho.					
14. Aprendo de forma rápida e fácil quando utilizo a Libras.					
15. Não consigo me qualificar profissionalmente, pois na minha cidade não existem cursos de capacitação para o mercado de trabalho em Libras.					
16. Entrar no mercado de trabalho é difícil para o surdo porque ele não compartilha a mesma língua que os ouvintes.					
17. Eu consigo aprender por meio de leitura labial e/ou oralidade.					
18. É muito fácil ler e escrever em Língua Portuguesa.					
19. Os surdos se sentem excluídos quando estão trabalhando.					
20. No trabalho tenho dificuldade em conseguir as informações que preciso.					
21. A língua é a principal dificuldade quando penso em prosseguir os estudos.					
22. Busco me qualificar profissionalmente, pois não vejo a língua como uma dificuldade para isso.					
23. Sei onde conseguir as informações necessárias para procurar emprego.					
24. As políticas públicas não são suficientes para garantir emprego ao surdo.					
25. Não consigo aprender quando uso leitura labial e/ou oralidade.					
26. Tenho acesso e consigo utilizar todas as informações presentes no ambiente de trabalho.					

APÊNDICE C – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA APLICADA COM AS
EMPRESAS

Roteiro de entrevista semiestruturada para aplicação com as empresas empregadoras de surdos em Foz do Iguaçu

- 1) Nesta empresa, estão ou já foram contratados surdos? A Lei de Cotas influenciou nesta decisão?
- 2) Geralmente, em quais funções este profissional trabalha? Existe algum motivo para isso?
- 3) O surdo apresenta alguma dificuldade no trabalho? Quais?
- 4) Existe algum tipo de treinamento especializado para o surdo?
- 5) Os surdos contratados na empresa têm livre acesso e conseguem utilizar as informações necessárias para o bom desempenho de sua função?
- 6) Existem pessoas ouvintes fluentes em Libras, além dos surdos na sua empresa?
- 7) A empresa proporciona cursos de Libras para seus funcionários? Por quê?
- 8) Existe receio da empresa no momento de contratar um surdo? Comente.
- 9) Caso não existisse a Lei de Cotas, você acredita que esta empresa teria pessoas com deficiência em seu quadro de funcionários?

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES



Questionário para coletar informações sobre a situação dos surdos no mercado de trabalho

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: A LIBRAS COMO ELEMENTO DE ACESSIBILIDADE
INFORMACIONAL DO SURDO NO MERCADO DE TRABALHO

Pesquisadora: Vanessa Caroline Mezzari / Programa de Pós-graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação / Universidade Federal do Paraná. Orientadora: Prof. Dra. Enga. Maria do Carmo Duarte Freitas (Mat. UFPR 179973).

1. *Natureza da pesquisa:* Você é convidado a participar desta pesquisa, que tem como finalidade analisar as condições de acessibilidade informacional do surdo no mercado de trabalho tendo a Libras como elemento de interação social e acessibilidade informacional. Os dados coletados serão utilizados para a elaboração da dissertação do curso de Pós-graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação. A pesquisadora também pretende realizar publicações em congressos ou revistas científicas.

2. *Participantes da pesquisa:* jovens surdos, professores de surdos e empresas com surdos em seus quadros de funcionários da cidade de Foz do Iguaçu.

3. *Envolvimento na pesquisa:* Ao participar deste estudo você deve permitir que a pesquisadora Vanessa Caroline Mezzari utilize os dados contidos nas respostas deste questionário. A participação ao responder todas as perguntas pode levar aproximadamente vinte minutos. Você tem a liberdade de se recusar a participar e pode, ainda, se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. No entanto, pedimos sua colaboração em completar todo o processo, garantindo assim o melhor resultado para a pesquisa. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações e poderá entrar em contato com a pesquisadora Vanessa Caroline Mezzari, e-mail vanessaunioeste@yahoo.com.br, ou com a orientadora da pesquisa Maria do Carmo Duarte Freitas Dra. Enga. (3360-4470 ou pelo e-mail mcf@ufpr.br).

4. *Riscos e desconforto:* Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução No. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade. Sendo que você poderá desistir da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo.

5. *Benefícios:* Esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a inserção do surdo no mercado de trabalho, sua acessibilidade informacional e a Libras como elemento de interação. No futuro essas informações poderão ser usadas em benefícios de outros.

6. *Confidencialidade:* Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento dos dados.

7. *Pagamento:* Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

*Obrigatório

* Eu, após a leitura deste termo, acredito estar suficientemente informado, estando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades. Também estou ciente dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, da garantia de confidencialidade e do direito a esclarecimentos sempre que desejar. Diante disto, expresso meu consentimento de espontânea vontade em participar desta pesquisa.

Aceito: () Sim () Não

1) Você é, ou já foi professor de algum aluno surdo?

() Sim () Não

2) Você já fez curso de Libras?

() Sim () Não

3) Você considera importante que um professor ouvinte (não intérprete) saiba a língua de sinais? Comente.

4) Para você, quais as dificuldades do aluno surdo em sala de aula?

5) Como o aluno surdo interage com os colegas ouvintes e com o professor?

6) Você acredita que a oralização do aluno surdo facilita sua interação com os demais colegas e professor em sala de aula?

7) Você percebe que o aluno surdo aprende melhor quando utiliza qual língua? Comente.

8) Você percebe que o surdo possui as mesmas condições de acesso e uso da informação na sociedade? Comente.

9) Você acredita que estes alunos surdos, quando concluem o Ensino Médio, estão preparados para o mercado de trabalho? Comente.

10) Há algum conteúdo específico em sua disciplina que prepara os alunos para o mercado de trabalho?

11) Estes conteúdos estão relacionados com o surdo e sua inserção no mercado de trabalho?

APÊNDICE E – QUADRO DE ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS COM
AS EMPRESAS

Temática	Entrevistado A	Sequência	Enunciação
Comunicação dos surdos no trabalho Estratégias de divulgação do curso de Libras	- E o que motivou o hotel a contratar surdos? - O que nos motivou é que nós observamos que eles viviam num mundo muito restrito . Que eles se comunicavam somente entre eles . Aí nós ficamos pensando que a gente poderia ampliar esse mundo deles, de se comunicarem, a gente via a necessidade dos funcionários , queriam se comunicar e não conseguiam, não sabiam como . Então no primeiro dia do surdo a gente coloca um mural... a gente divulga né. A gente viu que muita gente se interessou quando a gente colocou o alfabeto de Libras no Hotel... a gente divulgou que era o dia do surdo ... e... os surdos são muito queridos , assim, eles são muito atenciosos né. E aí muita gente quis fazer. Só que aí assim, a gente falava que tinha na Apasfi , mas tinha toda uma dificuldade . Aí foi quando a gente colocou um planejamento de treinamento , que a gente tem o planejamento de treinamento anual, envolvendo as pessoas. Olha eu acho muito importante a gente colocar, inclusive eu, departamento de RH, eu tenho que me comunicar com eles, porque as vezes ele tem dúvida sobre salário... na hora de contratar como eu vou fazer uma entrevista com eles?	03	Não respondeu a pergunta. Falou sobre o curso de Libras que foi ofertado aos demais funcionários Frase inicial "Uso do "nós" Tiques de linguagem: "né"; "então" Mudança para o uso do "eu" Reflexão por parte do respondente em forma de interrogação.
Processo seletivo dos surdos Uso de intérprete nas entrevistas Acolhimento	- Era o que eu ia perguntar... como é o processo seletivo ? Como que a empresa contrata o surdo ? - É... sempre que a gente agenda entrevista vem uma intérprete da Apasfi. A intérprete sempre está acompanhando . Mas aí assim, até pra eles se sentirem mais a vontade . Tendo alguém que tá se preocupando, assim... ah! poxa... lá eles se preocupam. Eu acho que eles vão se sentir mais acolhidos dessa forma.	04	Retomada da reflexão gerada pelo respondente. Tiques de linguagem: "assim". Uso do "eu" e "a gente"
Contratação dos surdos pela Lei de Cotas	- E a empresa, hoje, contrata o surdo dentro da Lei de Cotas ? Você sabe me dizer isso? - (Pausa de 2 segundos) Sim .	05	Hesitação
Reafirmação da contratação pelo motivo da Lei	- É por causa da Lei de Cotas ? - É por causa de Lei . Aham...	06	Reafirmação da resposta, agora sem hesitar.
	- Você acha que se não tivesse a Lei de Cotas a empresa contrataria pessoas com deficiência ? - (Silêncio... 2 segundos) Olha, eu acho que sim , porque tem muita gente capacitada .	07	Nova hesitação, devido ao tema delicado.
Exigência de qualificação profissional do surdo Vagas ofertadas;	- E isso já me leva para outra pergunta. Na hora de contratar o surdo existe uma exigência de qualificação profissional para esse surdo, ou em qual função ele vai trabalhar e qual a qualificação que vai ser exigida? - Assim, é, no processo acontece assim: A gente tem as vagas , tem um quadro de vagas, por exemplo, hoje a gente tem 20 vagas disponíveis. Aí o surdo , nós divulgamos na	08	Uso de tiques de linguagem: "assim"; "aí"; "né".

<p>divulgação das vagas.</p> <p>Explicação da não ocupação de algumas vagas por surdos, devido a falta de escolaridade.</p>	<p>Apasfi, como nós divulgamos em todas as agências. Aí a gente divulga na Apasfi e o pessoal do RH da Apasfi entra em contato e fala “olha tem um surdo que se interessou por tal vaga Fran, pode ser?...” aí eu falo: “ok, vem, a gente conversa”. Assim como já veio surdo a gente tinha vaga e eles não se interessaram. Eles tinham interesse em trabalhar numa vaga administrativa, só que eles não tinham escolaridade que a gente exigia e aí, infelizmente, não tinha como colocar ele em uma função, né? Às vezes eles querem trabalhar na telefonia, como que vai trabalhar na telefonia né? Então assim, é mais delicado, mas tendo vaga a gente sempre contrata.</p>		<p>Explicação um pouco entrecortada, buscando as palavras, as justificativas.</p>
<p>Treinamento dos surdos para o desenvolvimento da função.</p>	<p>- E o hotel hoje, ele dá qualificação para esse surdo, ele dá treinamento pra esse surdo depois que eles entram, porque as vezes, ele tem, por exemplo, o Ensino Médio completo, mas ele nunca trabalhou naquilo, então ele precisa de um treinamento, e vocês conseguem dar esse treinamento para eles?</p> <p>- Sim, a gente sempre... nós temos um treinamento, e aí assim, a equipe que ele tá tem uma cota de treinamento por mês, então eles participam de todos os treinamentos.</p>	09	<p>Uso do “nós” Uso de tiques de linguagem: “aí assim”. Afirmação já no início da frase, sem titubear.</p>
<p>Uso de intérpretes, tanto para treinamentos quanto para confraternizações.</p> <p>Momento de passar informações para o surdo.</p> <p>Percepção do isolamento, porém com liberdade para o surdo se sentir confortável.</p>	<p>- E na hora do treinamento, tem alguém que faz a tradução/interpretação para Libras?</p> <p>- Sim, a gente sempre toma o cuidado de chamar alguém da Apasfi e eles sempre estão disponíveis, eles sempre vêm. Tanto pro treinamento, quanto quando a gente tem uma feira de funcionários, a cada dois meses, uma feira para comemorar os aniversariantes do bimestre né, nesta feira vem o intérprete também.</p> <p>- Ah, legal, bacana.</p> <p>- Daí o gerente fala qual os resultados, como a gente fala das propostas de RH e tudo que está acontecendo no Hotel, para eles saberem como... o que tá acontecendo, sempre tem intérprete que vem. As vezes eles sentam numa mesa só eles, as vezes eles sentam na frente. A gente não coloca, ah tem que ser assim, a gente deixa as coisas acontecerem naturalmente, pra eles ficarem mais a vontade.</p>	10	<p>Afirmativa já no início da frase, sem hesitar.</p> <p>Momentos formais e informais na empresa</p> <p>Uso do “a gente” Uso de tiques de linguagem: “daí”.</p>
<p>Funções que os surdos exercem na empresa</p>	<p>- E, hoje, os que estão trabalhando aqui, você sabe me dizer em quais as funções que eles estão trabalhando?</p> <p>- Tem departamento de limpeza. Tem departamento de jardim, que trabalha, e tem uma pessoa que trabalha na cozinha.</p>	11	<p>Enumeração das funções conforme pensamento.</p>
<p>Adequação da função à pessoa com deficiência auditiva</p>	<p>- E você acha que essas funções elas são mais adequadas para o surdo?</p> <p>- Nós tomamos o cuidado de não colocar eles em nenhuma função de risco né. Porque as vezes, por exemplo, vem uma pessoa que vai</p>	12	<p>Uso de tiques de linguagem: “né”; “daí”. Não respondeu diretamente,</p>

	ficar, dependendo da função, já veio, já teve gerente que pontuou que “ó Fran, eu gostei muito dele, mas pra essa vaga ele tem habilidade , mas ele corre o risco porque ele não ouve ”. Daí a gente não coloca.		apenas justificou o porquê de não exercerem certas funções.
Prevenção e segurança no trabalho	- Mas não tem nenhum tipo de modificação estrutural no hotel por exemplo iluminação, sinal luminoso, por exemplo, risco de incêndio? - Tem, tem... Nós temos.	13	Entrevistador aproveita o novo enfoque para incluir um questionamento.
Prevenção e segurança no trabalho específicas para o surdo. Auxílio de um professor surdo nas mudanças	- Pro surdo ? - Não, não, pro surdo ainda não . Agora que a gente está fazendo o curso de Libras que a gente viu algumas necessidades da gente adaptar algumas coisas pra eles. A gente está fazendo um levantamento , o professor também está ajudando a gente, alguns projetos. - É o Giliar o professor? - É o Gili... Ele fala assim, olha, isso seria interessante. Que a gente não tem essa estrutura . Como que vai, como que ele se comunica. Então assim, a gente está tomando esse cuidado agora.	14	Negou três vezes em uma única sentença. Demonstrou interesse na mudança da atual realidade. Emprego de: “a gente”.
Acessibilidade informacional do surdo Mudança de visão da empresa Comunicação por meio da escrita Conclui que o surdo não tem o mesmo acesso a informação sem o uso da Libras	- E você acredita, assim, que eles estando aqui eles têm livre acesso, eles conseguem utilizar as informações que acabam circulando na empresa, por exemplo, porque na hora, do momento formal , vocês chamam o intérprete , mas você acha que eles conseguem ter acesso a maioria das informações da empresa, sem a Libras ? De alguma outra forma vocês conseguem se comunicar com eles? - É assim, nós já tivemos momentos com mais dificuldades , assim... eu to aqui há quatro anos... quando, no primeiro ano que eu entrei aqui, eu observei que o mundo pra eles, assim o mundo do trabalho , dentro da empresa aqui onde nós estamos era mais difícil a comunicação , porque a gente tentava se comunicar com eles, as vezes, escrevendo . E eles assim, só que, assim, as vezes eles não foram alfabetizados desta mesma forma que nós, então, eles não usam preposição e uma série de coisas. Então eles tinham mais dificuldade . Então eu acho que não, eles não têm a mesma visão do que está acontecendo no momento, talvez eles demorem um pouco mais para entender. Assim, tem muita coisa que a gente... eu acho que não, não deve ter não .	15	Uso do “nós” Retomada da história recente de inclusão do surdo. Emprego de tiques de linguagem: “assim”, “então”; Conclui com a negativa para a pergunta repetindo o “não” três vezes na sentença.
Questionamento sobre a disseminação da Libras entre os ouvintes como forma de ampliação da acessibilidade informacional do	- Mas, disseminando a Libras entre os outros colaboradores, você acha que isso vai ampliar, vai ampliar essa visão de acessibilidade informacional do surdo? - Com certeza . Nós temos uma funcionária que trabalha no setor que ela já está no nível avançado também, ela faz na Apasfi, então assim nós temos vários funcionários que estão	16	Afirmação na primeira sentença.

<p>surdo.</p> <p>Relembra funcionários ouvintes que sabem Libras</p> <p>Conclui que a pessoa que sabe Libras se torna um meio de comunicação entre demais ouvintes e surdos.</p>	<p>buscando. Então assim, ela, sempre que tem uma dificuldade também que... ela sempre está disposta a ajudar, e ela é muito proativa, então, ela sempre vem e ela conversa com eles, se eles têm alguma dúvida, então ela fica assim, ela é um meio de comunicação. Ela fala assim, "Ah... olha só... tal pessoa está com tal dúvida" Já, imediatamente, a gente tenta sanar a dúvida. Liga pra ele vir aqui, fala com ele. Ou liga para Apasfi, quando ela tá de férias, a Apasfi vem. Então, assim, a gente tenta manter eles informados. Mas eu tenho certeza que não é a mesma coisa.</p>		<p>Uso de tiques de linguagem: "então"; "assim";</p> <p>Frases interrompidas, porém com uma conclusão válida.</p> <p>Conclusão adversativa.</p>
<p>Momento de transição da pesquisadora para encadeamento de ideias</p>	<p>- E eles trabalham no mesmo turno de trabalho?</p> <p>- Dois... três... todos no mesmo turno.</p> <p>- Todos no mesmo turno, já facilita né?</p>	17	Resposta objetiva.
<p>Outros funcionários ouvintes fluentes em Libras</p> <p>Demonstração de enaltecimento à funcionária ouvinte que sabe Libras.</p>	<p>Então você já respondeu, se existem pessoas ouvintes fluentes em Libras além dos surdos. Então você já respondeu que tem, e tem alguns funcionários que estão buscando.</p> <p>- Tem, nós temos a Renata, ela é excelente em Libras. Ela tá fazendo curso até pra intérprete. Ela quer ser intérprete. Então assim, ela é fluente em Libras. Ela ajuda muito. E aí assim, agora tem o pessoal que vai se formar, que vai ser na outra terça a formatura de quem tá concluindo o curso de Libras, mas é um nível básico, mas eles, já conseguem assim se comunicar muito bem. Bem melhor do que antes, assim.</p> <p>- E você tá fazendo também?</p> <p>- Também, também.</p>	18	Fala eloquente relatando o cotidiano.
<p>Retomada do histórico da iniciativa de ofertar cursos de Libras para os funcionários.</p> <p>Enumeração dos motivos em se ofertar cursos de Libras para os funcionários.</p> <p>Demonstração de paixão para com os surdos</p>	<p>- A empresa, hoje, então, ela está proporcionando cursos de Libras para os funcionários, e o que que motiva a empresa a fazer isso então? Não tem custo? O custo não é muito grande, vale a pena? O que a empresa pensa sobre isso?</p> <p>- É, teve o custo, a gente pediu, assim, a gente tinha um projeto e aí a gente mandou pro nosso corporativo no final do ano e foi aprovado, mesmo com o custo. Porque a gente teve uma boa negociação, a gente explicou que não tem como a gente querer contratar, se tem uma cota, se a gente não dá um local digno de trabalho para ele, e era essa sensação que nós tínhamos. Nós enquanto RH nós observávamos que eles não tinham um ambiente de trabalho legal, ficavam ali trabalhando e eles ficavam observando as pessoas se comunicando e aí eu ficava pensando: "nossa, o que que se passa pela cabeça deles, né?" e aí, foi quando nós tivemos a iniciativa de falar não, vamos cotar, daí a gente foi a algumas reuniões da Apasfi sobre trabalho, sobre mão-de-obra, porque aí no momento eles falaram que tinha</p>	19	<p>Uso de tiques de linguagem: "assim"; "aí";</p> <p>Emprego do "nós";</p> <p>Discurso com encadeamento das ideias;</p> <p>Uso de uma indagação retórica na entrevistada.</p> <p>Busca dos próprios pensamentos</p>

<p>Explicação sobre as funções disponíveis para surdos e retomada da discussão sobre a qualificação.</p> <p>Finalização das ideias com a resposta da pergunta sobre a motivação da empresa.</p> <p>Narrativa do dia a dia de um surdo que trabalha na empresa com mudanças após o início do curso de Libras.</p>	<p>muitas empresas que abriam uma vaga, mas fechavam, porque de certa forma discriminavam os surdos e só ofereciam mão de obra operacional. Sabe, só na limpeza, só no jardim. Só que daí a gente falou assim, não é que empresa só oferece, é que assim, depende da qualificação do surdo. São poucos os surdos que acabam se qualificando pro mercado de trabalho, então essa que é a dificuldade. Foi quando a gente observou que valia a pena investir nisso, que tendo funcionários aqui dentro que tivessem a Libras, que fosse o nível básico que já seria um ambiente de trabalho mais agradável.</p> <p>- É, com certeza, isso vai ajudar bastante eles...</p> <p>- Vai... eu tenho certeza, eles já estão mais felizes. Tem um surdo que ele inclusive ele é bem simpático, ele tá no jardim, o nome dele é Milton. Daí todo dia de manhã ele enche a garrafa de café e ele passa em todos os setores entregando café... e ele tem amizade com todo mundo. Aí, agora, as vezes, a gente se encontra né, no refeitório, e agora eu já sei falar "oi", "tudo bem?" a gente conversa algumas coisas em Libras e ele fica super feliz. Toda vez que ele me encontra ele cumprimenta.</p>		<p>passados.</p> <p>Perda do foco.</p> <p>Retomada da resposta com foco na pergunta.</p> <p>Narrativa da história de um surdo na empresa.</p> <p>Demonstração de afeto nas palavras: simpático; amizade; feliz.</p>
<p>Preferência por surdos com explicação do porquê desta predileção.</p> <p>Demonstração de afeto;</p> <p>Treinamento para os ouvintes para interagir com os surdos.</p>	<p>- E você acha assim, que mesmo contratando um surdo hoje, o hotel tem bastante suporte pra isso, vamos dizer assim, algumas pessoas que já sabem, e outras pessoas que estão fazendo o curso. Você sabe assim me dizer, se ainda existe algum receio na hora de contratar um surdo? Vocês podem pender, por exemplo, vocês tem uma Lei de Cotas, por exemplo, mas a Lei de Cotas não é específica, a quantidade de pessoas com deficiência física, com deficiência auditiva, com deficiência visual, não existe essa... essa distinção. Então a empresa contrata a pessoa com deficiência da forma como ela quer. Então, no momento de contratar um surdo, a empresa, as vezes, não contrata por algum tipo de receio assim, algum tipo de receio?</p> <p>- Olha, pelo que nós observamos, pelo contrário, a gente dá prioridade para contratar surdos, porque eles são muito trabalhadores, eles têm uma comunicação, eles se comunicam muito bem com o ouvinte, eles tentam se comunicar. Eles fazem... o relacionamento deles interpessoal, no geral é muito bom. Eles são muito amáveis. O que a gente tem que tomar cuidado, que a gente já teve alguns treinamentos que a gente deu, assim, pra tomar cuidado em como chamar eles, né, não empurrar, não pegar forte que as vezes eles se assustam, né. A gente já teve até um caso de uma ouvinte que foi tentar chamar e ela jogou um objeto no surdo e ele</p>	20	<p>Emprego do "nós";</p> <p>Uso de palavras afetuosas: amáveis; relacionamento interpessoal bom;</p>

<p>Narrativa de fato vivenciado na empresa.</p> <p>Demonstração da função da respondente.</p> <p>Enaltecimento dos surdos no trabalho.</p>	<p>ficou super assustado, não quis mais trabalhar no setor onde ela trabalhava. Porque foi assim, na inocência dela, foi um jeito de chamar, com um... mas pro surdo, foi uma coisa muito grave.</p> <p>- Muito agressivo...</p> <p>- É... foi muito agressivo. Então assim, é... depois disso... as experiências fazem a gente observar que a gente precisa orientar, orientar e orientar toda a equipe, de como trabalhar com eles... Mas eles são muito, muito inteligentes e muito trabalhadores.</p>		<p>Emprego de nova narrativa.</p> <p>Ênfase no verbo "orientar" demonstrado pela repetição do mesmo na frase.</p>
<p>Investigação dos clientes surdos.</p>	<p>- E você acredita, que claro, hoje a empresa, assim, dá esse curso, você já falou, mas pro surdo né... pro ambiente de trabalho do surdo, mas isso também vai ampliar as possibilidades de bem atender o turista surdo né?</p> <p>- Com certeza.</p>	21	<p>Convicção no discurso.</p>
<p>Sondagem sobre clientes surdos.</p> <p>Narrativa dos acontecimentos vivenciados na empresa.</p>	<p>- E você já teve alguma experiência de turista surdo?</p> <p>- Foi isso que nós conversamos antes de fazer o curso a gente tentou descobrir se já tinha vindo alguma criança surda, se já teve algum hóspede surdo e ele tentou se comunicar e não conseguiu... e foi incrível que a gente não teve ninguém até hoje que procurou o hotel que tivesse assim, que pelo menos procurou ajuda né. E é assim, como tem muita gente do esporte e lazer, que é a área que recreação eles fazem também o curso, então a gente pesquisou, tem alguma criança que vai, alguma criança que já procurou que é surda. Então a gente descobriu assim, que não. Até agora não.</p> <p>- Até agora ninguém?</p> <p>- Não...</p>	22	<p>Emprego do "nós"</p> <p>Busca das lembranças vividas;</p> <p>Resposta negativa.</p> <p>Reafirmação da negativa.</p>
<p>Retomada da questão dos surdos no ambiente de trabalho</p> <p>Falta de qualificação.</p> <p>Dificuldade na comunicação.</p> <p>Diferenças com relação às oportunidades dos ouvintes.</p>	<p>- E você percebe então, que tipo de dificuldade o surdo tem na hora de exercer a profissão dele, dentro do trabalho? Você percebe assim que ele tem alguma dificuldade, você mesma falou que mais... as funções hoje, são mais operacionais, mas você acredita que pra ele galgar para ele galgar carreira na empresa, qual seria a dificuldade maior dele?</p> <p>- Assim, como tem muita profissão que exige muito... assim, principalmente turismo, hotelaria, né... assim, eles querem trabalhar na recepção. Eles tem muito essa questão da comunicação com o ouvinte é uma dificuldade porque assim, tem muita vaga que eles não vão conseguir eu sinto assim, que existe com certeza essa dificuldade. Que uma pessoa aqui dentro, um funcionário que não é surdo ele tem a amplitude né... de subir mais horizontal e o surdo já tem essa dificuldade, tem funções que a gente não</p>	23	<p>Uso de tiques de linguagem de forma recorrente em frases entrecortadas: "assim"</p> <p>Mudança para o uso do "eu"</p>

<p>Exemplos que funções que não há como serem exercidas pelos surdos.</p> <p>Retomada do problema da qualificação e escolaridade.</p>	<p>consegue colocar ele, com certeza. Por exemplo, muitas vagas que a gente tem na telefonía, tem vagas que a gente tem no setor administrativo, contas a pagar... contas a receber, eles têm que estar sempre entrando em contato com o cliente... talvez no futuro que seja só, mais via e-mail aí sim. Mas eu observo assim que muitos deles acabam não estudando, não terminam o ensino médio...</p>		<p>Emprego de exemplos para a explicação;</p>
<p>Dificuldades na língua portuguesa</p> <p>Retomada do assunto</p> <p>Mudança de paradigma: percepção de que o surdo utiliza uma língua diferente da língua majoritária – o português</p>	<p>- E era isso que eu ia perguntar, você já percebeu dificuldades na língua portuguesa? Porque eles têm muita dificuldade na língua portuguesa...</p> <p>- Muita..</p> <p>- Porque as pessoas ouvintes, elas têm uma tendência a acreditar que o surdo não tem essa dificuldade, mas eles têm...</p> <p>- Tanto é que eu falei que no início a comunicação há três anos atrás, eu observei que a gente se comunicava escrevendo, e aí eu vi que eles tinham muita limitação, eles não conseguiam entender, mesmo escrevendo, mas ali naquela época eu não entendi, que tinha pouca comunicação e a gente não sabia que a língua deles era diferente né... da língua portuguesa, então eles têm muita dificuldade.</p>	24	<p>Resposta curta;</p> <p>Insistência na resposta;</p> <p>Relato da experiência vivida;</p> <p>Encadeamento das ideias direcionando para uma conclusão.</p>
<p>Tentativa de buscar mais informações</p> <p>Silêncio, indicando o final da entrevista.</p>	<p>- Por exemplo, então, você coloca uma informação num mural... A princípio você pensa que os funcionários vão passar ali, vão ler, vão entender... mas para um surdo, ler aquilo, pode ser que não entenda. Então é preciso buscar estratégias diferentes, né...</p> <p>- É com certeza... (silêncio)</p> <p>Término da entrevista.</p>	25	<p>Concordância com a entrevistadora e silêncio, demonstrando que a entrevista havia acabado.</p>
Temática	Entrevistado B	Sequência	Enunciação
<p>Motivação da empresa para ofertar cursos de Libras</p> <p>Capacitar o pessoal para atender o público com necessidades</p> <p>Obrigatoriedade presente na legislação</p> <p>Modificações da empresa para garantir a acessibilidade</p>	<p>- A primeira coisa que eu gostaria de saber é o que motivou o aeroporto a solicitar o curso de Libras junto à Apasfi?</p> <p>- Na verdade... eh... a empresa tem que administrar esses cursos para deixar o pessoal preparado para atender com o público que tem essa necessidade, e... por outro lado, também existem também normativas da aviação civil de serviço geral que determina que tenham, os aeroportos sejam dotados de infraestrutura com acessibilidade tá... e... não só acessibilidade como pessoas né, capacitadas com cursos de Libras, para poder atender essas pessoas. E recentemente o aeroporto foi todo reestruturado, inclusive na questão de acessibilidade, teve uma melhoria bastante grande, não sei se você chegou a perceber, dar uma andada, você já viu calçadas e tal. Então assim, existe normativo né, legal que fala da acessibilidade que exige né que tenham... temos os cursos, as pessoas</p>	01	<p>Apresentação das motivações</p> <p>Discurso eloquente</p> <p>Uso de verbos que indicam obrigatoriedade: “determina”; “tenham”; “exige”.</p> <p>Presença de tiques de linguagem: “assim”; “né”</p>

<p>Motivação: pessoas qualificadas com cursos de Libras para bem atender os usuários</p> <p>Reafirmação de que o processo de mudança é obrigatório</p> <p>Acessibilidade assistida.</p> <p>Reafirma a motivação da empresa.</p>	<p>capacitadas para atender vinte e quatro horas por dia. Há a necessidade então, de quem vai atender é ter o curso de Libras, a gente tem o balcão de informações, que é o nosso balcão de ouvidoria, que a gente fala, são peessoas qualificadas com cursos de Libras e da parte de operações que é o pessoal que está diretamente atendendo ao público a gente tem os supervisores da Infraero que precisam ter essa... nesse... capacidade para poder atender. Então hoje, o que que faz, obrigatoriamente, a gente tem que ter acessibilidade no aeroporto. É... a Infraero com base nessas orientações e mesmo normativas que existem, a gente tem que prover acessibilidade ela deferiu que até o balcão de ouvidoria vai ter sinalização totalmente adequada e a partir do balcão de informações a Infraero vai prestar acessibilidade assistida. Aí então, onde entra o papel da pessoa com capacitação em Libras para poder conduzir as pessoas para as empresas aéreas, salas de embarque, desembarque, segundo pavimento, área de praça de alimentação, lojas que têm no aeroporto e, enfim, então assim, em função disso a gente está fazendo o curso para qualificar os supervisores e mais algumas pessoas que tratam diretamente com o público, basicamente isso.</p>		<p>Apresenta no decorrer do discurso a reutilização das palavras na intenção de reafirmar a motivação e objetivo da empresa em oferecer cursos de Libras: "acessibilidade"; "capacidade"; "qualificadas"; "atender";</p>
<p>Número de funcionários capacitados</p> <p>Os cursos ainda não aconteceram</p> <p>Pessoas envolvidas</p> <p>Resposta da quantidade provável de participantes</p>	<p>- E... você tem quantas pessoas se capacitaram, ou você não tem esse número?</p> <p>- Não, a gente vai ter o curso, a gente ainda não teve. A gente teve um, a gente já teve um no outro momento, acho que ano passado ou ano retrasado e a gente vai ter agora de novo, é... no início do mês outubro se não me engano, a gente vai ter, que é o curso que foi solicitado inclusive que foi contratado pela Infraero esse que vai ser ministrado agora em duas semanas no período da manhã. Isso vai acontecer ainda. É... do pessoal de operações que tratam diretamente com o público a gente vai ter umas dez pessoas, terão outras pessoas de outras áreas, mas não sei, não fechamos a turma ainda, é... até porque a área de treinamento tem que tá verificando, deve ter um limite de tur... de participantes, que eu imagino deve girar em torno de trinta pessoas. A necessidade primeira é atender o pessoal de operações é... e como nem temos efetivo para atender tantas vagas, provavelmente além de outras áreas da Infraero talvez seja possível abrir para empresas aéreas, né... ou uma outra terceirizada que queira participar do treinamento, já aproveita e já faz o treinamento.</p>	<p>02</p>	<p>Busca na memória das informações sobre os cursos.</p> <p>Apresentação de informações imprecisas</p>

Quantidade de funcionários	- E quantos funcionários a Infraero tem hoje, aqui no aeroporto de Foz? - A Infraero tem sessenta e cinco funcionários.	03	Resposta objetiva.
Empresa não se encaixa na Lei de Cotas	- Então vocês ainda não entram dentro da Lei de Cotas ? Vocês não têm pessoas com deficiência em todas as áreas? - Não . A gente só tem menores aprendiz.	04	Resposta negativa, com desvio do foco.
Confirmação de não haver funcionários com deficiência na empresa	- Então os cursos , eles vão ser voltados, realmente só para o atendimento ao público e não vai ter nada com relação a vocês terem algum funcionário surdo dentro da empresa? - Não , isso assim, é uma outra necessidade, dependendo da quantidade de empregados que a gente tenha, teríamos a necessidade de ter, não é o nosso caso , então assim, especificamente, não é o caso desse treinamento pra isso. - Sim, - É atender o público mesmo.	05	Uso da pesquisadora de meios para confirmar as respostas Apresentação dos argumentos para não ter funcionários com deficiência
Demonstração de que as informações apresentadas direcionam para o fim da entrevista. Resgate das informações apresentadas até o momento	- Então é isso, porque a entrevista ela seguiria agora com relação ao surdo no mercado de trabalho e vocês não tem esse surdo dentro da empresa, apenas pros turistas no caso, as pessoas que vão transitar aqui no aeroporto... - Pra nós o objetivo é o treinamento é pra qualificar as pessoas pra poder prestar o atendimento aos usuários do aeroporto né. Então seria o público externo. Nosso efetivo , realmente, não tem pelo menos que eu saiba previsão da gente ter.	06	Retorno aos argumentos e palavras já apresentadas.
Dados sobre usuários surdos Inexistência de dados.	- E vocês tem algum levantamento com relação às pessoas que já passaram pelo aeroporto surdas ? - Não temos.	07	Resposta objetiva e curta.
Busca de mais informações sobre a questão anterior Apresentação da rotina da empresa com relação ao passageiro	- Não tem nada assim com relação à frequência ? - É que é assim, também é... a obrigatoriedade em atender os passageiros é da empresa aérea , então assim, a Infraero como administradora dos aeroportos ela dá um apoio de suporte assim, digamos até que o passageiro chegue ou tenha o contato com a empresa aérea, que é a chegada dele então, até o nosso balcão e o direcionamento, basicamente é isso, né... eu vou direcionar o passageiro , então geralmente eu vou encaminhar para a empresa aérea, ela daí tem toda uma tentativa com o cliente dela independente de ser portador de necessidade .	08	Análise do contexto da empresa, na tentativa de elencar os motivos da inexistência de dados. Perda de foco.
Questionamento sobre cursos de outras línguas de sinais (visto ser um ambiente repleto de	- E a intenção é falar, capacitar então só para Libras que é a Língua Brasileira e outras línguas de outros países não? Mesmo tendo tanta... - Não ,	09	Questionamento

estrangeiros) Resposta negativa.	- Daí não? - A princípio não tem. - A Língua de sinais americana , outras línguas, não? - No planejamento não . - Então é isso... (Término da entrevista).		sobre outras línguas de sinais. Direcionamento para o término da entrevista
Temática	Entrevistado C	Sequência	Enunciação
Motivação da empresa para ofertar cursos de Libras Capacitar o pessoal para atender o público com necessidades Obrigatoriedade presente no contrato Modificações da empresa para garantir a acessibilidade Pessoal qualificado para atender os visitantes que possuem necessidades	- É verdade que a empresa oferta cursos de Libras aos seus funcionários, por quê? - Sim. essa é a segunda turma que esta em andamento no Curso de Libras . Segundo as obrigações apresentadas no ato da renovação do contrato em Junho/2010, onde descreve que o passeio Macuco Safari deveria atender e promover acessibilidade as diferentes necessidades (Motora/Física). Devido a essa obrigação formamos uma porcentagem do quadro funcional, esperando que essas pessoas possam realizar o atendimento a visitantes que possuem essa necessidade, assim como possuímos um Jipe adaptado para o transporte de pessoas com deficiência motora e necessidade do uso de cadeiras de Roda, futuramente teremos uma embarcação e uma Carreta, além dessa mudança estamos em processo de confecção de um manual em Braille para os deficientes visuais.	01	Apresentação das motivações Texto escrito em forma de e-mail Uso de palavras que exprimem obrigatoriedade: obrigação (2); deveria;
Questionamento sobre a existência de surdos trabalhando na empresa	b) O Macuco tem funcionários surdos no seu quadro de funcionários? - Não possuímos colaboradores.	02	Resposta negativa.

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS APRESENTADAS PELOS
PROFESSORES DO QUESTIONÁRIO APLICADO.

3 - Você considera importante que um professor ouvinte (não intérprete) saiba a língua de sinais? Comente.
(R-1) Muito importante. Considerando que minha comunicação com o aluno ouvinte é melhorada quando interagimos, também a seria com o não-ouvinte.
(R-2) Sim, pois é angustiante não interagir. Ou em parte.
(R-3) A importância surge desde nossa formação acadêmica que poderia proporcionar aos seus formandos um maior número de aulas da disciplina Libras. A partir disso, cabe ao professor após o término de sua graduação e início da profissão buscar se aperfeiçoar com cursos entre outros para compreender melhor a língua de sinais.
(R-4) Sim, porque só o intérprete auxiliando o aluno surdo fica difícil porque nem sempre ele consegue transmitir realmente o que o professor está dizendo.
(R-5) Seria o ideal, mas é muito difícil, pois Libras é uma língua, e não se aprende com pouco esforço. É preciso um treinamento intensivo e não há tempo disponível para tal.
(R-6) Sim. Acredito que a relação que se estabelece entre o aluno e o professor que possui curso de Libras seja muito mais produtiva do que o professor que não tem conhecimento da língua de sinais.
(R-7) Sim. Para saber a real situação do aluno, poder entendê-lo bem.
(R-8) É importante sim que este professor saiba se comunicar, pois isso aproxima-o do aluno surdo.
(R-9) Sim, é um dos meios de aproximação com o aluno.
(R-10) Sim, pois o acesso à informação e o conhecimento adquirido pelos surdos é maior e facilitado, uma vez que o professor tem a possibilidade de falar na mesma língua que o surdo.
(R-11) Sim, seria ótimo, porque o professor ouvinte poderia entender as dificuldades do aluno através dos sinais.
(R-12) Acho importante, para que os surdos sintam-se incluídos.
(R-13) É muito importante que o professor saiba Libras.
(R-14) Sim. Facilita a comunicação na ausência do intérprete.
(R-15) Com toda certeza que o professor ouvinte que conhece Libras terá mais êxito com os alunos surdos.
(R-16) Sim, que tenha pelo menos uma noção da língua de sinais para melhor atendê-los nas dificuldades apresentadas.
(R-17) É importante um professor que saiba se comunicar com os surdos, pois se o intérprete faltar os alunos não perderão conteúdo.
(R-18) Sim, pelo respeito ao surdo enquanto pessoa, sanar dificuldades durante a aula e poder interagir com os mesmos.
4 - Para você, quais as dificuldades do aluno surdo em sala de aula?
(R-1) A maior dificuldade é a divisão da atenção que ele tem que dispende entre o visual do quadro de aula e o visual do intérprete.
(R-2) Pode não ter dificuldade na medida em que o intérprete faça um bom trabalho. No entanto, a escola exige textos escritos, o que é a maior dificuldade para o surdo.
(R-3) Vejo dificuldade não no aluno surdo e sim nos professores que não conhecendo a realidade vivida por esse aluno surdo exige do mesmo os conhecimentos por igual dos demais, criando certas barreiras muitas vezes.
(R-4) A maior dificuldade é o próprio entendimento das explicações em algumas disciplinas.
(R-5) A maior é compreender a própria língua portuguesa, um sistema muito diverso da língua de sinais.
(R-6) A inclusão na sua totalidade, pois o que geralmente acontece é uma inclusão social apenas. Pois não temos a formação necessária para fazer o atendimento adequado, o atendimento que damos aos alunos é um atendimento parcial.
(R-7) Eu, que sou da área de arte, trabalhar música, teatro e dança é a maior dificuldade.
(R-8) Entendimento da Língua Portuguesa.
(R-9) Interagir com os ouvintes.
(R-10) A compreensão de termos específicos.
(R-11) São muitas: na disciplina de física até o professor intérprete tem dificuldades, então o aluno surdo terá muito mais.
(R-12) O domínio da Língua Portuguesa.
(R-13) O professor não entender a Libras.
(R-14) Falta de material, principalmente visual.
(R-15) A própria língua divergente, o desconhecimento por parte dos professores e colegas de

como interagir; a falta de interesse comum aos ouvintes também. O comodismo (esperar pelo intérprete ou culpá-lo pelo seu fracasso).
(R-16) Dificuldade de comunicação entre professores. Intermediar a interação com os demais, falta de preparo do professor em lidar com os surdos.
(R-17) No geral eles não tem dificuldades com a disciplina.
(R-18) Nenhuma, desde que você tenha boa vontade de interagir.
5 - Como o aluno surdo interage com os colegas ouvintes e com o professor?
(R-1) -Fica dificultada com relação aos colegas porque eles se distanciam. -Na minha disciplina, mesmo eu não tendo curso de Libras, procuro aprender a Libras da matemática para manter a maior aproximação possível. (R1)
(R-2) Com os ouvintes quase não há interação, já com o professor há, e de forma efetiva.
(R-3) Na medida do possível, bem. Realizam trabalhos em grupos. Mas esta interação deveria ainda ser melhor quando suprida estas necessidades já postas nas outras respostas anteriormente.
(R-4) A interação é boa, pois temos a intérprete, quando ela precisa se ausentar fica difícil, como na aula temos 3 alunos surdos normalmente eles se interagem mais com os colegas surdos, mas há um bom relacionamento com os demais não surdos e comigo.
(R-5) Mediante o professor intérprete quase que exclusivamente.
(R-6) Depende de como é feito o processo de inserção do aluno na turma e o encaminhamento que os professores dão.
(R-7) Normal, se comunicam bem, tendo intérprete.
(R-8) Depende muito do aluno e da sala de aula, mas em geral a sala sofre mudanças positivas quando recebe um aluno(a) surdo.
(R-9) Os alunos surdos interage apenas com os colegas surdos, não interagem com ouvinte somente se um ouvinte souber Libras, com o professor intérprete apenas.
(R-10) São raras as vezes que isso ocorre, porém, o aluno surdo interagem com receio de ser rejeitado ou caçoado.
(R-11) O relacionamento entre o aluno surdo e seus colegas ouvintes e o professor são bem relacionados, todos vive em harmonia.
(R-12) É muito difícil a interação.
(R-13) Através do intérprete.
(R-14) Somente pelo intérprete.
(R-15) Precariamente, uma vez que usam línguas diferentes e geralmente estão condensados em grupos de surdos.
(R-16) É notório que há uma relação muito forte entre o intérprete e o aluno surdo, eles se interagem entre si e não dá muita possibilidade que o surdo aumente o relacionamento com outras pessoas.
(R-17) A interação não é muito comum entre os alunos, mas com o professor a interação é boa.
(R-18) Com o professor não vejo dificuldades quanto aos alunos nota-se um pouco de preconceito por não saberem a língua de sinais.
6 - Você acredita que a oralização do aluno surdo facilita sua interação com os demais colegas e professor em sala de aula?
(R-1) Em partes – as vezes quando um aluno surdo “solta” sua voz, os outros o olham de maneira “punitiva” constrangedora.
(R-2) Não acredito, até porque os que exprimem algum “som” esses são incompreensíveis.
(R-3) Muito, a oralização do aluno surdo é o ponto de partida para o esclarecimento quando necessário em sua avaliação, pois é neste (mundo – identidade surda) no qual eles possuem um domínio.
(R-4) Sim, mas o que realmente prevalece são os sinais.
(R-5) Facilitaria, mas considero inviável tal a dificuldade que isso causaria ao surdo.
(R-6) Não, sou totalmente contra a oralização. Sou a favor de uma sociedade bilíngue.
(R-7) Com certeza.
(R-8) Não!
(R-9) Sim, ajuda, porém alguns alunos tem muita dificuldade com a escrita.
(R-10) Sim, pois muitos alunos ouvintes ainda são muito preconceituosos diante dos alunos surdos. Quem sabe com a oralização, os alunos ouvintes deixem um pouco de lado esse preconceito por quem antes só utilizava a Libras como forma de se expressar.
(R-11) Não, porque o aluno surdo tem dificuldades no aprendizado de cada disciplina.

(R-12) Facilita.
(R-13) O aluno surdo tem que falar Libras.
(R-14) Sim.
(R-15) O aluno surdo deve manter sua identidade linguística e o ouvinte é quem deve aprender Libras.
(R-16) Sim, quando há uma oralização facilita muito a interação.
(R-17) Acredito que sim, pois a comunicação pode ficar melhor.
(R-18) A oralização é do ouvinte e o surdo tem a língua de sinais, portanto a oralização não facilita.
7 – Você percebe que o aluno surdo aprende melhor quando utiliza qual língua? Comente.
(R-1) Na verdade, na minha disciplina, (matemática) a Libras é a mais importante, mas deve ser seguida pela visual. A observação da construção no quadro é essencial para o entendimento.
(R-2) Libras, evidentemente, (se há outra desconheço). Entre os colegas surdos há mais interação, e aprendem melhor quando um ajuda o outro.
(R-3) Sem dúvida, e após fazer em minhas aulas esta prática, onde o aluno surdo busque o conhecimento sobre determinado assunto passado por mim, e apresente utilizando a língua de sinais. Neste momento o aluno surdo adquire melhor tal informação.
(R-4) A linguagem de sinais (Libras) porque é a língua que eles utilizam o tempo todo.
(R-5) Eles absolutamente não conseguem se comunicar em português, assim somente através de Libras.
(R-6) A língua de sinais, quando existe o domínio da língua pelo aluno e pelo intérprete que auxilia o aluno surdo.
(R-7) Libras, por isso a necessidade de intérprete.
(R-8) Acho que ele aprende melhor quando tem mais domínio da língua Portuguesa.
(R-9) A interpretação é a base de tudo, quanto mais imagem melhor.
(R-10) Ele aprende melhor quando utiliza Libras, pois é a língua que ele está mais bem adaptado.
(R-11) Sim ele aprende melhor quando utiliza a língua de sinais com apoio do professor intérprete.
(R-12) Libras.
(R-13) Libras.
(R-14) Sim. Não são todos que tem leitura labial.
(R-15) Obviamente que o aluno surdo deve recorrer à Libras.
(R-16) O desenvolvimento é melhor ou significativo quando é utilizado a língua de sinais e uma boa visualização.
(R-17) Quando utiliza a língua de sinais.
(R-18) A língua de sinais, porque é a 1ª língua deles.
8 – Você percebe que o surdo possui as mesmas condições de acesso e uso da informação na sociedade? Comente.
(R-1) Ainda não possui. Por exemplo, em minha escola não temos computador preparado para eles.
(R-2) Não tem as mesmas condições. Se a linguagem fosse mais visual talvez ajudaria.
(R-3) Condições de acesso pode até serem as mesmas, mas a qualidade desse acesso, que às vezes ficam a desejar, pensando nas minhas práticas em sala, trabalhar um filme com legenda na TV Pen-Drive muitas vezes não consegue fazer a leitura por motivo que corta as palavras e utilizar o multimídia sempre torna difícil devido ao curto tempo da aula em montar toda vez.
(R-4) Não, porque se falando em informação televisível por exemplo, a maioria das programações não existem tradutores (intérpretes) para o surdo.
(R-5) Não, devido às dificuldades que ele tem com a língua portuguesa.
(R-6) Não, pois não estamos numa sociedade que respeite de verdade o surdo e as suas necessidades.
(R-7) Sim. Depende do interesse dele.
(R-8) Sim, pelo menos os alunos para quem lecionei.
(R-9) Sim, mas de maneira mais calma.
(R-10) Não. O surdo muitas vezes é ignorado e devido à isso, não consegue encontrar formas de acesso e uso de determinadas informações que apenas estão disponíveis para os ouvintes.

(R-11) Nem sempre porque o raciocínio deles é mais lento do que um aluno ouvinte, mas nas redes sociais através do celular eles se comunicam.
(R-12) Não. A sociedade utiliza uma língua a qual não é nativa dos surdos.
(R-13) Não tenho conhecimento dos alunos fora do ambiente escolar.
(R-14) Na maioria dos casos. A tecnologia ajuda muito.
(R-15) Não, não apenas na escola (quando falta um intérprete, por exemplo) nas famílias e na sociedade em geral o surdo está excluído, inserido apenas.
(R-16) Não, para atender melhor às necessidades de informação, requer um maior nível de consciência por parte da sociedade em geral que lidam com pessoas com deficiência auditiva.
(R-17) Em partes, pois em alguns lugares a informação é apenas oral.
(R-18) Não, se ele não tiver um intérprete junto, ele fica alheio a informação.
9 – Você acredita que estes alunos surdos, quando concluem o Ensino Médio, estão preparados para o mercado de trabalho? Comente.
(R-1) Não necessariamente. Nem sempre os cursos são profissionalizantes.
(R-2) Não sei responder, mas... vai depender do aluno, do interesse, da família... das oportunidades que se lhe oferecem.
(R-3) Penso que ninguém consegue estar totalmente preparado ao término do Ens. Médio e que somente do decorrer do desenvolvimento da prática que podemos ter o preparo que será cobrado do sujeito, e isso serve para os alunos surdos também.
(R-4) Acredito que ainda não, nem os alunos não surdos grande parte não saem preparados também, precisamos de condições que realmente favoreça esses alunos e professores, para que haja uma verdadeira inclusão.
(R-5) Muito parcialmente, apenas para funções que exigem menos no plano da leitura e comunicação.
(R-6) Acredito que o aluno surdo que está incluído no Ensino Regular tem a possibilidade de ter contato com a sociedade ouvinte, mas não dá para afirmar que estejam totalmente preparados para o mercado de trabalho.
(R-7) Depende da área e do preconceito.
(R-8) Nem sempre, pois a falta de domínio do português escrito pode dificultar um pouco.
(R-9) Depende muito do aluno o qual o mercado ele procura, mas acredito que sim.
(R-10) Sim, pois acredito que não é apenas a conclusão de um grau de estudo que prepara para o mercado de trabalho e sim o seu esforço mais dedicação para conquistar o que você tanto almeja.
(R-11) Nem todos estão preparados para o mercado de trabalho, no ensino médio 50% esperam que o professor intérprete resolva as atividades do aprendizado.
(R-12) Não. Pois a metodologia de ensino não é adaptada para os surdos.
(R-13) Não – o ensino médio não prepara os alunos para o mercado de trabalho.
(R-14) Depende de qual ramo profissional que o mesmo pretende exercer.
(R-15) Nem os ouvintes estarão, o surdo ainda menos.
(R-16) Não, quando termina o Ensino Médio, nem os ouvintes e nem surdos estão preparados para o trabalho, pois não é uma escola técnica.
(R-17) Estarão preparados para desempenhar qualquer função; só resta saber se a sociedade proporcionará a função para ser desempenhada.
(R-18) Nota-se que quanto a 1º emprego acho que o surdo leva uma grande vantagem em relação ao ouvinte, são mais dedicados, e as empresas necessitam no seu quadro de trabalho um percentual de portadores de necessidades especiais. Nota-se uma garra maior.
10 – Há algum conteúdo específico em sua disciplina que prepara os alunos para o mercado de trabalho?
(R-1) Isso normalmente depende do currículo da escola, para a série que o aluno se encontra. Sempre que possível procuro materializar o conteúdo para utilização prática.
(R-2) Não há. Infelizmente tenho que admitir (mas, o estudo é para preparar para o “trabalho?”).
(R-3) Sim, inclusive foi realizado em sala pensando justamente nisso, em preparar este conhecimento teórico para que depois possam desenvolver na prática. O conteúdo realizado em sala foi: O histórico do sistema de escrita da língua de sinais e a História da escrita.
(R-4) Como trabalho com a disciplina “Fundamentos Psicológicos da Educação”, acredito que todos os conteúdos são importantes principalmente com esses alunos surdos que vão atuar como docente, pois estudamos todas as fases do desenvolvimento humano, na visão de vários teóricos.

(R-5) Minha disciplina é Língua Portuguesa e praticamente todos os conteúdos, leitura, escrita etc., preparam o aluno se não para o mercado de trabalho, ao menos para o mundo do trabalho.
(R-6) Na proposta do Ensino Médio Integrado segundo as DCNEM todas as disciplinas devem preparar também para o trabalho, tendo como visão o trabalho como princípio educativo, e não necessariamente para o mercado de trabalho.
(R-7) Sala de aula. Todas são da Formação de Docentes.
(R-8) Bem, a ideia não é preparar só para o mercado de trabalho, mas para que o aluno possa ser um cidadão integral, e as matérias são ministradas de forma a chegar nesta ideia.
(R-9) Sim, a filosofia os direciona ao ser pensante são várias áreas estudado em filosofia assim como os surdos e ouvintes o conhecimento é para todos.
(R-10) Sim; principalmente na parte de conversão de unidades.
(R-11) Sim: cálculos de porcentagens, termômetros, temperaturas, medidores eletricidade.
(R-12) Não, porque a língua portuguesa é a segunda língua dos surdos.
(R-13) Não.
(R-14) Todos, não só para o mercado de trabalho, bem como para a vida cidadã.
(R-15) Creio que através da socialização já preparamos para o trabalho, mas principalmente no chamado "currículo oculto" estamos constantemente tratando deste tema.
(R-16) Sim, há alguns conteúdos que ajudam a desenvolver o raciocínio, ajudando-o no seu dia a dia, apesar da dificuldade de relacionamento.
(R-17) Sim, pois explica os fenômenos físicos.
(R-18) Sim, quando trabalhamos a parte de estatísticas, porcentagem, juros, probabilidade etc.
11 – Estes conteúdos estão relacionados com o surdo e sua inserção no mercado de trabalho?
(R-1) Não necessariamente.
(R-2) É preciso, admito, repensar nos conteúdos para os surdos. O que tenho feito é mudar o encaminhamento, preparando "slides" para "facilitar".
(R-3) Como dito anteriormente, estão relacionados sim, pois trabalho metodologia de alfabetização e história com isso, possibilidades não faltam para relacionar a teoria com a prática e a inserção no mundo do trabalho.
(R-4) Sim, pois quando estudamos a contribuição da psicologia para nossa vida, conseguimos entender a nossa subjetividade e isso é muito importante para o surdo na sua inserção no mercado de trabalho aceitando a sua singularidade o que constitui o seu modo de ser e de atuar na sociedade.
(R-5) Muito pouco, tendo em vista as dificuldades que os surdos apresentam com a leitura e a escrita em português.
(R-6) Sim, para a inserção do surdo ao mundo do trabalho, articulando a ciência, tecnologia e cultura, na proposta de formação integral, pois temos como proposta uma formação humana para a vida, que nela inclui também formar o indivíduo como ser social e se reconhecer como tal.
(R-7) Sim.
(R-8) Não.
(R-9) Não diretamente, mas sempre há um debate sobre a inclusão social.
(R-10) Não.
(R-11) Sim, se ele for trabalhar como enfermeiro terá utilizar termômetro – medir temperatura dos pacientes. Se for trabalhar como eletricista, terá que saber medir corrente elétrica, ou em uma eletrônica como técnico.
(R-12) Não.
(R-13) Não.
(R-14) Sim.
(R-15) Por não dominar Libras, não posso assegurar que o aluno surdo tenha contato com o currículo oculto acima mencionado, porém creio que o ambiente escolar contribui para uma perspectiva do mundo do trabalho, ainda que precariamente.
(R-16) De certa maneira estão relacionados, pois os conteúdos trabalhados ajudam o seu desempenho em cálculos, operações etc.
(R-17) Em partes, alguns conteúdos serão utilizados outro não.
(R-18) Sim.

APÊNDICE G – INFOGRÁFICO COMPLETO DO PERFIL DOS RESPONDENTES
SURDOS

PERFIL DOS RESPONDENTES SURDOS

GRUPO 1

Mercado de Trabalho

Todos já trabalharam, apenas um não está trabalhando no momento, sendo:

- Professor
- Instrutor
- Amoixeiro
- Designer

CONTRATADO PELA LEI DE COTAS?
 3 Sim
 2 Não soube dizer
 1 Não

Todos admitem ter dificuldades na Leitura e escrita da Língua Portuguesa sempre ou algumas vezes.

Dos sete surdos, seis preferem utilizar a Libras na troca de informações com surdos ou ouvintes. Apenas um, afirma que prefere a Leitura labial. Nenhum dos surdos deste grupo possui surdez leve.

3 Ensino Superior Incompleto
 2 Ensino Superior Completo
 1 Pós-graduação
 1 Ensino Médio Completo

Primeira Língua: Libras

Todos já conversaram com ouvintes

Utilizando...

GRUPO 2

Mercado de Trabalho

Cursos profissionalizantes?
 5 Sim
 3 Não

Todos admitem ter dificuldades na Leitura e escrita da Língua Portuguesa sempre ou algumas vezes.

Dos oito surdos, quatro preferem utilizar a Libras na troca de informações com surdos ou ouvintes; um prefere a oralidade, dois a escrita e um a mistura de métodos. Neste grupo um surdo possui surdez leve e outro é surdo pós-lingual.

4 Primeira Língua: 7 Libras
 4 Segunda Língua: 1 Língua Portuguesa

87,5% já conversaram com ouvintes

Utilizando...

GRUPO 3

Mercado de Trabalho

Todos possuem cursos profissionalizantes.

Dificuldades na Leitura e escrita da Língua Portuguesa? 1 Sim; 3 algumas vezes; 1 Não (surdo pós-lingual).

Dos cinco surdos, três preferem utilizar a Libras na troca de informações com surdos ou ouvintes; dois preferem a oralidade (destes um é surdo pós-lingual e ambos apresentam surdez leve em algum dos ouvidos).

2 Primeira Língua: 4 Libras
 3 Segunda Língua: 1 Língua Portuguesa

4/5 já conversaram com ouvintes

Utilizando...

APÊNDICE H – VÍDEOS UTILIZADOS NOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS COM
OS SURDOS

Links dos vídeos utilizados no questionário aplicado com os surdos:

Vídeo	Link
Apresentação	https://www.youtube.com/watch?v=uMaiUU6nnHo
Questão 4	https://www.youtube.com/watch?v=1IABHcylzFo
Questão 5	https://www.youtube.com/watch?v=lz53iBYOuQQ
Questão 6	https://www.youtube.com/watch?v=4Vaz9qKW3MA
Questão 7	https://www.youtube.com/watch?v=EB1WKzJBnU4
Questão 8	https://www.youtube.com/watch?v=ndXoy2BBV0g
Questão 9	https://www.youtube.com/watch?v=vJox3TxfaxM
Questão 10	https://www.youtube.com/watch?v=mnn2u5IK47U
Questão 11	https://www.youtube.com/watch?v=A0TWaB89_H8
Questão 12	https://www.youtube.com/watch?v=vxQVJkxRdmw
Questão 13	https://www.youtube.com/watch?v=O7Wfuyg2780
Questão 14	https://www.youtube.com/watch?v=d_gYx0A9lkk
Questão 15	https://www.youtube.com/watch?v=70OpEvk-8ig
Questão 16	https://www.youtube.com/watch?v=WbM0uXhO28
Questão 17	https://www.youtube.com/watch?v=uZz1WW2CBDw
Questão 18	https://www.youtube.com/watch?v=SW8xxfaAZ0
Vídeo explicativo: Escala de Likert	https://www.youtube.com/watch?v=Tr4Xmaur9RQ
Assertiva 1	https://www.youtube.com/watch?v=X1f7tJOxuT0
Assertiva 2	https://www.youtube.com/watch?v=ue7akFRlpxk
Assertiva 3	https://www.youtube.com/watch?v=1TEPRcA_w4M
Assertiva 4	https://www.youtube.com/watch?v=AU0pM0gTvkQ
Assertiva 5	https://www.youtube.com/watch?v=wn0yC-b6_lw
Assertiva 6	https://www.youtube.com/watch?v=ZYzMvsXOH6l
Assertiva 7	https://www.youtube.com/watch?v=v7u-PoelG1A
Assertiva 8	https://www.youtube.com/watch?v=-TJz8uZllvQ
Assertiva 9	https://www.youtube.com/watch?v=1QcRZUbFJzA
Assertiva 10	https://www.youtube.com/watch?v=135b7GGbMJw
Assertiva 11	https://www.youtube.com/watch?v=fSvIT4R5rT0
Assertiva 12	https://www.youtube.com/watch?v=SVbHH4HI-QI
Assertiva 13	https://www.youtube.com/watch?v=-Njt3k304vU
Assertiva 14	https://www.youtube.com/watch?v=3Cv8-WifJ4M
Assertiva 15	https://www.youtube.com/watch?v=cE7JHKf-LSc
Assertiva 16	https://www.youtube.com/watch?v=BXZr0T3Mpys
Assertiva 17	https://www.youtube.com/watch?v=9wU_SxD1_hM
Assertiva 18	https://www.youtube.com/watch?v=crllNgrZ50o
Assertiva 19	https://www.youtube.com/watch?v=kDOt_0R4fXE
Assertiva 20	https://www.youtube.com/watch?v=2InCrndSs7g
Assertiva 21	https://www.youtube.com/watch?v=HHooZW4mRq4
Assertiva 22	https://www.youtube.com/watch?v=-gKaA3tRh60
Assertiva 23	https://www.youtube.com/watch?v=PeW/cSPET2gA
Assertiva 24	https://www.youtube.com/watch?v=iLNz8fjswxk
Assertiva 25	https://www.youtube.com/watch?v=UjRvXy-lf6A
Assertiva 26	https://www.youtube.com/watch?v=rDlitns8yJo